

Fundamentos de Psicanálise Reencarnacionista

Fernanda Suhet

FUNDAMENTOS DE PSICANÁLISE REENCARNACIONISTA.....	1
PREFÁCIO.....	4
I – INTRODUÇÃO.....	7
1) O Mito de Kheíron e o Profissional de Terapia	9
2) O Arquétipo do Curador e do Mestre.....	10
3) O Exercício Profissional e a Personalidade do Analista	18
4) Projeção e Neurose de Transferência	21
5) O Self e as Parcerias Espirituais	29
6) O Processo de Análise.....	32
7) A vontade e os instintos	38
8) Livre-Arbítrio, Dharma e Karma	41
II – CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO PROCESSO DE ANÁLISE	44
1) Psique.....	44
2) Processo de Formação da Consciência Objetiva.....	48
A) O Eu, a Personalidade e a Persona	55
Gráfico 1 – Constituintes da Psique	56
3) Teoria dos Arquétipos.....	58
4) Modelo “Piramidal” Do Inconsciente	64
1) A ponta do Iceberg – a Consciência Objetiva e o Inconsciente Pessoal	65
2) Faixa Intermediária – Inconsciente Pessoal	66
3) A Base – O Inconsciente Coletivo Humano e o Inconsciente Coletivo Universal	71
5) A Sombra	76
a) A Sombra Freudiana	76
b) A Sombra Junguiana e a Sombra Reencarnacionista.....	77
c) Formação da Sombra Individual.....	80
d) Sombra Familiar e Sombra Pré-Reencarnatória.....	82
e) Sombra Arquetípica.....	83
f) Projeção da Sombra nos Obsessores.....	84
g) Reintegração da Sombra	85
6) O Feminino e o Masculino Primordiais	88

a) Casais Divinos Dentro de Nós.....	88
b) A Anima e o Animus no Processo de Reencarnação.....	92
c) Além do Animus e da Anima	94
d) Anima e Animus nos Sonhos	96
e) A Possessão da Anima e do Animus.....	97
f) O Casamento Sagrado	99
g) Relacionando-se com o Animus e a Anima	101
7) O Self.....	104
a) Símbolos do Self	109
8) Processo de Individuação.....	110

Prefácio

Não é para trás que a teoria da reencarnação se justifica, mas para frente. Os fatos empíricos que a tornam incontestável não são encontrados de forma absoluta e coletiva em eventos que partam do presente para o passado, e sim do presente para o futuro. Regressões pessoais, realizadas espontaneamente ou por hipnose, têm validade emocional e somente para os indivíduos que as vivenciam. E dependem da fé.

Por outro lado, a evolução ordenada do Cosmo e da própria vida neste planeta não é algo subjetivo; é um fato. Tão concreto quanto uma cadeira ou uma pedra que não precisam ser questionadas sobre sua existência e estão ali para quem as quiser ver.

A teoria da reencarnação igualmente poderia ser chamada de teoria da evolução da consciência, pois ela traz para a realidade empírica a certeza de que, inseridos neste Universo como qualquer outra forma criada, não nos constituímos em exceções e também estamos em constante processo de expansão.

A partir do Big-Bang, há um fio condutor, uma Energia Impulsionante que cria, destrói e recicla as formas em algo sempre novo e diferente, excluindo completamente a possibilidade de que os elementos constituintes de qualquer coisa criada possam se perder para sempre após a desintegração da forma. Os átomos de nosso corpo compunham a matéria de estrelas extintas há bilhões de anos e comporão, em breve tempo, os corpos dos vermes que deles se alimentarem, até que estes mesmos vermes cedam seus átomos a outras formas além de si mesmos. E a Terra, com tudo que há nela, será, em algum momento daqui a cinco ou sete bilhões de anos, engolida e reabsorvida pelo Sol antes que seu núcleo desmorone e ele se torne uma anã branca ou exploda.

Acompanhar o fio condutor da evolução das formas já não nos é mais impossível ou mesmo chocante. E as cosmogonias que apresentavam a formação da Terra e de um ser humano do 'nada' ao estado de pronto e acabado são hoje facilmente entendidas como mitológicas e simbólicas. Curiosamente, entretanto, temos nos debatido violentamente contra a idéia de que também a consciência humana esteja inserida no contexto da Criação e não nos permitimos simplesmente assumir que também ela passa e passará por diferentes formas e expressões.

Neste sentido, assemelhamo-nos ainda aos homens medievais cuja mentalidade orgulhosa não conseguia sequer conceber que a Terra não era o centro do universo. Continuamos nos acreditando merecedores de uma regra de exceção e, desta forma, possuidores da única 'coisa' no Cosmo que não se submete à lei de evolução em suas fases de criação, destruição e reelaboração em outra forma.

A vaidade humana, tornada incapaz de nos sustentar fisicamente como umbigos da Criação, continua tão presente quanto nos milênios anteriores, mas agora reservando à consciência humana individual a 'prerrogativa' de não precisar

continuar evoluindo. Poder-se-ia, com razão, objetar que a consciência individual não é algo físico e por isto não estaria sujeita às leis de expansão do universo. Mas a esta objeção se contrapõem os estudos antropológicos, filosóficos, históricos e psicológicos que demonstram empiricamente que a consciência humana como um todo vem evoluindo gradualmente desde o surgimento do homo sapiens: o que a coloca bem dentro deste conceito expansivo, como qualquer 'coisa' no Universo.

Desbancada a idéia de que não estamos evoluindo, os detratores se aferram no conceito de que só temos evoluído em termos de conjunto e que em nível individual uma vida de 70 ou 80 anos não pode fazer muito por si mesma e não está plenamente inserida neste contexto evolutivo. Contudo, é exatamente nesta lacuna que se percebe a coerência da teoria da encarnação, pois o comportamento do conjunto apenas indica o que lhe acontece com as partes. A estatística mostra claramente isto, pois a chamada 'tendência' ou 'moda' é apenas uma outra maneira de dizer que os **indivíduos** de um grupo estão se comportando de forma idêntica e seguem a mesma direção. E a psicologia de grupos referenda esta realidade para a psique humana todo o tempo.

Desta forma, se as consciências humanas estão evoluindo em grupo, constantemente se reciclando e se reelaborando, seria assombroso descartar a possibilidade de que isto não estivesse acontecendo também aos elementos individuais deste grupo. Aliás, o conceito de individualidade estaria irremediavelmente perdido se pudéssemos supor que a consciência humana só se justifica como elemento indiferenciado para a evolução do conjunto e não tem importância direcionada a cada ser especificamente.

Esta massificação do indivíduo retiraria instantaneamente de sua vida pessoal qualquer valor. Suas dores, alegrias, angústias e conquistas deixam de lhe pertencer e perdem qualquer sentido particular. A riqueza de suas experiências e aprendizados deixa de ser importante para ele mesmo uma vez que ele não passa de mera peça de um conjunto, desprovida de sentido individual. Parece-nos familiar esta realidade? E o é, pois este sentimento é o "Grande Irmão" dos últimos séculos, que tem provocado uma sensação de vazio e inutilidade, elevado a depressão ao 'status' de doença endêmica no globo e levado a toda sorte de descasos das pessoas sobre si mesmas. E tudo isto simplesmente porque ainda nos aferramos à idéia de que nossa consciência e nossa vida particular não estão tão inseridas na evolução como quaisquer outras coisas. A globalização e a cultura de massa têm o seu valor na medida que possuem o potencial de democratizar conhecimentos e recursos, mas perdem completamente o sentido e a utilidade se imputam a despersonalização do ser.

E a remissão desta situação passa por nos inserirmos **individualmente** dentro da Criação e assumirmos que nossa própria consciência tem, como todo o resto, um fio condutor que a leva adiante, dando sentido às experiências individuais passadas, presentes e futuras. Neste ponto as pessoas de camadas culturais mais elevadas ou habitantes de países desenvolvidos podem objetar que este sentido para a vida pode ser encontrado a partir da meia idade se o indivíduo se dispuser

a isto ou, ainda, se ele for detentor de uma fé ou religiosidade autêntica, descartando qualquer necessidade de um conceito reencarnatório. No entanto, mais da metade da população mundial vive em estado de miséria ou está em guerra, o que leva a vida de muitos indivíduos a terminar violentamente muito antes da meia idade, quando não durante a infância. Não é na vida organizada de uma metrópole de primeiro mundo que o conceito de evolução da consciência em uma única encarnação sofre abalos: é na existência da periferia, na favela do terceiro mundo, na guerra, na miséria absoluta e na morte prematura que a vida individual perde qualquer sentido se não houver um conceito reencarnatório evolucionista a embasando e a reinserindo na expansão do Universo. Estas não são vidas de exceção, não são vidas à parte da Criação e têm um sentido para o desenvolvimento da consciência individual tanto quanto qualquer outra mais afortunada.

Precisamos, neste ponto, diferenciar a teoria da reencarnação das profissões de fé que colocam estas vidas miseráveis em uma situação de mera aceitação e conformação com o mal na 'garantia' de um mundo melhor após a morte. A evolução da consciência está em franca oposição a este tipo de passividade e, mais uma vez, o comportamento do conjunto pode nos dar uma clara idéia de qual é o comportamento esperando dos indivíduos. Enquanto grupo, a consciência humana evoluiu a partir do estado de não-conformação com os limites naturais e com a franca utilização de recursos de intuição, inteligência e criatividade para superar estes limites. Adquirindo maior experiência e conhecimento que a leva adiante, a consciência humana se amplia a partir destes limites, ou seja, é exatamente uma dificuldade que a retira do estado inercial e a põe em rumo de evolução. Da mesma forma, as limitações e misérias individuais devem ser vistas como desafios a serem superados e não como tragédias a serem meramente suportadas em nome de um 'além'.

E ainda que a humanidade realmente acredite em uma vida após a morte, não é nela que a consciência evolui, mas na matéria mesmo. Qualquer que seja a religião que se aborde, existe um consenso de que 'no além' o estado da consciência é estanque e o ser permanece ali na mesma configuração de estado emocional e inteligência que tinha ao morrer. A evolução da consciência, portanto, sofre uma espécie de 'parada' depois da morte e uma vida que tenha sido 'sem sentido' aqui, permanece sem sentido além. É para que possamos buscar este sentido individual de existir que reencarnamos.

Brasília, outubro de 2001

I – Introdução

Convém iniciar este trabalho explicando que aliar a psicanálise à reencarnação não é uma prerrogativa desta ou de qualquer outro escritor. Pelo contrário: temos notícia de que já há alguns anos surgiu na França um movimento de jovens psicanalistas que além de se recusarem a seguir estritamente a 'cartilha da IPA', estão estudando e aplicando na análise de seus pacientes os conceitos reencarnacionistas. No Brasil, igualmente há anos, existem outros psicanalistas que têm não somente abraçado estes conceitos em suas clínicas, como também corajosamente levantado bandeiras neste território em publicações isoladas.

Não há ainda, contudo, um escopo teórico único e, assim como em várias áreas do conhecimento humano, podemos depreender que a irrupção deste movimento de maneira simultânea na mente de vários pesquisadores isolados e desconhecidos entre si está se processando graças à pressão do Inconsciente Coletivo. Honestamente acreditamos que este fenômeno seja uma resposta deste mesmo Inconsciente Coletivo a um sentimento de vazio que acompanha a sociedade tecnológica atual, graças ao excessivo mentalismo que nos leva a apartar do dia-a-dia a dimensão espiritual da vida humana.

Um outro motivo que pode estar levando ao Inconsciente Coletivo a este movimento encontra-se no fato de que a psicanálise 'clássica' apresenta, como bem o disse Freud em seus últimos trabalhos, limites que podem levar ao profissional experimentado a uma ilusão de inutilidade, pois um paciente analisado por anos pode rerepresentar um conflito neurótico em outras 'versões' anos depois de ter finalizado seu processo de análise a contento. E é na busca das explicações para estes movimentos regressivos que muitas vezes nos defrontamos com a necessidade de pesquisar em outras áreas os conhecimentos que poderão nos levar não somente ao entendimento destes processos, mas também a uma maior efetividade no tratamento de nossos pacientes.

A psicanálise tem uma característica 'multidisciplinar' intrínseca que a levou a dividir-se e multiplicar-se em diversas linhas, pois, na prática e no tempo, ela tem demonstrado que, ao contrário do que Freud preconizava, é muito menos a utilização desta ou daquela técnica de acesso à psique e muito mais o que preconiza a etimologia da palavra: análise da psique. Isto fez com que a psicanálise, também chamada por Freud e Jung de psicologia profunda, deixasse de ter uma técnica e um escopo teórico únicos, e passasse a se apresentar quase como que um maravilhoso pathwork de ferramentas analíticas, no qual fragmentos aparentemente dispersos e desconexos de 'tecido' se juntam em uma configuração harmônica quando vista à distância. É por este motivo que Jung afirma em seus trabalhos que o profissional de psicanálise tem, necessariamente, que conhecer e saber utilizar não apenas uma abordagem da psique, mas tantas quantas forem possíveis serem aprendidas e usar, em cada caso individual, a base teórica que melhor se adequar ao seu paciente presente. Também por isto Freud

defendeu até o fim de sua vida que a psicanálise não se configurasse um reduto de psiquiatras, mas agregasse em seu corpo profissional analistas 'leigos', ou seja, oriundos de várias outras áreas do conhecimento humano. Desta forma, nos parece natural que em seu próprio processo evolutivo, a psicanálise esteja agora recebendo do Inconsciente Coletivo mais uma 'ferramenta', configurada pelos conceitos reencarnacionistas, que irão se agregar a seu tecido teórico em favor dos pacientes.

Convém explicar que a despeito de o profissional de psicanálise poder – e até mesmo dever – valer-se de certa plasticidade no atendimento de cada paciente a fim de atingir maior eficácia em sua intervenção, nenhum de nós foge à necessidade de possuir uma cosmovisão individual através da qual irá filtrar e dominar todas as ferramentas analíticas das quais dispõe. Esta cosmovisão é nossa porta de entrada na teoria analítica, e ainda que a prática possa nos levar a outros cômodos deste imenso edifício, cada um de nós não pode fugir da realidade de ser tão humano quanto qualquer um de seus pacientes e, assim, ter uma abordagem individual peculiar do universo.

Ao que nos parece, a cosmovisão que se coloca à psicanálise reencarnacionista escora-se em um sentido evolucionista, no qual as experiências da vida presente do indivíduo se juntam às experiências não somente da humanidade, via patrimônio do Inconsciente Coletivo, mas também a um aspecto da psique deste único indivíduo que perdura de uma encarnação para outra agregando em si mesmo o patrimônio do próprio passado individual em benefício do presente e do futuro igualmente individuais. E é justamente o teor deste patrimônio e suas formas de manifestação que serão apresentados ao longo deste trabalho. Não pretendemos, de forma alguma, fazer grandes inovações ou surpreendentes revelações relativas ao escopo teórico da psicanálise. Temos antes de nós pesquisadores de gênio suficientemente inspirados, tais como Jung ou Freud, que já dedicaram toda sua existência a este fim e que, até hoje, ainda não são devidamente compreendidos em toda sua amplitude. E será em um destes pesquisadores – Carl Gustav Jung – que iremos nos escorar para explicar de que maneira é possível agregar o conhecimento da reencarnação a todo o restante do conhecimento psicanalítico.

É importante que ressaltemos que nem em suas Obras Completas, nem em sua autobiografia, Jung confessou professar a teoria da reencarnação e, desta forma, se estamos lhe tomando de empréstimo conceitos como Inconsciente Coletivo, Psique, Anima/Animus e, ainda, ferramentas como Imaginação Ativa e Análise Prospectiva dos Sonhos, é porque estas se nos afiguram mais próximas da utilização efetiva para a construção de uma abordagem evolutiva da psique. Honestamente acreditamos que Jung realizou um trabalho impecável em suas pesquisas e na dissecação dos conceitos que levaram à construção de sua abordagem da psicologia profunda. E a verdade é que nada há a corrigir em seu trabalho, pois nossa única e individual contribuição ao mesmo está em uma subdivisão do Inconsciente em mais faixas do que as que ele preconizou, mas ainda assim, não fugimos do modelo apresentado por ele.

Este livro, portanto, não tem a finalidade de desobrigar o estudioso de um contato aprofundado do trabalho de Jung, e se apresentamos aqui nossa própria leitura do mesmo, fazemo-lo apenas para que o leitor se sinta estimulado a seguir adiante na obra junguiana. Da mesma forma estaremos eventualmente apresentando algo da teoria freudiana, mas em muito menor intensidade e profundidade, pois não foi esta nossa porta de entrada na teoria psicanalítica e deixamos aos profissionais desta linha a prerrogativa e o privilégio de fazer aos seus leitores a apresentação do trabalho deste brilhante pesquisador.

Quanto à estrutura deste trabalho, esclarecemos que ele se destina ao pesquisador ou profissional de psicanálise, e se tentamos ao longo do mesmo manter uma clareza que o torna perfeitamente legível até mesmo ao leigo que jamais tomou contato com qualquer outro trabalho psicanalítico, não pudemos nos furtar da exploração técnica dos conceitos aqui expostos. Ainda assim, na tentativa de torná-lo mais compreensível, iniciamos nossa abordagem por um mito, o mito de Kheíron ou Quíron, que permeia a psique de quase todos os profissionais de psicanálise e, a partir dele, vamos explicando os conceitos que formam a psicanálise junguiana e, o que entendemos por psicanálise reencarnacionista.

1) O Mito de Kheíron e o Profissional de Terapia

Como grande parte da mitologia que chegou até nossos dias, o Mito do Centauro Kheíron possui várias versões e, na mais conhecida delas, ele nasceu da união entre Fílira e Crono quando este assumira a forma de um cavalo. Conta-se que vivia em uma gruta, no monte Pélion, e era amigo dos homens e dos deuses, tendo sido o responsável pela criação dos heróis e dos filhos dos deuses, além de inventor da Arte e da Cura. Era conhecido como o mais sábio e mais justo dos centauros, e as versões são unânimes em concordar que sua fama como curador, erudito e profeta, espalhou-se por toda parte.

Esta fama não o impediu, contudo, de sofrer um trágico destino: seja por ter lutado ao lado de Hércules em uma batalha contra os outros centauros, seja por ter hospedado o mesmo Hércules quando este caçava o javali Erimanto, o fato é que Kheíron foi ferido acidentalmente em sua parte animal por uma das flechas que o herói embebera no sangue da Hidra de Lerna. O ferimento seria mortal para um mortal, mas Kheíron era um imortal – olímpico para alguns, titânico para outros – e, assim, estaria condenado a sofrer por toda eternidade uma dor lancinante, provocada por um veneno para o qual ele, o grande curador, não tinha antídoto.

Ferido e uivando de dor, Kheíron recolheu-se em sua gruta e, tempos depois, quando Zeus exigiu um substituto para Prometeu – que roubara o fogo dos deuses e lhe entregara aos homens, tendo sido punido por Zeus e libertado por Hércules – Kheíron trocou de lugar com o filho do titã Jápedo, podendo, enfim, descansar de sua dor. Em algumas versões Zeus exigiu que ele descesse ao Hades e sofresse a morte, em outras, ele subiu aos céus, transformado na Constelação de Sagitário cuja flecha representa a síntese dinâmica do homem voando através do conhecimento para a transformação de ser animal em ser espiritual.

Seja como for, o mito de Kheíron representa um ser que é capaz de curar e dar sábios conselhos proféticos para os males daqueles que o procuram, mas não tem a solução para todos os seus próprios males e permanece envenenado pelo choque entre sua natureza benigna e a escuridão do mundo.

2) O Arquétipo do Curador e do Mestre

Analisando esta história, descortinamos de pronto que ela é uma referência ao Arquétipo do Curador e do Mestre que instrui e orienta. Assim, nosso primeiro conceito a ser explanado é exatamente o de Arquétipo. Do ponto de vista estritamente léxico, arquétipo é um conceito bastante simples e pode ser resumido em 'um prótipo, um modelo para os seres criados'. Contudo, do ponto de vista filosófico, e também do ponto de vista junguiano, o termo Arquétipo se enche de uma complexidade conceitual não tanto por sua definição, mas graças às implicações que ela tem.

Nos estudos de Jung, os arquétipos são conceituados como modelos de atuação da psique humana e da interação desta tanto com sua realidade intrapsíquica, quanto extrapsíquica. Eles seriam os equivalentes humanos aos instintos animais, mas esta equivalência, contudo, não pode ser levada ao pé da letra, pois diferentemente dos animais, o ser humano possui a prerrogativa de, conforme vai evoluindo e adquirindo consciência de si mesmo, escolher a melhor maneira de manifestar os Arquétipos e não se tornar simplesmente presa de um roteiro preestabelecido. Desta forma, ele pode atuar frente ao Arquétipo com uma atitude pessoal e individual e, em contrapartida, isto leva à modificação e à evolução da apresentação do próprio Arquétipo. A história da mitologia e dos contos de fada mundial está repleta de exemplos desta natureza, na qual uma energia arquetípica vai aparecendo gradualmente modificada conforme nos dispomos a acompanhá-la ao longo do tempo.

Este fenômeno deve-se ao fato de que conforme indivíduos isolados começam a ter uma atitude diferente frente a energia arquetípica, com o passar do tempo, mais e mais indivíduos se somam aos primeiros, e a modificação no tratamento arquetípico se traduz em uma modificação da mitologia relacionada a ele. Foi o que se deu, por exemplo, com o arquétipo do Feminino Primordial: a Deusa Mãe,

toda poderosa, sofreu a perda de sua força e poderes absolutos, notadamente na mente ocidental, tão logo a humanidade começou a privilegiar atitudes de força e racionalidade que são mais francamente encontradas nos deuses masculinos. Isto fez com que os mitos da Deusa Mãe começassem a apresentá-la fragmentada em várias e, na maior parte das vezes, sujeita à ingerência e vontade de algum deus masculino. Os poderes de Hera, por exemplo, são muito menores e menos abrangentes que os de Zeus, principalmente se a compararmos às sumerianas Inana e Ereshkigal ou à indiana Kali.

Contudo, atrevemo-nos a dizer que não é exatamente o Arquétipo que evolui em si mesmo, mas apenas a capacidade humana de abarcar todas as suas facetas. Em nossa visão reencarnacionista, um Arquétipo é uma forma peculiar de manifestação da Energia Divina Primeira, uma espécie de 'especialização' desta Energia que se manifesta objetivamente em infinitas gradações. Poderíamos compará-los a uma cor do espectro que tem em si infinitas variações de tonalidade: quanto mais o olho do artista vai sendo treinado para identificar estas gradações, mais ele as consegue manipular de forma graciosa em sua palheta. Assim, chegamos a uma outra característica dos Arquétipos: eles se nos apresentam em faces, camadas ou gradações, tal qual um diamante multifacetado ou uma enorme cadeia de montanhas, e cada pessoa ou cultura será capaz de ver, compreender e 'percorrer' apenas um reduzido trecho desta realidade. E é somente no estudo da mitologia comparada que poderemos efetivamente nos aproximar mais de uma espécie de 'visão tridimensional' do Arquétipo e, ainda assim, será apenas e tão somente uma visão parcial, pois em toda sua amplitude ele nos parece algo como a Verdade Absoluta: decididamente incognoscível.

Acreditamos que por serem uma emanção da Fonte Divina Primeira, os Arquétipos são infinitamente maiores do que qualquer um de nós consiga compreender e possuem uma espécie de supraconsciência. E esta última característica é, seguramente, a mais difícil de ser compreendida pela mente humana. Uma supraconsciência pressupõe, obviamente, um foco, um centro que a torna individual e única ao mesmo tempo que a faz transcendente. E isto no leva a perguntar como se dá esta transcendência e como uma entidade única pode simultaneamente participar da formação de outras consciências? A resposta a estas perguntas é em verdade bastante simples e pode ser compreendida através de uma metáfora: um verdadeiro mestre e professor, que todos nós sabemos poder representar para seus alunos uma espécie de 'modelo de conhecimento específico', ao transmitir este conhecimento a um aluno, está não só lhe passando informações que deverão ser arquivadas em sua mente, mas igualmente ativando um desejo, e possivelmente a mesma paixão que motivou o professor. Isto fará com que o aprendiz não só se 'identifique' com seu mestre e vá adiante dele, mas o levará a tomar 'posse' deste conhecimento e possibilitará que dê por si mesmo alguma contribuição para que a área a qual se dedica a estudar.

E assim como o professor seria o 'modelo introjetado' pelo aluno, participando da construção psíquica deste, sem que isto obrigue a um ou outro à perda de sua

individualidade, o Arquétipo tem em relação a nós a mesma capacidade: despertar ou produzir uma atitude, um modo de ser. Observemos, ainda, que quando analisado em profundidade anos depois, muitas vezes o antigo aprendiz irá apresentar em sua maneira de abordar os assuntos pertinentes à área de conhecimento do professor, muito do seu 'jeito de ser' e seu jargão e até mesmo seu comportamento exterior pode refletir, vez por outra, a influência do antigo mestre.

Percebamos que esta metáfora apresenta uma dupla característica do Arquétipo: de um lado o mestre se apresenta como um 'modelo' e, do outro, existe a necessidade de que o aluno tenha dentro de si 'algo' que o faça se identificar com este mesmo professor específico, uma espécie de paixão adormecida pelo conhecimento, que o tutor evoca na alma do tutelado. E aqui chegamos à definição da outra característica do Arquétipo: além de ser um modelo que nos inspira, ele igualmente participa da nossa formação psíquica – é a 'paixão adormecida' que o professor desperta. Podemos entender isto se compreendermos que Arquétipos são os 'elementos químicos' da psique humana: assim como os cento e poucos elementos químicos da Tabela Periódica são os mesmos em todo Universo e capazes de formar toda a realidade conhecida, do grão de areia à mais longínqua estrela, os Arquétipos são os elementos psíquicos comuns à toda humanidade que combinados e recombinados nas mais diferentes gradações contribuem para a formação da psique individual de cada um de nós. E é, finalmente, este o significado do que Jung quis dizer ao compará-los aos instintos animais: qualquer que seja a latitude e longitude planetária ou o momento histórico que o homem viva, sentimentos e motivações como amor, ódio, rancor, ciúme, compaixão, sede de conhecimento etc. são exatamente os mesmos. O que varia são as modificações individuais e culturais da manifestação destes sentimentos e estas variações se ilustram, repitamos apenas para reforçar, nas variações mitológicas de cada cultura.

Analisaremos em detalhe o porque destas motivações quando estivermos falando do Modelo Piramidal do Inconsciente e, neste ponto, voltemos ao mito de Kheíron. Vamos retomá-lo esclarecendo que é um Arquétipo extremamente complexo e profundo, mas que para os objetivos deste trabalho, estaremos concentrados mais fortemente em uma de suas faces, na qual Kheíron é o Curador. Note que ele não é o Arquétipo do Médico, mas aquele que cria a *arte da cura*, na qual está incluída a medicina. Ele é o instrutor de Asclépio e, portanto, faz referência a uma energia que está *antes* ou por trás da profissão de médico. Kheíron está relacionado diretamente com a energia flui através das mãos de todos os que de alguma forma se dedicam de coração a trazer o equilíbrio físico, emocional e/ou mental para o próximo, sejam eles psicanalistas, médicos, enfermeiros, psicólogos etc.

No mito, Kheíron é filho do deus Crono – relacionado com o Tempo, a estrutura física e a colheita kármica – e Fílira, filha do deus Oceanos, uma deusa da qual pouco se sabe, exceto que ela não suportou a visão do filho, pedindo aos deuses que a liberassem de cuidar do rebento 'monstruoso', tendo sido transformada em uma tília. A paternidade de Kheíron coloca tanto a cura quanto o aprendizado em

uma dimensão temporal, deixando claro que tanto uma quanto o outro são resultantes de um processo antecedente. E esta é uma realidade inquestionável que, muitas das vezes, o paciente e o aprendiz esquecem, mas que deve estar sempre presente na mente daqueles que canalizam sua energia. Em relação aos psicanalistas, especificamente, a aceitação desta realidade do arquétipo nos leva a um estado de serenidade e tranqüilidade, pois sabemos que a cura não poderá vir se não como conseqüência de um trabalho de análise que pode ser dar em período de tempo longo ou curto, a depender da necessidade do paciente. E, na concepção reencarnacionista, muitas vezes o processo irá ser iniciado na presente encarnação, mas só poderá ser efetivamente concluído em uma futura encarnação.

É por esta razão que Jung chama atenção diversas vezes em seu trabalho para o fato de que existem neuroses às quais ele mesmo constatava serem ainda tão essenciais para o paciente que dava graças à Deus quando o próprio paciente decidia ficar neurótico. Lembremos que uma neurose é uma negação da realidade que tem por função proteger o ego em formação de seus próprios impulsos numinosos aos quais ele ainda não consegue fazer frente sem ser esmagado ou destruído. Podemos compará-la a um gesso ou muleta que se ‘incorpora’ ao corpo do paciente com uma deficiência estrutural óssea: somente quando a parte afetada se encontra suficientemente solidificada é que se poderá iniciar o processo de retirada do gesso e subseqüente reaprendizado da função normal do membro afetado.

A maternidade de Kheíron, por outro lado, remonta ao conflito resultante entre a parte animal e a parte hominal de nossa natureza e à negação desta dupla característica. Assim, Fílira é um símbolo para a própria neurose e chama atenção o fato de ela ser pouco conhecida na mitologia, pois isto equivale à realidade de toda neurose em sua fase inicial: ela é totalmente ‘transparente’ para o ego, exceto por seus efeitos que são, na maior parte das vezes, imputados a um elemento externo da psique, ao outro, ao objeto.

Contudo, assim como o reconhecimento da ignorância é o fator determinante que leva ao processo de aprendizado, também é o reconhecimento do conflito entre nossos instintos e o que nos define como seres humanos, materializado na neurose, que leva ao início do processo de cura. Também aqui encontramos um elemento de suma importância para a psicanálise, pois o conflito em si mesmo, ou seja, a própria neurose, equivale ao atrito ao qual se submete um diamante em sua burilagem: não deve ser mais intenso do que a capacidade do diamante para suportá-lo, mas igualmente não deve ser tão brando que não gere qualquer modificação em sua superfície. Em seu trabalho “Alquimia”, Jung chama atenção específica para este elemento ao elucidar que o ‘vaso alquímico’ deve ser resistente o suficiente para suportar a pressão da transformação dos elementos que ocorre em seu interior e, ainda, ao tratar da ‘intensidade do fogo’ ou do ‘calor’ que aquece este vaso: ela não pode ser forte demais para não estragar o ‘opus’, mas não deve ser branda demais, pois isto o tornaria inoperante.

Quando no mito, a mãe de Kheíron o rejeita, podemos depreender que ela esteja representando o movimento inicial de recusa pelo qual passa toda consciência antes de finalmente aceitar que existe em seu próprio ser um atrito de 'naturezas' que, se não pode ser deixado a própria sorte, também não pode ter sua visão suportada facilmente e/ou prematuramente. Quando Jung recomenda que a análise da psique profunda deve iniciar preferencialmente a partir da meia idade, o faz lembrando que a primeira metade da vida privilegia, em muitos aspectos, os instintos de sobrevivência, procriação e a busca de estabilidade social, que fortalecem o ego e o tornam apto para, na segunda metade da vida, suportar a pressão de uma visão acurada de si mesmo. É efetivamente recomendável que este desenvolvimento assim ocorra antes de a consciência voltar-se para outros aspectos de sua natureza, mas a prática tem mostrado que a necessidade de confrontação com sua dupla natureza pode acontecer em qualquer faixa etária. Em psicanálise reencarnacionista explicamos que isto ocorre exatamente pelo fato de que esta confrontação do conflito pode ter se iniciado em outra encarnação e, assim, o processo de auto-conhecimento pode ser retomado bem antes da meia-idade.

Assim, é justamente a tensão entre estes opostos que leva a cabo a evolução da consciência e seu desenvolvimento em um patamar superior. No mito, podemos concluir que foi exatamente por ter sido gerado desta forma que Kheíron atingiu toda a sabedoria e popularidade. Ele conseguia compreender tanto o lado humano, quanto o lado bestial dos seres, e este é o primeiro pré-requisito para que um profissional deixe fluir sua energia: a compreensão de que todos temos uma natureza dupla e que a despeito de nossa forma hominal, carregamos "atrás" de nós uma natureza puramente instintiva e primitiva.

A consciência de sua dupla natureza faz de Kheíron o mestre que cria e instrui tanto os filhos dos homens, que se tornarão heróis, quanto os filhos dos deuses, e esta é a segunda característica do Arquétipo que se aplica não somente ao profissional, mas a todos que estejam em um processo de aprendizado e/ou auto-conhecimento: ele nos faz capazes de, ao atingir certo patamar dentro do processo, sermos capazes de transmitir para outros as qualidades que os levarão a alcançar, por sua vez, o status de 'filhos dos deuses' e de 'heróis' de suas próprias vidas. Kheíron é capaz de dar os conselhos certos, e detém o conhecimento, a técnica e a habilidade que levarão aqueles que estão sob seus cuidados a deixar fluir os dons de que precisam para vencer suas próprias batalhas interiores e exteriores.

Lembremos que em toda a mitologia, a figura do herói está relacionada com o desenvolvimento da consciência e a capacidade que esta precisa adquirir para vencer sua própria primitividade. O herói é a própria Consciência, lutando contra as forças inconscientes e amorais que a Natureza Pura lhe dá como legado. Kheíron, assim, é aquele que é capaz de prever o futuro e ver diante de si não apenas uma 'criança' inconsciente de si mesma, mas todo o potencial e as qualidades que ela terá se for devidamente instruída para tornar-se seu próprio herói.

Continuando na história, a perfeição da vida idílica de Kheíron é finita e ele é ferido 'acidentalmente' por um de seus discípulos, um de seus amigos mais queridos: Hércules. Em termos analíticos, sempre vemos todos os personagens como símbolos de um único 'Si Mesmo' e, nesta visão, Kheíron se imputa uma ferida mortal, agredido por outro lado do herói que existe dentro dele e que, a despeito de ser amigo, comete uma 'imprudência' que se volta exatamente contra sua parte 'animal', pois ele é ferido na coxa, no joelho ou no pé, dependendo da versão que se tenha acesso.

Hércules, como um dos símbolos para desenvolvimento da consciência, traz, então, as dores mais lancinantes para si mesmo e o significado desse símbolo é que o ser que busca a consciência acaba por se ferir na batalha ou na caçada realizada lado a lado com a parcela mais primitiva de sua própria natureza. Dito de outra forma, nossos instintos mais arcaicos são os parceiros inevitáveis no processo de auto-desenvolvimento, mas serão justamente eles os primeiros a serem feridos e a sofrerem as dores mais profundas no desenvolvimento de nossa alma.

Em termos reencarnacionistas, podemos encarar Hércules como as diferentes personalidades transitórias que reencarnam na matéria: a cada encarnação temos um 'trabalho', uma realidade objetiva que nos levará passo a passo a um acúmulo de experiências e aprendizado e, igualmente, a um acúmulo de dores, angústias, traumas etc. Em algum ponto deste infinito rosário de reencarnações, o ser principia a fazer a mais elementar de todas as perguntas: o que tudo isto significa? E na busca de uma resposta ele igualmente começa a desenvolver uma auto-consciência e a assumir para si a parcela que lhe cabe em cada um de seus processos, o que, em termos psicanalíticos, equivale a assumir suas projeções e a assumir a origem de sua neurose de forma consciente. Quando isto ocorre, torna-se evidente para o ser que ele foi muito mais o agente de suas próprias dores do que poderia imaginar ou assumir inicialmente e isto lhe fere profundamente.

Sendo assim, o ferimento causado pela autoconsciência está relacionado com as dores que são provocadas quando o ser descobre que tem um lado verdadeiramente sombrio e animal em si mesmo. A 'auto-imagem' do herói, limpo e brilhante, porém infantil, fica irremediavelmente arranhada pelo descortinar de suas 'fragilidades naturais' e primitivas. E o Arquétipo, que detém nas mãos todo o poder da cura, é incapaz de curar-se a si mesmo, pois a cura de sua primitividade só existe na morte dessa primitividade, algo que lhe é negado desde a criação.

O dilema de Kheíron é o dilema de todo ser humano que já iniciou o processo de tomada de consciência de si mesmo, pois enquanto estivermos ligados a um corpo físico e, principalmente, enquanto estivermos no curso do desenvolvimento de nossa consciência, estaremos irremediavelmente ligados ao lado mais sombrio e primitivo da natureza humana, lado este que não pode ser aniquilado ou descartado com a ampliação da consciência, mas que tem que suportar as dores do simples existir, até a transcendência completa. Neste ponto, Kheíron simboliza ainda, mais adequadamente, o homem que está na fase intermediária entre o ser

‘divinizado’ e o ‘ser primitivo’, o que de resto inclui todos os profissionais de terapia e também professores.

Mas o mito dá por si mesmo a solução para as dores de Kheíron, e o nome dessa solução é Prometeu. Prometeu é filho do titã Jápedo e da oceânida Clímene, sendo primo de Zeus. A etimologia mais provável para o seu nome diz que ele significa ‘o prudente, o previdente, o que percebe de antemão’¹. Sua história é marcada por duas ocasiões em que engana Zeus em favor dos homens. Na primeira delas, dá aos homens as carnes de um boi sacrificado aos deuses e deixa para estes apenas os ossos cheios de gorduras. Este gesto provoca a ira de Zeus, que então priva os homens do Fogo, fazendo-os regredir a um estado de semi-animalidade. Mas Prometeu, compadecido do estado em que a humanidade foi jogada, rouba o fogo dos deuses e o entrega aos homens. Antes do gesto de Prometeu, os homens tinham passado a viver na escuridão e a comer alimentos crus. Era-lhes igualmente impossível forjar qualquer arma e, assim, estavam mais desprotegidos em relação às feras que cruzassem seus caminhos e tampouco poderiam ‘conquistar’ novos territórios e derrotar ‘inimigos’.

Simbolicamente, o Fogo que Prometeu dá aos homens está relacionado com a previdência, a inteligência e a capacidade criativa. Ele é a habilidade de transitar pela noite da alma, de digerir melhor os ‘alimentos da vida’, de se defender adequadamente daquilo que nos brutaliza e, principalmente, de criar aquilo que precisamos para nosso desenvolvimento, ampliando os horizontes de nossa consciência.

Contudo, Prometeu paga um preço alto por sua compaixão pelos homens: é condenado por Zeus ao suplício de ser acorrentado por grilhões inextricáveis a uma coluna – ou a um rochedo em algumas versões –, e ter seu fígado devorado durante o dia pela águia do Senhor do Olimpo, para vê-lo recompor-se à noite e ser novamente devorado no dia seguinte. A penitência de Prometeu remonta, em nossa concepção reencarnacionista, aos ‘grilhões inextricáveis’ que nos atém à necessidade de continuar reencarnando mesmo depois de termos concluído que somos agentes e pacientes de cada um de nossos atos, ou seja: mesmo depois de termos adquirido certa consciência de nós mesmos, e até mesmo já estarmos aptos a contribuir efetivamente para a difusão do Fogo de Prometeu, ainda estamos a longa distância de nos libertarmos das forças evolutivas que impõem sobre nossa natureza titânica a completa transformação. Em termos psicanalíticos este aspecto do mito nos lembra que mesmo o mais analisado de nossos pacientes ainda irá apresentar em sua psique pontos que necessitarão de análise, ou seja, mesmo ao se libertar completamente de sua neurose inicial, irá se inevitavelmente se defrontar com outros pontos de si mesmo que necessitarão de análise.

Isto nos coloca frente a frente com a questão de um processo de análise ser terminável ou interminável. Excluindo os casos já citados nos quais o paciente decide em favor da neurose e abandona o processo, temos por prática dá-la por

¹ Brandão, Junito de Souza. Dicionário de Mitologia Grega, vol. I, pág. 166.

encerrada quando ele conclui o processo que o originou. Ou seja: quando a 'queixa inicial' deixa de ter validade e houve completa remissão dos sintomas que levaram o paciente ao primeiro contato com o analista, sentimo-nos em condições de propor-lhe alta. No entanto, sempre avisamos ao paciente de que se o processo psicanalítico está encerrado, o processo de auto-conhecimento não, pois ele irá ocorrer por toda vida e além dela, em outras encarnações. Se supormos que a remissão de uma única neurose – ou de um conjunto intrincado delas – seja suficiente para que o paciente jamais tenha a necessidade de voltar novamente os olhos para sua própria natureza interior, estaremos igualmente supondo que a psicanálise equivale a uma espécie de ferramenta de iluminação ou de completa transcendência da natureza humana. Isto está tão longe da verdade que nos eximiremos de abordar em profundidade os seus porquês.

Voltando ao mito, em algumas versões, Zeus prende Prometeu para que ele revele ao Senhor do Olimpo qual de seus filhos o sucederá. Lembremos que Prometeu é aquele que tem o conhecimento do futuro dos homens e dos deuses e, assim, podemos enxergar nesta versão o mesmo impulso para 'deixar as coisas como estão', pois o objetivo de Zeus é matar o substituto antes que ele o confronte. Poderíamos dizer, então, que a tendência inercial que identificamos frente a cada neurose, abrange não somente um único processo, mas toda a evolução da consciência. Os deuses não cedem facilmente lugar a seus sucessores, e o próprio processo de sucessão divina é evado de mortes e violência. Arquetipicamente falando isto equivale a dizer que alçar uma nova condição na organização de sua própria psique ao longo das encarnações, ou mesmo ao longo de uma única vida, é algo ao qual o ser humano deve fazer justiça e não será alcançada por graça ou benevolência.

Somente muito tempo depois da condenação, Zeus permite que Hércules liberte Prometeu, e não o faz por compaixão ao filho de Jápedo, mas para aumentar a glória de seu próprio filho, Hércules. Lembremos que estamos comparando Hércules à consciência que se desenvolve gradativamente no 'trabalho' de cada nova encarnação e, assim, ainda que a parcela de nossa psique que efetivamente tem o conhecimento de nosso futuro e, igualmente, a capacidade de nos retirar de nosso estado animal – Prometeu –, permaneça presa por muito tempo em uma situação aparentemente inercial, o elemento que provoca esta inércia – Zeus enquanto legítimo representante do status psíquico – acaba por reconhecer a legitimidade do 'herói' e contribui para aumentar-lhe a glória, libertando Prometeu.

Em termos reencarnacionistas poderíamos ver a Hércules como a personalidade sideral que se desenvolve gradualmente pela retirada das projeções e superação das neuroses. Ela é o elemento humano que surge, após um longo processo, da síntese entre a consciência objetiva e o inconsciente, síntese esta que ocorre pela aceitação e interação direta com sua própria Sombra, com os elementos antagônicos da psique, aos quais Jung chamava de Anima/Animus e com o lado divino do Si-Mesmo, Self. Dito de outra forma, Hércules é o elemento humano que surge da função transcendente. Por seu turno, podemos atribuir a Prometeu as qualidades do que Jung chamou de Self. Fica claro, portanto, que a despeito

de o Self possuir uma qualidade numinosa e divina, também ele precisa passar por um processo de transformação evolutiva, a fim de atingir sua máxima refulgência que se traduz não na análise do elemento individual de Prometeu, mas no mito como um todo.

Para esta libertação, Zeus exige a substituição de Prometeu e é neste ponto que voltamos ao mito de Kheíron. A libertação do suplício do centauro acontece por que este troca de lugar com o benfeitor dos homens. Se Prometeu simboliza o Self ou a Centelha Divina que se submete aos grilhões e ao suplício de ver-se parcialmente 'devorada todas os dias' antes de ser finalmente liberto pelo herói que reencarna infinitas vezes na matéria, o mesmo herói – Hércules – que entra no mito como o responsável condenação de Kheíron, acaba sendo o responsável pela libertação de ambos. O herói, então, abre finalmente mão de seu lado animal, simbolizado por Kheíron, em troca da previdência, da inteligência e da capacidade criativa que Prometeu simboliza. E é isto que eleva Kheíron ao status de constelação e lhe dá a associação definitiva com a passagem da condição animal para a condição espiritual.

3) O Exercício Profissional e a Personalidade do Analista

Conforme vimos anteriormente, a análise de todo mito sempre nos coloca em condições de compreender em profundidade as implicações energéticas de nossa realidade objetiva. E o Mito de Kheíron nos põe frente a frente não somente com algumas facetas importantes com as quais se defronta o profissional de psicanálise – e de resto todos os profissionais da área de saúde – mas também a quais compromissos é submetida uma consciência ao assumir o propósito de deixar fluir através de si esta energia.

Um primeiro reforço que devemos dar em nossas considerações é que não somos e não seremos jamais 'um mito'. Esta observação reiterada pode parecer sem sentido para quem não atua na área e mesmo para aqueles que estão se iniciando na mesma. Contudo, o processo de transferência que naturalmente ocorre durante a análise de todo paciente leva muitos profissionais a serem tentados a se acreditar possuidores da qualidade arquetípica e não simples canalizadores da mesma.

O processo de transferência foi identificado pela primeira vez pelo médico vienense Josef Breuer, em 1882, quando uma de suas pacientes, se disse apaixonada por ele, o que levou-o ao abandono dos trabalhos de pesquisa do inconsciente. Breuer trabalhava com hipnose em colaboração com Sigmund Freud, então ainda um médico em início de carreira. Anos depois, Freud passou pelo mesmo processo com uma de suas pacientes e teria igualmente abandonado o caso não fosse a sábia argumentação de sua esposa, que o confrontou com o fato de que não poderia deixar a paciente presa a um processo neurótico.

Existem vários estudos detalhados tanto na obra de Freud quanto na obra de Jung que abordam detalhadamente este processo. Para nossos objetivos, nos ateremos à definição de Jung que a designa como um tipo especial de projeção de conteúdos inconscientes do paciente para o analista a fim de que se estabeleça uma situação analítica ideal que possibilite lidar com traumas e/ou complexos que assolam o paciente.

Em termos energéticos, entendemos por transferência o redirecionamento de uma energia, que assola o inconsciente do paciente, para a figura do analista. Em seu processo de desequilíbrio psíquico, o paciente vive uma espécie de guerra interna onde impulsos contraditórios se debatem e fazem da consciência mero joguete nas mãos do inconsciente pessoal e/ou coletivo. Esta guerra interna é usualmente de difícil compreensão e normalmente quem chega a um processo de análise não consegue ver em detalhes todos os elementos nela implicados. Na maior parte das vezes, inclusive, o paciente sequer consegue perceber que a vive inteiramente em si mesmo e projeta a maioria dos seus conteúdos no mundo a seu redor e nas pessoas que o cercam.

Portanto, este mecanismo de projeção é natural e podemos lhe creditar o mérito transitório de tornar parcialmente suportável o conflito das forças que se debatem dentro do Ser, uma vez que ao atribuir ao outro a 'culpa' pelo que se passa em si mesmo, o paciente cujos conteúdos ainda não estejam integrados torna-se mais ou menos capaz de continuar em sua funcionalidade parcial do ego. Ainda que esta funcionalidade sacrifique a qualidade de suas relações com o que está fora dele, possibilita-lhe lidar 'à distância' com o que está em si mesmo. Desta forma, acreditamos que a projeção é um mecanismo natural válido por um bom tempo durante o desenvolvimento da consciência. Contudo, em algum momento de sua existência o paciente começa a perceber que isto não é tudo e que há mais elementos pessoais envolvidos em todo processo do que ele poderia supor no início da vida. Ele se vê repetindo as mesmas histórias com pessoas diferentes e é neste ponto que os conflitos se tornam insuportáveis e que ele deve se voltar para a análise acurada de si mesmo.

Contudo, no processo de análise, o mecanismo de projeção volta a acontecer, mas não exatamente da maneira como ocorria anteriormente, pois a transferência é um tipo especial de projeção, e está mais fortemente imbuída do caráter 'idealizatório'. Nela, parte da energia inconsciente conflitante é colocada na figura do analista e isto pode se dar de duas formas distintas: na primeira delas há a transferência de afetos positivos e o paciente 'projeta' no profissional a capacidade de lhe trazer a inteireza e a necessária organização interna. O analista passa a ser, assim, uma espécie de 'sintetizador' da consciência e do inconsciente, e o paciente só é capaz de permanecer nessa posição se o seu imaginário atribuir ao profissional capacidades infinitamente superiores às próprias.

Na segunda, o psicanalista recebe a projeção dos conteúdos negativos e o analista se transforma aos olhos do paciente em uma espécie de 'chicote', algo que simbolize o açoite ao qual seu próprio inconsciente lhe submete

diuturnamente. Neste caso, o profissional irá lidar com um tipo de projeção, que se for tomada como pessoal, também irá se tornar desconfortável: a projeção de sentimentos negativos, quando o paciente o verá como o pai, a mãe ou o amante que lhe trouxe as dores e os sofrimentos.

Em qualquer dos casos, que muitas vezes se alternam em uma mesma pessoa, cabe ao psicanalista 'suportar' a projeção e entrar no 'jogo inconsciente' com o paciente plenamente consciente de que os afetos que este lhe atribui não lhe pertencem, mas sim ao próprio paciente. E o que irá acontecer durante o processo de análise é que o profissional irá, gradualmente, 'devolver' para o paciente a energia nele projetada. Esta devolução, contudo, não será realizada sem técnica e é apenas isto que irá diferenciar a situação analítica de qualquer outra situação de projeção que o paciente já tenha vivido. Ele se tornará gradualmente consciente daquilo que ocorre em seu inconsciente e ampliará os limites de atuação sobre si mesmo.

É importante reforçar, no entanto, que na prática o psicanalista experimentado irá verificar que ambas as projeções – negativa e positiva – ocorrem simultaneamente, ora com um acento mais forte no primeiro aspecto, ora no segundo. Assim, é extremamente importante que nos lembremos que o amor – palavra que muitas vezes o paciente usa para explicar a transferência positiva – não é verdadeiramente Amor à pessoa do analista, mas amor ao Animus/Anima ou à Sombra ou ao Self do próprio paciente. E, igualmente, o ódio que ele eventualmente lhe dirija não é 'pessoal', mas um ato reflexivo contra o pai, a mãe ou o amante interiorizado, quando não a si mesmo ou a seus obsessores.

Quando dizemos que o amor que o paciente nos devota não é um amor real, estamos enfatizando que não existe amor verdadeiro a imagens, e essas são tudo o que o paciente conhece de nós. O Amor, na verdadeira acepção do termo, inclui o ser humano completo que temos diante de nós, com as qualidades e os defeitos próprios da condição de ser em evolução. E se o paciente percebe logo nos primeiros tempos de análise que tem diante de si um ser humano com as mesmas inseguranças e as mesmas 'animalidades' que identifica em si mesmo torna-se incapaz de conectar com o Arquétipo de Kheiron, pois não reconhece através de nós a sabedoria de que precisa para sair do estado caótico em que encontra sua própria consciência e seu inconsciente. Assim, a própria função que assumimos exclui de nosso campo de ação a capacidade de nos expormos completamente, em nível pessoal, para quem nos procura.

Desta forma, para que o processo de análise aconteça verdadeiramente, diante de si o paciente precisará ver – ainda que por uma 'ilusão de ótica' – um Ser Mágico que é capaz de entrar em sua Psique e compreender esse mecanismo muito mais que ele mesmo. Ele irá acreditar, inconscientemente, que este Ser é capaz de lhe dar saídas, de lhe trazer a remissão de sintomas, de lhe proporcionar o encontrar dos caminhos que lhe trarão a satisfação, a plenitude e/ou a saúde psíquica perdida. Para o paciente, este Ser Divinizado não tem problemas, não tem dores, não tem limites e, principalmente, não têm preferências, preconceitos e nenhuma dificuldade para penetrar a mente e a alma alheias e lê-las como se

decifrasse um texto simples escrito em grandes placas de neon. Obviamente, nenhum paciente elabora estes pensamentos de forma 'racional' e, usualmente, quando confrontado com esta realidade psíquica, o mais provável é que o analisando a negue, pois todo o processo se dá em nível inconsciente e acontece a partir das energias puras e não a partir da elaboração cognitiva.

Dito de outra forma: todo paciente, como qualquer ser humano, tem dentro de si um Kheíron ferido uivando dentro da caverna de seu inconsciente e este Kheíron precisa ser projetado 'para fora' em uma figura humana a fim de conseguir efetivamente se 'comunicar' com a consciência. Essa projeção só é possível se o analista assumir, ainda que plenamente consciente de tratar-se apenas de um jogo temporário, a função de 'tela em branco' na qual o paciente irá escrever e ler as fórmulas 'mágicas' que lhe trarão a cura – que no processo de análise corresponde à ampliação da consciência do Si-Mesmo.

4) *Projeção e Neurose de Transferência*

Convém abrir aqui um espaço para começar a ampliar o significado de neurose. As neuroses desenvolvem-se, de acordo com a teoria clássica da psicanálise, a partir de um conflito interior entre a tendência para descarregar impulsos primitivos e instintivos – tais como ódio, medo e 'amor indevido' – e a inadequação desta livre descarga que sacrificaria a formação de um ego social.

Em termos de evolução espiritual, a neurose é um processo 'comum' do desenvolvimento da consciência, pois possibilita ao Ser: (1) tomar contato com uma energia intrapsíquica, (2) projetá-la para fora, (3) visualizar sua forma de atuação e, posteriormente (4) resgatar a projeção com a finalidade de (5) encontrar a solução para processos internos que são, originalmente caóticos. Por 'solução' entendemos a necessidade de burilar uma energia primitiva até o ponto em que ela deixe de ser um mero impulso instintivo e chegue ao estágio de pôr-se a serviço da Consciência e do próprio Cosmo.

Como vimos acima durante a explicação sobre os arquétipos, todos possuímos, desde nossa formação cósmica, os mesmo tipos de energia que são primitivamente traduzidas por impulsos instintivos, sejam eles considerados socialmente positivos ou negativos. Mas não temos condições de dar a eles um direcionamento correto, fazer o burilamento adequado que os transformem em ferramentas acuradas para o processo de criação, enquanto estiverem circulando em nível 'bruto' dentro do inconsciente.

No início de nosso desenvolvimento espiritual, e mais restritivamente na infância física, tomamos consciência ou somos advertidos pela educação e pela cultura, que nem todos os impulsos poderão ser descarregados ou satisfeitos no momento em que surgem. Assim, a energia de tais impulsos, ao invés de ser direcionada

para o objeto original que a ativou – o que traria alívio pelo ‘esvaziamento’ –, volta-se para dentro, em uma atitude reflexiva, sendo assim reprimida e saindo do campo da consciência objetiva.

A repressão não faz com que o impulso desapareça, nem o destitui de poder ou o torna inofensivo. Antes, aumenta-lhe a força, fazendo com que a energia primordial lute, cada vez mais violentamente, com a consciência para se manifestar. E se não for possível que se descarregue na fonte original do conflito, ela procurará então se descarregar de outras formas, fazendo com que as tendências reprimidas abram caminho de volta à consciência através de desvios energéticos patológicos.

Desta forma, o processo neurótico faz com que aquele que nele se encontra imerso não interaja de fato com a Natureza e não veja realmente quem ou o que tem diante de si, mas que reaja ao objeto presente com a mesma energia que um dia reprimiu para o seu inconsciente e que pertencia então a outro objeto. É o caso, por exemplo, de uma mulher neurótica que deixa de ver seu companheiro como um homem de carne e osso e atribui a ele o papel de ‘homem ideal’, substituto perfeito para o pai ou a mãe que tudo sabe e tudo pode. E tão logo este ‘ser’ deixe de carregar a projeção neurótica e manifeste as qualidades e os defeitos pessoais que lhe são próprios estará sujeito à mesma ira que teria sido destinada ao pai ou à mãe que, igualmente, nunca foram e nunca serão absolutamente perfeitos.

Em manifestações mais dramáticas, a energia da neurose pode voltar-se contra o próprio corpo físico e se estabelecer em sintomas orgânicos. Sua vítima pode, então, tornar-se fisicamente incapaz e ou inoperante em alguma área – paralisia dos membros, cegueira, mudez ou desenvolver uma úlcera, uma doença auto-imune etc. Neste caso, a neurose que se descarrega na forma de sintomas físicos tem um caráter ‘vingativo’ do inconsciente contra a consciência e, não raras vezes, agregam-se a esta ‘vingança’ os obsessores espirituais.

A questão dos obsessores foi tratada em maior profundidade em nosso trabalho “Arquétipos, Psicanálise e Reencarnação” e aqui apresentaremos somente uma explicação resumida da mesma. A palavra obsessão significa simplesmente uma idéia fixa que persegue o indivíduo. Na psiquiatria e nas linhas de psicanálise que não possuem um caráter espiritual, têm-se a firme convicção de que a origem destas idéias localiza-se exclusivamente nas camadas mais profundas do inconsciente da própria pessoa e, quando analisadas, são tratadas como apenas pulsões, arquétipos ou complexos autônomos à consciência que têm vontade, interesses e finalidades próprias que não se combinam ou se explicam às da consciência objetiva.

A descrição deste processo como exclusivamente endógeno é válida em muitos casos, mas não em todos. Se é verdade que uma obsessão pode estar sendo engendrada por um complexo autônomo na psique do obsedado, também há casos em que percebemos claramente que a fonte de tais idéias fixas não é plenamente identificada como sendo exclusivamente individual. Muitos de nossos colegas de outras linhas poderão nos acusar injustamente neste momento de

estarmos preconizando um retorno a uma era da humanidade na qual o indivíduo não se responsabilizava de forma alguma por seus impulsos inconscientes e atribuía a tudo aquilo que não conseguisse controlar em si mesmo 'aos espíritos'. Sabemos que isto irá acontecer, mas chamamos atenção específica à expressão 'plenamente identificada como pessoal'. Isto significa dizer que se não acreditamos que toda neurose tem uma fonte exclusivamente individual, igualmente não acreditamos que qualquer neurose seja exclusivamente um processo engendrado por outra mente que não a do indivíduo.

O que estamos fazendo em psicanálise reencarnacionista é nos colocarmos em um estágio intermediário, onde até mesmo as neuroses de fonte externa precisam que haja no inconsciente do indivíduo obsedado um complexo ou impulso que dê uma espécie de 'de acordo' para a continuação do processo. Este impulso pode ser, por exemplo, uma raiva reprimida ou um complexo de culpa velado. Em nossas pesquisas em centros espíritas kardecistas e umbandistas, observamos claramente que o processo ao qual eles chamam de desobsessão não resulta em plenamente efetivo se não ocorrer simultaneamente uma modificação significativa na disposição psíquica do crente. Na outra ponta da questão, observamos em nossa clínica, e no estudo de casos de vários profissionais, que uma obsessão neurótica muitas vezes não se resolve a contento a menos que ocorra igualmente uma volta para as questões espirituais mais prementes; e são as meditações e observações detalhadas destas questões – e não uma religião específica – quem efetivamente promovem o que se chama processo de desobsessão.

Desta forma, definimos uma obsessão como um processo que ocorre no inconsciente do paciente e que pode receber da mente de outras pessoas um reforço sugestivo. Lembremos que em sua conferência sobre "Psicanálise e Ocultismo" Freud demonstra claramente que a possibilidade de se transmitir o pensamento de uma pessoa a outra é uma possibilidade real e não somente uma fantasia popular. Jung igualmente aborda o tema de várias maneiras e em nossa própria experiência temos inúmeros casos comprovados desta possibilidade. Em nosso artigo "Mediunidade e Neurose" citamos o caso de uma paciente que se confundiu com o horário da consulta graças a um desejo da analista de que ela chegasse quinze minutos mais cedo do que o habitual. E este é só um dos exemplos e qualquer profissional de psicanálise tem em seu histórico episódios que corroboram esta possibilidade.

Em nossa linha de trabalho, acreditamos que a via através da qual um pensamento é transmitido da mente de uma pessoa para a mente de outra é a via do inconsciente. Lembremos que todo pensamento humano provoca o surgimento de uma corrente elétrica no cérebro e a eletricidade é, perdoem-me repetir o óbvio, um tipo de energia. Desta forma, a idéia se origina na mente consciente da pessoa "A" e a energia a ela associada vai para seu próprio inconsciente pessoal e segue, a partir daí, para o inconsciente coletivo de onde pode voltar-se para o inconsciente pessoal da pessoa "B" e ser percebida por ela de uma das duas formas: ou como uma idéia própria, um pensamento que tenha se originado em si mesma, ou como algo que lhe é estranho. Neste último caso especificamente ela pode ou não identificar a origem da energia deste pensamento e esta

identificação ou não depende de dois fatores: seu grau de autoconsciência, que lhe permitirá identificar a origem externa da idéia; e sua ligação emocional com a pessoa "A", incluindo aqui a qualidade desta ligação que poderá fazer com que ela sinta como agradável ou desagradável a lembrança da primeira.

Na maior parte das vezes, contudo, a pessoa "B" não identifica a fonte do pensamento e o assume como seu, mesmo que este lhe pareça muito estranho, como no caso de nossa paciente que há meses tinha o mesmo horário fixo no mesmo dia da semana e, subitamente, ficou insegura sobre o mesmo porque em um dia específico houve o desejo da analista de que ela chegasse quinze minutos mais cedo. Ela assumiu como seu o pensamento e se pôs a questionar se não estaria chegando 'tarde' todo este tempo e se seu horário não seria, em verdade, 'quinze minutos mais cedo'.

Percebam que estamos aqui abordando especificamente a transmissão de pensamentos entre pessoas vivas, mas nossa visão reencarnacionista e, principalmente os recentes avanços da Física, igualmente nos fazem acreditar que há esta mesma possibilidade ainda que uma das pessoas não esteja mais no universo material. A teoria das Cordas preconiza que existem entre dez e onze universos paralelos entre si e que a distância entre estes universos é inferior a uma fração diminuta da largura de um cabelo humano. A cada universo ela chama de P-Brana e os estudos sobre as propriedades e características de cada um deles estão ainda em um estágio inicial. Portanto, para construir um modelo reencarnacionista precisamos nos socorrer do conhecimento tradicional intuitivo que acompanha todas as culturas desde o início da humanidade: a alma humana sobrevive à morte do corpo e é levada, após esta, a um universo diferente do nosso. Estas tradições, na maior parte das vezes, preconizam que a realidade emocional e mental que o indivíduo possui em vida o acompanha em morte e se ele foi um 'pecador', tem destinado para si um 'lugar' e uma 'realidade' bem diferente da que é destinada às crianças em tenra idade ou aos 'fiéis'.

Portanto, concluímos que a sobrevivência do ser após seu desencarne é um conceito que independe da religião e somente uma pequena fração da humanidade realmente acredita que a morte equivale ao aniquilamento do indivíduo. Enfatizemos agora que acima dissemos que a transmissão do pensamento de uma pessoa "A" para uma pessoa "B" se faz pela via do inconsciente e em nenhum dos casos inclui qualquer necessidade de proximidade física entre uma e outra. Ou seja, é algo que ocorre independente do concurso de um meio material, o que é a mesma coisa que afirmar que é algo que independe das leis do nosso universo físico.

Também chamamos atenção para o fato de que a idéia de que a alma sobrevive exatamente do jeito que era antes da morte do corpo nos leva racionalmente para a conclusão de que permanece dispendo não somente de uma consciência, mas também de um inconsciente, pois seus elementos inconscientes contribuem para a formação de sua disposição mental e emocional em um grau tão ou mais efetivo do que sua disposição consciente. A conclusão igualmente óbvia é de que continua ligada ao Inconsciente Coletivo tanto quanto qualquer indivíduo

encarnado e, como dissemos, esta é a 'via' de acesso do pensamento originado em uma mente para outra.

Quando estivermos explicando o "Modelo Piramidal do Inconsciente" iremos detalhar melhor esta via e, neste ponto, para não fugirmos do assunto do tópico, estamos apenas esclarecendo que um processo neurótico pode conter um componente obsessivo exterior que também precisa ser levado em conta durante o tratamento do paciente. Repitamos, apenas para reforçar, que neste processo obsessivo ocorre uma espécie de conluio ou parceira entre o inconsciente do paciente e o consciente ou inconsciente de outra pessoa. Sendo assim, um tratamento efetivo deve começar pela análise acurada do inconsciente do paciente e pelo reconhecimento dele próprio a respeito de suas reais motivações inconscientes que o levam ao sofrimento neurótico. Estas motivações são a 'porta de entrada' para os pensamentos de outras pessoas que podem concorrer para o agravamento do quadro.

Desta forma, em dado momento deste processo, o paciente deve necessariamente aprender a reconhecer quando um pensamento parte de seu próprio inconsciente e quando foi ali 'semeado' por outra pessoa, seja ela encarnada ou desencarnada. E mesmo quando concluir junto com o analista que há mais de uma mente envolvida em seu processo, não deve ser eximido de uma modificação estrutural em sua psique, pois o que leva à remissão de um processo neurótico obsessivo não é o simples 'afastamento' de um obsessor, mas o fechamento da porta psíquica que se abre na mente do obsedado graças ao conluio de seu próprio inconsciente. Em dado momento, igualmente, o paciente deve ser exortado a cultivar em sua alma uma religiosidade legítima que igualmente o levará a uma modificação em sua atitude interna e externa.

Acreditamos, como Jung, que o impulso religioso é uma espécie de 'instinto humano' que nos leva a transcender os limites do ego e a nos conectarmos com forças e leis que estão muito acima do que este ego concebe. Ele desenvolve uma humildade legítima diante de forças supra-pessoais e realinha a consciência com seu próprio Self e, a partir dele, com toda Criação. Desta forma, em sua verdadeira acepção, ele se torna tão fundamental para a remissão de uma neurose quanto um processo analítico. Enfatizemos, contudo, que qualquer que seja a corrente de análise ou a gravidade ou profundidade do surto neurótico, o que se vê é que o sofrimento neurótico reedita o conflito original na busca de uma solução natural. Mas essa solução só é possível diante de uma análise acurada de si mesmo e, principalmente, a partir de um processo de retomada das projeções.

Em nossa descrição de todo esse processo abordamos a questão da neurose como fluxo de energia. Assim, no início do processo patológico, a energia original retorna para a fonte – o indivíduo – e é seguidamente projetada em outras pessoas ao longo de sua(s) vida(s), na tentativa de encontrar uma saída definitiva para o conflito, ou, ainda, volta-se contra o indivíduo em uma manifestação patológica que tem por finalidade levá-lo à reflexão. Um observador atento terá percebido que nossa cosmovisão inclui um caráter evolutivo que leva todo e qualquer processo psíquico adquirir um caráter de 'finalidade' ou meio através do

qual se atinge um fim. Nesta visão, os conflitos neuróticos, assim como toda patologia, devem ser abordados não como uma realidade absoluta de função meramente regressiva, mas fundamentalmente em sua finalidade e função progressiva. E ainda que uma neurose efetivamente contenha um caráter de fixação de um conflito, se nos resumimos a este movimento regressivo sem alcançarmos uma atitude prospectiva, não faremos muito para sua remissão.

Durante o processo de análise, a transferência, também chamada de 'neurose de transferência', reedita igualmente o conflito original no momento em que o paciente despeja em cima do analista a energia reprimida. Esta reedição, no entanto, acontece de maneira controlada e o analista deve ser, na acepção dos alquimistas, um vaso suficientemente forte para poder receber e conter em si a energia pelo tempo necessário para que ela se transmute e, só então, poderá devolvê-la para o paciente, cumprindo sua função de mecanismo intermediário na evolução. Enfatizemos que por evolução e transmutação da energia não estamos nos referindo restritamente à sublimação na acepção freudiana, pois nesta acepção a sublimação é o resultado do emprego da energia sexual em outros campos de atuação, tais como a arte. Nós, por outro lado, aproximamo-nos muito mais da visão alquímica, na qual a energia bruta deve ser suportada em seus opostos até que se atinja a síntese proporcionada pela emancipação do Self.

Convém lembrar que a transmutação acontece lentamente, sob o fogo 'brando' da gradativa ampliação da consciência, o que significa dizer, dentre outras coisas, que enquanto o paciente estiver permitindo ao analista carregar a energia originária do conflito, este deverá, lentamente, levá-lo ao resgate das projeções, o que, em nosso modo de atuar, se dará através da análise dos sonhos e fantasias e da imaginação ativa. Além disso, cabe ao analista ir descortinando para o paciente seu próprio Kheíron, treinando-o para que possa analisar por si mesmo o material inconsciente que irá irromper em sua consciência ao longo de toda vida e em todas as suas encarnações.

Apenas quando o paciente tornar-se um vaso suficientemente forte para conter em si mesmo as próprias energias, os opostos complementares, que originalmente projetava aleatoriamente, é que lhe será possível romper com a neurose e tornar-se um ser humano capaz de responsabilizar-se adequadamente diante de tudo o que lhe acontece.

Em termos espirituais, a ampliação da consciência e o resgate intempestivo de todas as projeções é o pré-requisito básico para romper com os 'grilhões inextricáveis' do Karma, que condenam nosso Prometeu, nossa Consciência Superior, ao suplício de renascer indefinidamente. Enquanto ainda estivermos no estágio inicial desse processo, veremos nosso 'fígado' ser devorado por uma águia durante o dia para se recompor logo em seguida na noite da alma, ou 'entre vidas'. De acordo com a antigüidade, o fígado é considerado sede da vida e órgão especial para indicar a vontade dos deuses'. Ou seja, o mito nos dá a clara indicação de que enquanto não nos libertarmos do eterno ciclo de projeções, teremos uma 'sucessão de vidas' devoradas diante de nossos olhos

espirituais, e este é exatamente o caminho percorrido até que finalmente conseguimos evoluir e transcender todo o processo kármico.

E ainda: apenas quando nos libertarmos dessas projeções e assumirmos total responsabilidade pelo nosso desenvolvimento é que poderemos enfim começar a enxergar-nos uns aos outros como realmente somos e termos verdadeira compaixão – outro sentido para a figura de Prometeu – para conosco e o nosso próximo. E, esta é talvez a mais nobre das funções do analista: auxiliar o paciente no resgate de si mesmo e possibilitar que ele tenha forças para suportar tudo de bom e de ruim que compõe a natureza humana.

Se, durante o processo de análise, o analista quebra as “regras do jogo” e não se permite a transferência – como fez Breuer –, ou se ela simplesmente não acontece por falta de empatia real entre paciente e analista, o processo global está impossibilitado de acontecer, e será mais honesto encaminhar o paciente para um outro profissional.

Antes de finalizar a explicitação desses conceitos iniciais, é importante que falemos em um outro fenômeno energético que acontece durante o processo de terapia: a contra-transferência. Como o nome sugere, este processo é a transferência das energias inconscientes do analista para o paciente. E assim como o processo de transferência do paciente para o analista, a contra-transferência é uma faca afiada que possui dois gumes: tanto pode auxiliar no processo de cura, quanto fazer com que o processo se transforme em um choque entre inconscientes, que em nada irá contribuir para a solução dos problemas de parte a parte.

Em termos práticos, a contra-transferência acontece quando o nosso inconsciente identifica no paciente pontos que precisam ser trabalhados em nós e projeta naquele problemas que podem ou não lhe dizer respeito. Assim, por exemplo, há analistas que têm uma necessidade muito grande de serem amados e que, inconscientes disso, correm desnecessariamente o risco de se apaixonar por seus pacientes. Outras vezes, o analista se vê diante da própria criança ferida e abandonada que foi um dia, ou do conflito com sua sexualidade, e tenta dar para o paciente a sua solução e não a solução adequada para aquele ser humano que está diante dele.

Obviamente não serão poucas as vezes em que o conflito é Primordial, o que significa dizer que é oriundo de uma energia arquetípica da qual participam tanto analista quanto paciente, tal como a “Perda do Paraíso Perdido” ou a “Rejeição de Hefesto por Hera”. Mas tampouco serão raras as vezes onde o conflito de um nada tenha a ver com a história de outro, e cabe ao analista estar sempre fazendo uma pergunta simples que lhe evitará grandes dissabores: ‘o que há de meu nessa pessoa?’. A partir do momento em que identificar o que lhe pertence e o que pertence ao outro, deverá retomar para si a energia que lhe é própria, deixando que flua apenas a compaixão e a empatia necessárias para a condução e solução do processo daquela pessoa específica.

Por 'compaixão' não estamos querendo dizer que o analista deva assumir uma postura maternal ou paternal diante do paciente. Pelo contrário: em sua função de elemento revelador do conflito, muitas serão as vezes em que ele será levado a mostrar ao paciente toda a crueza com que vem conduzindo o relacionamento com sua própria psique e com o mundo que o cerca. Do ponto de vista do ego, ele poderá se assemelhar a um carrasco que não lhe permite mais permanecer em um estágio infantil de projeções e o 'obriga' a se tornar responsável por si mesmo e por seus processos. O sentido que damos à palavra compaixão aqui está muito mais próximo da atitude das 'carpideiras de Ereshkigal', que se solidarizam com seu sofrimento sem, contudo, tomar qualquer atitude ativa de procurar abrandá-lo.

Um outro ponto curioso sobre a contra-transferência é que algumas vezes também vemo-nos diante de uma 'série' de pacientes que têm o mesmo tipo de problemas ou lidam com o mesmo tipo de energia, como, por exemplo, uma seqüência de três ou quatro homossexuais ou dependentes químicos ou pessoas com doenças degenerativas em fase terminal que nos procuram no mesmo ano. Fatos como estes não podem ser considerados 'coincidências' e muito menos projeções do analista, pois homossexualidade, dependência química e doenças degenerativas não são, em absoluto, coisas subjetivas, mas antes uma realidade concreta, sincrônica e repetitiva que está, de uma forma ou de outra, 'convidando' o analista para que reflita sobre seu próprio posicionamento diante dessas realidades.

Segundo Jung, a sincronicidade é um movimento onde as correntes de energia do inconsciente se manifestam na matéria através de acontecimentos não relacionados entre si. Ela acontece, por exemplo, quando estamos lidando com um problema particularmente difícil ou desafiador e 'por acaso' ouvimos um comentário a respeito do mesmo assunto em um telejornal, ou alguém que não víamos há anos vem até nós com o mesmo tipo de questionamento, ou abrimos um livro ou revista 'ao acaso' e encontramos um texto que trata exatamente da mesma questão.

Jung escreveu excelentes trabalhos sobre a sincronicidade e não pretendemos concorrer com sua genialidade. Enfatizemos, contudo, que o que importa saber é que cada paciente que chega diante de nós traz, junto com os seus próprios problemas, uma série de questionamentos para nossa própria psique e que seu inconsciente porá o nosso em xeque muitas vezes durante a análise. Se aceitarmos o desafio de tornarmos o processo auto-reflexivo, ainda que não devamos compartilhar nada disso com nossos analisandos, ampliaremos nossa consciência tanto quanto aquele que estamos conduzindo. Desta forma, um bom 'antídoto' para evitar que uma contra-transferência retire nossa objetividade e ponha o processo analítico por terra é permanecer em uma postura de constante auto-análise.

Para finalizar, devemos considerar que, em termos espirituais, transferência e contra-transferência podem, em raros casos, basear-se no reconhecimento mútuo entre duas personalidades siderais que estão apenas se reencontrando na

matéria. Obviamente como se trata de um processo neurótico, por si mesmo passível de análise e transmutação, o fato de essas duas individualidades estarem no set de terapia 'encenando' um drama, por exemplo 'pai e filho', não significa que tenham assumido um para o outro esses mesmos papéis no passado. Citamos esta possibilidade apenas para explicar que algumas vezes a familiaridade entre os dois pode ser pré-reencarnatória e isto facilita o processo de identificação e projeção energética. Mas o analista reencarnacionista deve se lembrar que estes casos não são a massa de seus pacientes, sob pena de acreditar que todos aqueles que sejam seus analisandos hoje têm para com ele um compromisso espiritual e kármico ou vice-versa. Como veremos oportunamente, esta profissão, como de resto quaisquer outras, é muito mais uma questão de Dharma do que de mero resgate kármico individual entre dois seres.

5) O Self e as Parcerias Espirituais

Aqueles que exercem ou já exerceram algum tipo de atividade cujo arquétipo predominante era o de Kheíron puderam perceber que muitas vezes, durante suas atividades, atuam de forma completamente intuitiva e são assolados por conclusões e presságios que não podem ser explicados pela lógica racional, e que o tempo sempre acaba confirmando. Isto se dá por que tanto em termos junguianos, quanto em termos espirituais, os profissionais desta área são exortados a usar sua intuição e isto possibilita que eles venham a se transformar em médiuns.

Na acepção estrita da palavra, médium é aquele que é capaz de ligar um ponto "A" a um ponto "B" e, no caso em pauta, é aquele que é capaz de deixar fluir através de si uma energia superior e/ou diferente à própria em benefício de uma outra pessoa. Arquétipicamente, a energia que deixamos fluir é a já considerada energia de Kheíron, que compõe nosso próprio Self tanto quanto o de outras pessoas. E é pela via do Self que ela chega até nós. Estaremos detalhando em outros pontos a conceituação de Self e neste momento iremos nos resumir a defini-lo como a Centelha Cósmica, a Alma ou o Centro Diretor da Consciência ou, ainda, como a parcela Divina que cada criatura tem em si e cujo objetivo primeiro está em reintegrar o Ser à sua Fonte.

Na acepção de Centelha emanada do Criador, fica fácil compreender que o Self possui em si mesmo qualidades, características e potencialidades que estão muito acima daquelas compreendidas pelo ego. E uma destas características é exatamente uma super-consciência que lhe permite ver um processo não somente em seu estágio atual, mas em todas as suas fases, desde a origem até a conclusão. Lembremos que o inconsciente tem a propriedade de ser uma dimensão atemporal e, nela, passado, presente e futuro não ocorrem com a mesma linearidade que ocorrem na matéria. Obviamente, todo conteúdo que

emana do inconsciente tem igualmente esta peculiaridade, seja ele o próprio Self, seja ele um trauma ou complexo.

Durante o processo de análise, ainda em sua formação, a primeira figura que o analisando se defronta em si mesmo é com sua Sombra, ou seja, com os conteúdos relativos à formação do ego que foram banidos da consciência para uma região obscura do inconsciente. Estes conteúdos, como veremos a seguir, não são necessariamente negativos ou pervertidos, mas foram em algum momento considerados inadequados para o desenvolvimento do ego.

Suponhamos, por exemplo, um jovem que esteja sendo criado em um meio extremamente cruel e que tenha, por força das circunstâncias, que se tornar mais duro do que o esperado em outros meios menos massacrantes. Na análise deste indivíduo, encontraremos em sua Sombra impulsos nobres tais como compaixão, empatia e solidariedade, que o meio não lhe permite serem livremente exercidos sob pena de pôr em risco a própria sobrevivência.

Na segunda fase da análise, o analisando irá se defrontar com suas características contra-sexuais, que Jung chamava de Animus e Anima. O Animus é a parcela masculina, Yang, da mulher que lhe permite atuar frente a si mesma e ao mundo de uma maneira mais assertiva, sem perder sua feminilidade; e a Anima é a parcela feminina, Yin, do homem que lhe permite atuar frente a si mesmo e ao mundo de uma forma mais sensível, sem perder sua masculinidade. Animus e Anima, portanto, não estão relacionados à homossexualidade, exceto nos casos patológicos e trataremos deste assunto em outro tópico.

Na última fase do processo de análise – e por ‘última’ não estamos querendo de forma alguma sugerir que este processo de integração dos conteúdos do inconsciente e de ampliação dos limites da consciência tenha um ‘fim’, mas apenas colocando as coisas em forma esquemática – o analisando encontra-se com o Self. Durante todo o processo ele esteve desenvolvendo o que Jung chamava de ‘função transcendente’, ou seja, esteve desenvolvendo a capacidade de ver-se a si mesmo e ao mundo que o cerca não somente do ponto de vista do ego, mas simultaneamente do ponto de vista do inconsciente e de diversas parcelas de sua consciência. Este é o objetivo último de toda análise bem sucedida.

A despeito de a descrição do processo ser bastante simples, ele pode levar alguns anos e certamente será bem mais rico do que qualquer esquema teórico. Estamos chamando atenção aqui especificamente para o fato de que é imprescindível para o analista conhecer não somente as parcelas mais próximas de seu inconsciente – Sombra e Animus/Anima – mas também possuir mecanismos que o levem a estar igualmente em sintonia com seu próprio Self. Em última instância, por mais que seja imprescindível que o analista possua todo um escopo teórico que utilizará em favor do paciente, será a partir do seu inconsciente e mais precisamente a partir de sua própria Centelha – em concordância com a Centelha do paciente – que o processo será conduzido.

Paralelamente a isto, nossa visão reencarnacionista também inclui a possibilidade de que o analista esteja sendo assessorado por um guia, ou uma equipe de guias,

que irá atuar sempre que o profissional abrir o seu canal intuitivo para receber através desta via sugestões e considerações que poderão levar a uma maior efetividade no tratamento do paciente.

Deixamos para nosso trabalho “Arquétipos, Psicanálise e Reencarnação” uma explicação detalhada a respeito da existência e capacidade de intercomunicação entre nós e nossos guias. Por enquanto, enfatizamos apenas que os guias são, em relação a nós, aqueles que se dispõem a nos acompanhar em nossas atividades e a exercerem por si mesmos a função de Kheiron para nós. Ou seja, são aqueles que do plano astral, ou quarta dimensão, ou próximo ‘B-Prana’ – qualquer que seja o nome que demos ao ‘local’ onde eles se encontram –, procuram nos dar as condições para que nós mesmos transitemos pela vida na busca da auto-consciência e, igualmente, nos auxiliam a despertar a necessidade desta auto-consciência em nossos pacientes.

Eles não são seres mágicos e infalíveis, mas pessoas que já percorreram à nossa frente o caminho que agora nos cabe percorrer. São humanos e, como nós, estão em contínuo processo de evolução consciencial. São nossos ‘irmãos mais velhos’ que, desta próxima dimensão, procuram nos auxiliar em nossa caminhada e em nossas atividades profissionais. Para compreender o que os mobiliza a permanecerem a nosso lado, basta que analisemos o nosso próprio anseio de auxiliarmos aqueles que ainda se encontram mais perdidos do que nós diante de seu próprio inconsciente. Assim como podemos legitimamente sofrer e nos angustiar por nossos amigos e pacientes que ainda se detêm em condições e energias que apenas lhes trazem perturbações, também nossos guias sentem um impulso absolutamente natural de nos inspirar para que deixemos de lado o que nos atrasa a evolução e tudo fazem para que não nos detenhamos inutilmente no Caminho.

Desta forma, além dos guias ‘pessoais’, amigos eternos de muitas existências físicas, todos aqueles que se dedicam a uma profissão de corpo e alma também acabam atraindo, por afinidade, outros ‘profissionais’ que tenham o mesmo interesse. Esses profissionais, que igualmente já percorreram o caminho que agora percorremos, aproximam-se de nós durante nossas atividades e procuram nos inspirar para a utilização das técnicas mais adequadas para o momento. Detendo uma visão energética privilegiada, eles nos ‘intuem’ para o verdadeiro quadro da situação do paciente e direcionam sutilmente nossos raciocínios para que cada consulta seja sempre aproveitada em seu máximo de eficácia.

Isto não nos transforma, contudo, em autômatos e a melhor imagem que podemos fazer para este trabalho é que ele ocorre em ‘parceria’ com a espiritualidade. Somos ‘membros de uma equipe’ e, como membros, não temos nossa personalidade, nossa individualidade e nem mesmo nossas vontades e preferências pessoais aniquiladas ou desconsideradas. Igualmente não somos eximidos dos nossos esforços pessoais por termos alguém que sabe mais do que nós conduzindo igualmente um processo. Nossa responsabilidade para conosco e para com nossos pacientes não é minimizada pelo fato de podermos contar com a ajuda de uma equipe espiritual. Antes, a consciência de fazermos parte de uma

equipe aumenta-a consideravelmente, pois devemos procurar, diuturnamente, mantermos-nos em condições de sintonia com esta equipe.

Tecnicamente devemos procurar aumentar sempre cada vez mais nossos conhecimentos a fim de que eles sejam 'acionados' intuitivamente pelos guias no momento adequado. Cabe-nos estar sempre estudando e nos atualizando em nossa área e aquele que acredita que estará completamente formado em algum momento deve abandonar imediatamente esta idéia ao considerar que nossos próprios guias estão sempre se atualizando, sempre estudando e fazendo, nesta outra dimensão, pesquisas que possibilitam que eles compreendam cada vez mais e melhor a natureza humana e as ferramentas que escolheram como aquelas que irão utilizar em nosso socorro.

Pessoalmente asseguramos que estar consciente de que se faz parte de uma equipe é algo absolutamente reconfortante, pois nos dá condições de nos permitirmos sermos humanos o suficiente para admitir que não sabemos tudo – o que é um bom antídoto contra o orgulho –, e, paralelamente, possibilita que contemos sempre com a ajuda daqueles que sabem mais do que nós. Estar consciente disso também faz com que os 'canais se afinem', pois com a utilização consciente da ferramenta da intuição acontece o mesmo do que com a utilização de qualquer ferramenta: o uso nos faz mais hábeis e competentes.

Ao longo de todo esse trabalho, inúmeras vezes voltaremos a este assunto e, por agora, importa que tenhamos em mente apenas que, independente da religião que abraçamos, a filosofia reencarnacionista rompe o isolamento egóico e nos coloca como engrenagens de uma grande e infinita Máquina Cósmica. Da mesma forma, a técnica junguiana igualmente contribui para o rompimento desta vaidade do ego ao lhe apresentar parcelas de sua própria psique que sejam arcanas, detentoras da sabedoria da Natureza e supraconscientes. Enfatizemos agora que a possibilidade de contato entre planos de energia – ou interdimensões – é algo que deve ser tomado como princípio, mas que a prática irá provar de forma peremptória mais do que qualquer teoria que se tenha a respeito.

6) O Processo de Análise²

Segundo o dicionário Aurélio, análise é o “*exame de cada parte de um todo para conhecer-lhe a natureza*”. No contexto psicanalítico, a palavra *análise* não foge em nada do significado global que a língua lhe dá, pois em um *set*, analisando e analista buscam, essencialmente, examinar as parcelas do inconsciente que se apresentam a cada consulta, com o intuito de descobrir inicialmente a etiologia de uma doença da alma para sua posterior remissão.

² Este ensaio foi originalmente produzido para alunos de um curso freudiano, mas adaptado para este curso.

Contudo, muito além da simples busca de uma etiologia e remissão de sintomas, o processo de análise, quando bem conduzido, termina por esbarrar na natureza essencial do inconsciente dos sujeitos envolvidos. Apenas quando transitamos de acordo com as linhas desta natureza essencial é que se torna possível a dissolução de complexos e o redirecionamento da energia da psique que estava, até então, obliterada para a consciência.

Via de regra, o paciente que jamais passou por um processo analítico, ou que não tem por hábito a reflexão sobre seus motivos mais íntimos, chega às primeiras consultas apenas com uma queixa comportamental. Ele sente, e muitas vezes apenas pressente, que opera em nível consciencial de forma menos funcional do que idealiza para si mesmo e declara querer livrar-se daquilo que o impede de ser feliz o mais rápido possível. O que ele ainda não sabe é que, a despeito de sua consciência objetiva, opera o inconsciente, que direciona o sujeito até um processo analítico não para que o ego se torne socialmente 'adaptável', mas para que as energias da psique, bloqueadas e distorcidas pela cultura, pela educação e/ou pela auto-recriminação, encontrem um fluxo normal e aceitável. Cabe ao analista, já nas primeiras consultas, apresentá-lo ao conceito de inconsciente que, no entanto, só receberá efetivamente crédito por parte do analisando no decorrer do processo.

Tão logo o paciente comece a observar em sua vida diária as influências do inconsciente, inicia igualmente um processo de ampliação de percepção que o leva a ver-se não apenas como um consciente e um inconsciente, mas como alguém com diferentes 'personalidades'. Quando ele chega a este nível de percepção, vê-se fragmentado em parcelas conflitantes, e muitas vezes antagônicas, e pode afastar-se da análise assustado com a revelação. E só aceitará o desafio de continuar se encontrar no analista uma espécie de tradutor para esses múltiplos habitantes e energias do inconsciente que, a despeito de fazerem parte do mesmo 'espaço-indivíduo', não falam a mesma língua. Esta luta que se trava dentro da psique é a verdadeira batalha descrita nas mitologias de todas as culturas; e é o desgaste pela batalha que leva uma pessoa a buscar um processo analítico, ainda que não possua nenhum conhecimento ou conceito teórico sobre análise. A falta total de qualquer conhecimento a respeito do funcionamento da psique leva alguns pacientes a fazerem questão de sair do set na primeira consulta com a garantia do analista de que não estão ficando loucos.

Desta forma, o analista pode encontrar diante de si um executivo absolutamente perplexo consigo por ter entrado em um processo de depressão após sucessivas perdas financeiras e por ter sido abandonado pela esposa após um casamento de 20 anos. E ficará mais perplexo ainda ao descobrir que pode ter dentro de si um jovem guerreiro, rebelde e agressivo, que gostaria de pôr uma mochila nas costas e ir conquistar o mundo sem dar único adeus para o seu passado. Ou ainda podemos encontrar a jovem esposa frígida, mas fiel cumpridora dos seus 'deveres matrimoniais', que chega profundamente angustiada pela constatação de uma gravidez, sem desconfiar que esconde em si mesma uma amazona ferida e ultrajada que simplesmente não quer ter filhos. E este é exatamente o primeiro passo em um processo de análise: descobrir qual ou quais partes da psique foram

alijadas e agora perpetraram uma vingança contra a consciência objetiva destruindo o ideal de felicidade do ego.

Nesse ponto a palavra 'parte' torna-se um tanto restritiva, pois supõe que essa parcela da consciência seja 'simples', e que, uma vez descoberta, possa ser novamente reprimida. A verdade é que essas 'parcelas' são verdadeiras personalidades paralelas, tão complexas e profundas quanto a personalidade objetiva. Cabe perguntar por que, então, elas estão relegadas a um nível inconsciente ou semi-consciente? O que leva uma jovem decidir honrar a 'mãe coletiva'³ e não a amazona? O que leva um homem a assumir o papel de 'rei' em sua vida e não o de 'guerreiro'? E, ainda, como o arquétipo e a função não privilegiados contaminam e distorcem o arquétipo e a função escolhida, prejudicando a operacionalidade da consciência e o fluxo normal das energias da psique? E como tudo isto pode ser resolvido?

Para obtermos essas respostas temos que considerar a função do Self que, como diretor do desenvolvimento do Ser, está além desses conflitos e os utiliza para burilar o indivíduo. Na visão reencarnacionista consideramos que inúmeras vezes as parcelas conflitantes são oriundas de personalidades desenvolvidas anteriormente, mas não 'resolvidas' em outras encarnações. Elas aparecerão na análise na forma de complexos autônomos, ou seja, na forma de 'pessoas' – e não de puros arquétipos – que apresentam vontades, preferências, gostos, histórias pessoais complexas referenciadas em momentos históricos e tendências muitas vezes bastante diversos do ego. Elas tenderão a aparecer tanto nos sonhos quanto na Imaginação Ativa de forma a não acusarem qualquer reconhecimento ou 'atualização' sobre a vida presente do analisando. O que as diferencia de um arquétipo é a viabilidade histórica personalística, pois a característica histórica do arquétipo é sempre coletiva, ou seja, ele não apresentará quaisquer conteúdos diferentes do coletivo. E o que os diferencia das apresentações espirituais de outras personalidades é exatamente o fato de que aqueles que estão fora da matéria estão perfeitamente informados da realidade objetiva do ego, tanto presente quanto passada.

Durante o trabalho psicanalítico, se o paciente permitir esta abordagem reencarnacionista, o analista poderá falar abertamente sobre estes complexos autônomos dando-lhe a configuração exata que tiveram no passado. Contudo, não são poucas as vezes que o paciente se apresenta para o tratamento com uma aversão aguda a tudo o que se refira aos conceitos de reencarnação. Nestes casos, que em nossa clínica particular são raros e correspondem a menos de 10% de todos os pacientes, abordamos os complexos autônomos apenas através da conceituação arquetípica, ou seja, omitimos a possibilidade real de estas

³ Inicialmente Jung divide os tipos psicológicos em introvertido e extrovertido e os subdivide em quatro funções: pensamento, sentimento, intuição e sensação. Os pós-junguianos aprimoram as subdivisões funcionais e Toni Wolff/Bárbara Koltuv identificam essas funções na mulher através dos arquétipos de Mãe, Amazona, Hetaira e Médium, enquanto Douglas Gillette e Thomas Moore as identificam no homem como Rei, Guerreiro, Mago e Amante.

personalidades terem sido formadas em outra encarnação e lidamos com elas 'apenas' como arquétipos e/ou impulsos do ego primitivo que se tornaram autônomos graças à repressão. Esta plasticidade é necessária para preservar a cosmovisão do paciente e, paradoxalmente, abre para o profissional o espaço de lidar com cosmovisões diferentes das suas sem, contudo, perder a oportunidade de trabalhar com aquele paciente específico.

Voltando assim à questão arquetípica, diante de anseios tão antagônicos que nossos pacientes nos apresentam, compartilhamos inicialmente com ele de sua perplexidade. Sabemos de antemão que o que foi reprimido mina cuidadosamente o terreno falsamente sólido no qual o ser se apóia, e assim irá continuar fazendo até que se chegue a um acordo com esta energia reprimida. Contudo este acordo não significa passar de um pólo positivo a outro negativo, ou seja, passar da total repressão para a total liberação, e o analista que pretende seguir esta linha de atuação precisa ter em mente, antes de qualquer coisa, que a consciência objetiva e a psique como um todo são um laboratório do Ser, e que todas essas lutas e conflitos internos servem ao propósito de ampliação de horizontes conscienciais. A mera substituição de um arquétipo pelo outro – ou a mera 'troca' da personalidade atual por outra formada anteriormente a esta – equivale a uma 'possessão' e poderá até trazer a solução de um problema, mas criará outros de maior monta. Com isso em mente, após identificar qual ou quais energias estão atuando para burlar os propósitos da consciência, o analista deve procurar conduzir o paciente para a busca de uma 'síntese' e de ponto central de visão, alcançado pela função transcendente e pelo reconhecimento do Si-Mesmo. Lembrando a definição etimológica da palavra análise, a psicanálise se torna assim em uma busca pela natureza da psique e, mais extensivamente, pela natureza do Si-Mesmo.

Esta busca não é feita de maneira alguma de forma puramente teórica, mas prática, pois até mesmo a pessoa mais 'psicanalisada' esbarra eventualmente na dificuldade de ver-se 'além' do que o que lhe registra a carteira de identidade, estando confortavelmente inconsciente de parcelas de si mesmo até então não trabalhadas. Será preciso 'provar' para o analisando sua 'multifacetação' e essa prova é alcançada através da análise dos sonhos e das fantasias passivas. Aos poucos o paciente descobre a validade do conceito de inconsciente e começa a ver como suas 'partes' interferem diuturnamente na vida objetiva. Este é um processo lento, durante o qual se estabelece uma relação de confiança entre analista e analisando.

Ao se atingir esta fase, o analista deve apresentar imediatamente ao paciente o conceito de síntese, sob pena de ver acirrada a guerra entre os arquétipos ou complexos autônomos e/ou levar a personalidade ou arquétipo elegido pela consciência como o principal a um estado de desestruturação completa. Este é o momento em que até o mais renitente dos pacientes se pergunta honestamente: 'quem sou eu?', e descobre, atônito, que não é nada daquilo que supunha ser e é, paradoxalmente, tudo aquilo que ele supunha não ser, sem deixar de ser o que sempre foi. Jung chama esta fase, como dito anteriormente, de confronto com a Sombra, e este confronto é diuturnamente esmagador para todas as pessoas. É o

momento em que os conceitos de bem e mau, bom e ruim, belo e feio caem por terra e a pessoa que consegue transpor esse estágio entra na fase seguinte despida dos preconceitos que tinha sobre si mesma e sobre o outro.

É também neste momento da análise que o paciente começa a resgatar suas projeções e a se reconhecer no outro. Há dois riscos aqui que não podem deixar de ser enfatizados. O primeiro, já citado, é a possessão pelo arquétipo ou complexo antagônico, fragilmente escondido na Sombra, que poderia fazer, por exemplo, a nossa jovem esposa do exemplo acima abandonar o marido e cometer um aborto saindo imediatamente pelo mundo lançando suas 'flechas' sobre todos os homens que ousarem se aproximar dela. O segundo risco é o recuo à velha trincheira que agora não lhe serve mais, o que faria o nosso executivo tentar voltar para os braços da esposa a todo custo, e se atolar mais e mais em trabalho para compensar suas perdas, movido tão somente pela culpa de ver-se menos santo do que se acreditava.

Contudo, se o analista conseguiu efetivamente construir uma base de confiança, o analisando irá se permitir vislumbrar que por trás de todas essas parcelas brilhantes e escuras de sua psique, por trás de todos esses arquétipos e complexos conflitados, existe um Self – ou uma Alma – que dirige consciente e inconsciente para um alvo único e pessoal. Assim, de todo processo de análise começa a emergir a síntese onde a verdadeira natureza da pessoa não está mais distorcida pelo foco limitante da personalidade, mas ampliada pela individualidade. Os arquétipos e as energias pessoais antagônicas continuarão eternamente brigando entre si, assim como os deuses; mas o indivíduo consciente do poder dessas energias e, principalmente, consciente de que ele é uma das partes desse todo, conseguirá finalmente ouvir a voz da sua Alma e seguir o direcionamento que Ela lhe dá, alinhando a consciência objetiva a esta parcela maior de Si-Mesmo.

Os últimos parágrafos, escritos de forma um tanto literária, podem trazer a idéia de que o processo de análise é utópico e irrealizável, pois ninguém espera encontrar uma simples grávida ou um simples executivo absolutamente centrados em si mesmos por toda eternidade, ainda que tenham percorrido completamente o processo de psicanálise. E a verdade é essa mesma: em uma única encarnação ninguém jamais chegará efetivamente a sentar-se confortavelmente sob as asas do Self, por si mesmo um Arquétipo, e dizer "já não tenho mais trabalho algum a fazer".

Nesse ponto, a análise junguiana perpetra definitivamente a religiosidade e o Self se confunde com o conceito de Centelha Divina. Sendo assim, o analista que seguir esta linha deve ter em mente, de pronto, que a Centelha está e estará sempre em permanente desenvolvimento e que um processo de auto-conhecimento é iniciado, mas sua conclusão se perde na Eternidade. Isso não significa que o analisando deve estar até o último dos seus dias diante do analista. Mas ele deve estar sim, até o último dos seus dias, diante de si mesmo, buscando a si mesmo.

Ao analista, então, cabe somente transitar com o paciente até o ponto em que este começa a se firmar em suas próprias pernas, o que acontece quando se

adquire o hábito da auto-observação ou da auto-análise. A partir daí ele estará livre para escolher quais energias privilegiará e quando as privilegiará. E, nesse ponto, a pessoa começa a vivenciar o conceito de livre-arbítrio, que Jung definia como “fazer de boa-vontade o que deve ser feito”, onde ‘boa-vontade’ significa prazer real e ‘o que tem que ser feito’ não é mais determinado pelo ego parcial, pela cultura ou pela educação, e sim pela Centelha/Self.

Durante esta tentativa de explanar o que é análise da psique, focamos nossas observações sobre o analisando. Cabe agora responder o que é a análise para o analista? A resposta é simples e óbvia: a mesma coisa que é para o analisando, pois todo o processo de análise de alguém só pode ser conduzido por aquele que tenha igualmente a coragem de se auto-analisar através do paciente. Dentro dos conceitos junguianos, a teoria da sincronicidade descarta de pronto a idéia de que um paciente procura um psicanalista por acaso. Antes mesmo que eles se vejam pela primeira vez, os inconscientes de ambos já estão em contato através do inconsciente coletivo e a eleição do analista por parte do analisando se dá a partir da identificação inconsciente de arquétipos afins.

Obviamente será bastante raro que a história de vida de analista e analisando sejam idênticas, ou mesmo similares e, também obviamente, os complexos autônomos de ambos apresentaram vivências e formas de realização bastante peculiares e diferentes entre si. Mas as energias arquetípicas que circulam no inconsciente de são, contudo, as mesmas para todos nós e o analista só poderá conduzir o paciente na solução dos conflitos que estes arquétipos lhe apresentam se se dispuser a ser conduzido igualmente na solução dos mesmos conflitos. Ele deve ter muito bem identificado em si mesmo, e destacado da massa inconsciente, o ‘arquétipo de analista’, identificado acima com Kheíron, que lhe permitirá auto-analisar-se mesmo durante os minutos em que ocorre a consulta. E a pergunta básica que deve fazer-se diante de todo paciente é: “O que há em nós precisando ser trazido à consciência?” Outras perguntas que permitem o destacamento do ‘arquétipo do analista’ do inconsciente são: “O que eu estou projetando de mim neste paciente?”, “Se ele está resistindo, essa resistência pode também ser minha e, portanto, a que eu estaria resistindo tomar consciência?”, “O que foi que eu disse durante a consulta que estava dizendo para mim também?”.

Essas e outras perguntas do gênero transformam o processo de psicanálise em um processo a dois e tiram o analista de uma posição de superioridade. E vejam: no final do processo, o analisando terá desenvolvido em si mesmo um ‘analista portátil’, que o acompanhará por toda vida. Não terá, obviamente, toda a teoria que é necessária ao profissional de análise, mas será pleno possuidor de toda teoria que lhe compete para seguir adiante.

Antes de finalizar, vale lembrar que o desenvolvimento do ‘arquétipo do analista’ envolve um risco bastante sério para todo aquele que transpõe a barreira da análise individual e se coloca como analista de outras pessoas. E este risco inicial não é menos sério do que o risco que passa qualquer analisando. Estamos nos referindo ao risco de identificação com o arquétipo que leva o indivíduo credenciado para psicanálise a acreditar que ele é um analista pronto e acabado.

Jung adverte muito seriamente a respeito da gravidade da identificação da consciência com um arquétipo; e ainda que este arquétipo esteja cumprindo favoravelmente sua função devemos sempre nos lembrar que somos tal qual nossos pacientes: seres humanos comuns que possuem uma Centelha em eterna evolução.

Fazendo um chiste significativo, diríamos que quando estivermos realmente prontos, estamos acabados! A lógica desta brincadeira é simples: nosso paciente é uma pessoa que se tornou infeliz por viver parcialmente sua psique e, por isso mesmo, busca a análise. Contudo, não estaríamos nem um pouco à frente dele em nosso processo se nos permitíssemos viver parcialmente nossa psique identificados com um arquétipo de forma absoluta. Assim, ser analista é um processo e não um estado, e ser analisado é aprender a estar em constante observação de si mesmo. Desta forma, analista e analisando se confundem em seus papéis, estando ambos em constante assimilação das parcelas inconsciente de sua psique e laborando na eterna busca dos objetivos de sua Alma.

7) A vontade e os instintos

Se pretendemos que um trabalho mexa com nossas bases filosóficas e amplie nossa cosmovisão, incluindo nela a perspectiva reencarnacionista que nos permitirá tratar com maior propriedade os conflitos humanos que surgirem diante de nós, devemos, antes de qualquer coisa, mantermos uma postura científica que permita uma análise acurada dos termos e conceitos que usualmente empregamos, mas sobre os quais pouco pensamos no dia-a-dia.

Assim, continuaremos refletindo sobre coisas que até agora eram tidas como certas ou simplesmente desconhecidas, pois cada pensamento, cada análise sobre o chão que consideramos sólido sob nossos pés, dar-nos-á a possibilidade de seguirmos nossa caminhada de forma mais consciente.

Lembrando que consciência é um ato reflexivo que permite o conhecimento ou reconhecimento de um fato, seja ele um processo objetivo ou subjetivo, o que chamamos de 'ampliação da consciência' é, antes e acima de tudo, um ato dirigido de vontade direcionado para um determinado objetivo ou objeto até então desconhecido ou parcialmente considerado. Nestes termos, os conceitos de ampliação de consciência e psique se mesclam, pois esta é definida precisamente como um exercício de vontade dirigida para um fim que contraria o impulso original dos instintos.

Assim, em oposição aos atos de consciência temos os atos instintivos que, a despeito de seguirem, como vimos, uma consciência própria, transcendente, definida pela função e inteligência que os permeiam, estão muito além do âmbito da psique humana. Neste âmbito mais restrito, os instintos são impulsos naturais

que puxam o homem para atos autômatos que têm uma finalidade biológica primária ou estão atentos à psique primitiva ou puramente arquetípica, pautada quase que exclusivamente nas funções residentes no corpo, ou nas suas variações primeiras, cujo objetivo é exatamente a formação desta psique a partir das energias puras.

Dito de outra forma, os instintos são reconhecidos como manifestações automáticas que traem seu caráter arquetípico – como idéias formadoras – e automático e que independem em tudo da vontade humana, pois constituem uma parcela energética que é *superior, anterior e posterior* à mente humana. Superior no sentido que têm um propósito diretamente ligado aos desejos divinos para qualquer corpo encarnado; anterior, pois é a partir dos instintos que se depuram as energias que formarão a mente humana; e posterior pois não deixarão de existir no Cosmo mesmo depois de o homem, considerado enquanto indivíduo, libertar-se completamente dele, uma vez que o ato criativo é ininterrupto, o que nos leva à lógica de que aqueles que hoje chamamos humanos já estiverem totalmente livres desta forma, outras criaturas ainda existirão nesta formação e estarão sujeitas aos mesmos instintos.

Os instintos, enquanto entidades cósmicas, não são modificados pela criatura humana, mas suas manifestações individuais, ou seja, suas manifestações personalísticas, pressupõem alguma espécie de gradação evolutiva até que eles retornem completamente à Fonte da qual emanam.

Precisamos aqui fazer um parênteses e considerar que nosso conceito de instinto ainda está substancialmente limitado à idéia de corpo e manifestação física, o que não é de todo errado, mas também não está plenamente de acordo com os fatos. Identificamos claramente os instintos quando sentimos um impulso sexual ou quando sentimos medo de algo que nos ameaça a vida ou, ainda, quando sentimos fome e ‘caçamos’ algo na geladeira para comer. Mas, além ou paralelamente ao impulso de realização física, o instinto se manifesta, igualmente, através de impulsos emocionais inconscientes que podem até mesmo contrariar sua manifestação fisiológica e, neste sentido, o mesmo instinto que nos leva a sentir fome e alimentar nosso corpo para que ele mantenha suas atividades físicas, pode se transformar em um impulso incontrolável em direção à comida ou mesmo ser distorcido a ponto de o ser negar-se a comer por temor de sucumbir a sua força.

O impulso inconsciente é, portanto, algo que se caracteriza exatamente pela força e numinosidade que o leva à realização ou supressão neuróticas sem que haja qualquer concurso da vontade conscientemente dirigida. Ele tem uma ‘vontade própria’, arquetípica, à qual a consciência cumpre sem conseguir se opor ou para a qual a oposição implica em dor, muitas vezes traduzida em dor física, como nos casos de histeria ou doenças psicossomáticas.

A vontade, por outro lado, implica em um exercício de escolha entre seguir um impulso ou deixá-lo temporariamente de lado – o que em nada significa suprimir sua energia, mas dar a ela um direcionamento diferente. É importante que se perceba que existe grande diferença entre suprimir um impulso, por exemplo, o

impulso sexual, e direcionar a energia que alimenta este impulso para um outro objetivo. No primeiro caso, abrimos as portas para toda sorte de 'vinganças' do inconsciente, vinganças essas plenamente justificadas por estarmos indo contra as leis da Natureza. No segundo caso, participamos do processo evolutivo da Natureza, caminhando com o arquétipo gerador do impulso para suas manifestações mais 'refinadas' ou superiores, na falta de termos melhores.

E isso só é possível se estivermos plenamente conscientes de todas as implicações de um determinado impulso e do instinto que o origina. Isso significa dizer que só temos condições de exercermos uma vontade se realizamos um ato auto-reflexivo que nos permite a clara identificação das energias atuantes em nossa psique inconsciente e em nossa psique consciente e, a partir daí, escolhermos a faixa da energia e/ou forma de manifestação.

A psique inconsciente, dirigida pela Energia Impulsionante ligada à necessidade de burilamento da Centelha Cósmica, está nos conduzindo pelas encarnações à fora baseada, fundamentalmente, nos impulsos arquetípicos e instintuais. Se não temos conhecimento de que estamos sendo conduzidos, se ignoramos quem nos conduz e, principalmente, qual é o objetivo a nós destinado por quem nos conduz, não temos condições de modificar em absolutamente nada o caminho que seguimos e resta-nos somente trilhar cegamente caminhos que desconhecemos conscientemente.

Não há propriamente um exercício de vontade enquanto não tomamos em nossas mãos a análise sobre o que nos ocorre constitucionalmente e, menos ainda, enquanto não tomamos em nossas mãos a responsabilidade pelo que nos acontece, pois a Centelha que nos direciona é o Si Mesmo, o verdadeiro Eu, apenas que em um nível ainda ininteligível para nossa condição espiritual atual. Se não sabemos onde estamos indo, qual é verdadeiramente o objetivo para o qual estamos sendo conduzidos, quais as energias que permeiam nossa 'vontade' e ainda não assumimos o nosso papel nos fatos objetivos e subjetivos que vivenciamos, estamos sem condições de modificar uma única linha da nossa história e seguimos impulsionados por forças que não controlamos.

O homem 'moderno' está tão completamente aderido a seu verniz social, que lhe diz ser ele alguém psiquicamente evoluído, que tem dificuldades infinitas de reconhecer-se ainda muito mais instintivo do que se imagina. Se perguntarmos a qualquer cidadão das nações ditas civilizadas se eles se consideram primitivos, teremos como resposta um espantadíssimo "não". Contudo, a História, e mais precisamente os fatos sócio-globais que vivemos na atualidade desmentem isso com certo escárnio. Enquanto somos capazes de reconhecer a numinosidade e a completa subjugação pelo inconsciente de um homem que, representando um povo, se põe em guerra contra o mal em 'nome de Deus', não temos a mesma facilidade de reconhecer que do outro lado dessa guerra encontramos o mesmo arquétipo salvador, que já de há muitas décadas vem guerreando pelo mundo a fora contra o mal.

Em oposição aos impulsos instintivos, a vontade é um *ato dirigido* conscientemente que pressupõe um conhecimento de causa e uma *parceria real*

entre o ser objetivo, a personalidade e/ou psique objetiva, e a psique global ou Centelha Cósmica. Em um primeiro momento, a vontade é muito mais um exercício repressivo contra os instintos que, como já foi dito, provoca por parte deles um refluxo de energia direcionado contra a consciência. Este jogo de contrários está belamente ilustrado em todas as culturas através das guerras mitológicas, onde um 'deus luta contra outro deus', ou seja, onde um impulso arquetípico luta contra outro impulso arquetípico, a despeito do verdadeiro exercício da vontade humana.

No entanto, na fase em que o Ser principia o desenvolvimento do que se chama adequadamente de vontade, ele aprende a conhecer os motivos que movem esses 'deuses' e a encontrar por trás de toda manifestação 'ilógica' um objetivo superior ao qual ele pode seguir *de boa-vontade*. É aqui, e somente aqui, que o 'deus do amor', por exemplo, pode evoluir do pueril cupido, que sai pelo mundo a marcar suas 'conquistas amorosas' pelo número de caixas de camisinha que usa por semana, e se transformar verdadeiramente em um impulso amoroso de união com outra pessoa. O indivíduo inconsciente de si mesmo que é *presa* desse arquétipo não tem verdadeiras condições de 'lutar contra ele', pois na luta entre os deuses e os homens, os últimos sempre saíram em desvantagem! E engana-se quem acha que apenas por reprimir o impulso o Ser levará alguma medalha de mérito nessa guerra. Em verdade, nada de meritório existe em ir contra a Natureza e se a repressão nos garante um certo nível de convivência social, não é encarada com fator definitivo de evolução espiritual, pois o instinto ou impulso reprimido irá ser direcionado para outra manifestação igualmente instintiva, no mais das vezes contra a própria consciência repressora.

Neste sentido, a repressão não é nem de longe um sinônimo verdadeiro para o exercício da vontade e garante apenas que mantenhamos nosso verniz social que se rompe facilmente diante de qualquer outra energia que nos desafie – leiamos mais as páginas policiais e as notícias de guerra para vermos o qual frágil é este verniz e o quanto o verdadeiro exercício da vontade ainda está longe de ser alcançado pela grande maioria.

8) *Livre-Arbítrio, Dharma e Karma*

Jung definia o livre-arbítrio como "a capacidade de fazer de boa-vontade o que tem que ser feito". Já vimos que a palavra vontade tem uma ligação de significado inseparável com o conhecimento dos motivos últimos que movem nossos impulsos, conhecimento este que possibilita uma escolha em relação ao tipo de manifestação energética deste mesmo impulso. Sendo assim, o exercício do livre-arbítrio só é realmente possível se somos conscientes de nós mesmos e, principalmente, se atingimos um grau de alinhamento real com a Vontade Divina representada em nós pela energia que chamamos de Centelha Cósmica ou Self.

Não se pode falar em livre-arbítrio enquanto o Ser está totalmente inconsciente de si mesmo. Ou seja, se ele ainda está no ponto em que apenas opta por não seguir os impulsos de um deus para privilegiar outro, que tanto pode ser um arquétipo quanto o 'deus cultura' ou o 'deus sociedade', ele continua apenas e tão somente seguindo impulsos. Em um exemplo concreto, se alguém opta por não se vingar de alguém que lhe fez algum mal apenas porque um terceiro alguém, a sociedade, um guia, um outro arquétipo, uma lei ou uma religião lhe disseram que isso não é adequado, e não consegue verdadeiramente transmutar em mim o impulso de raiva dirigido contra a pessoa que o agrediu, não fez um exercício real de vontade, e apenas seguiu o impulso de manter-me aceitável, o que significa dizer que optou por manter uma imagem positiva de si mesmo, não sendo esta a sua real vontade ou essência.

Obviamente a sociedade agradece parcialmente à repressão dos nossos instintos destrutivos, mas eles irão aparecer de outras formas menos evidentes do que uma simples vingança e podemos nos tornar amargos ou mesmo um 'imã' para a violência alheia. E em médio e longo prazo, a própria Lei do Karma irá nos colocar novamente em situações de abuso energético até que finalmente resolvamos encarar essa esfinge de raiva. Somente no momento em que encaramos de frente este desafio e fazemos as perguntas certas a esta raiva é que podemos realmente dizer que estamos exercendo realmente uma vontade e um livre-arbítrio. Nas culturas orientais existe uma palavra que define com maior precisão o exercício da verdadeira vontade: "Dharma". Dharma é a Lei que rege a Ordem do Universo e também a ordem pessoal. É o senso do dever que transcende quaisquer padrões culturais ou interesses egoístas. Quando respeitado, o Dharma leva à evolução das coisas e dos seres. Quando transgredido, gera a formação de conflitos e bloqueios nas energias cósmicas e pessoais. O instrumento do Dharma para corrigir aqueles que não o seguem é o Karma que cuja finalidade não é a mera geração de sofrimento, mas simplesmente conduzir seres e povos à aquisição da consciência de que sua participação na Criação tem uma função específica e deve ser cumprida.

Dito de outra forma, o Dharma é uma Lei que faz com que o indivíduo busque um alinhamento real com sua Centelha e se questione a respeito do que Ela deseja de fato para sua atual encarnação e para sua evolução. Ao fazer esse questionamento interno, o Ser descobre as diretrizes de um projeto que lhe cabe cumprir, porque escolhido 'de livre vontade' por sua própria Alma. O Dharma tem uma conotação pessoal porque o que é 'certo' para um pode não ser certo de forma nenhuma para outro. Citemos um exemplo: a Centelha de A. determinou que no momento atual do seu desenvolvimento deve direcionar sua energia criativa a interesses puramente humanitários, tais como a pesquisa científica de vacinas, e viver uma encarnação dedicando-se exclusivamente a isso sem dividir sua energia com a constituição de uma família. A Centelha de B. determinou, pelo contrário, que nesta encarnação deve dedicar-se exclusivamente à formação e a manutenção de uma família, sem almejar grandes sonhos de alcance social. São objetivos pessoais e antagônicos e se A. e B. decidirem trocar suas metas – A. casando-se e abrindo mão do seu trabalho científico e B. abrindo

mão da família em nome de uma carreira científica – por mais louváveis que sejam seus objetivos conscientes, estarão transgredindo o próprio Dharma e gerando para si mesmos um Karma.

Convém explicar que o sentido da palavra Karma foi bastante desvirtuado no Ocidente e, por aqui, Karma significa quase que exclusivamente ‘sofrer’ passivamente os efeitos do que se fez no passado. Mas nem de longe é exatamente isso que deve ser feito. Em verdade, Karma significa colheita. Costumamos usar uma metáfora para explicar o que significa essa Lei: se, no passado, alguém tinha um campo para semear de flores e plantou espinhos, no presente não adianta adotar uma postura passiva e simplesmente sofrer os efeitos dos espinhos em sua carne. O que ele precisa fazer é ter uma atitude ativa de voltar ao mesmo campo e “colher”, arrancar os espinhos e plantar as flores que não plantou no passado. Sentar no meio do espinheiro e simplesmente resignar-se a ele não fará as coisas diferentes. E nós temos que fazer as coisas serem diferentes. Voltando a A., se ele deixou no passado de fazer suas pesquisas e gerou um Karma, não adianta agora chorar porque não consegue ser feliz em família ou mesmo não consegue constituir uma família e, muito menos, não adianta se revoltar. Ele precisa descobrir o que foi que deixou de fazer no passado para fazer hoje o que ficou pendente. Se ele precisava manipular a sua energia mental e sua energia criativa em prol da ciência e do bem-estar do próximo é exatamente isso que tem que voltar e fazer hoje. E ‘de boa-vontade’. Só assim estará realmente fazendo as pazes com o seu Karma e com o seu Dharma.

O Dharma, portanto, está a serviço do desenvolvimento da consciência e é a não aceitação desse desenvolvimento, é a não participação no projeto de vida que foi estabelecido pela Centelha, e que usualmente atende a interesses mais amplos que os do próprio indivíduo, que faz com que se criem pendências que deverão ser *solucionadas* em algum momento da história sideral do Ser. Quando dizemos que atende a interesses mais amplos, estamos querendo frisar o sentido de Ordem do Universo, preconizada por esta Lei, e que para A. inclui a sociedade que se beneficia de suas vacinas e para B. os indivíduos da família que ele escolheu constituir e participar e que, por sua vez, fazem e farão parte da sociedade.

II – Conceitos Fundamentais do Processo de Análise

1) *Psique*

O conceito de psique sofre sucessivas análises no trabalho de psicanalistas e filósofos ao longo da história e podemos considerar que estas tentativas foram e são virtualmente inesgotáveis uma vez que a definição deste ou de qualquer outro conceito psicanalítico passa por entraves bastante peculiares. Lembremos que diferentemente de muitos ramos da ciência, a psicanálise tem a dificuldade adicional de que o sujeito e o objeto de seu estudo são o mesmo. Isto por si só coloca o pesquisador na incômoda posição de poder descobrir que não se pode excluir a si mesmo do objeto pesquisado. Não são inválidos, contudo, todos os esforços direcionados para a definição dos termos psicanalíticos e exortamos nossos leitores a continuarem por si mesmos os estudos de outros pesquisadores e filósofos a fim de alcançar um posicionamento que mantenha sua mente aberta para as diferentes facetas da Verdade por trás de tantas elaborações.

Desta forma, vamos considerar inicialmente psique apenas em função da consciência e diferenciá-la em dois níveis: a psique global e a psique em nível restrito. Em nível restrito, psique identifica-se com consciência e é o sujeito da análise de si mesmo, um elemento que Jung coloca em oposição ao fisiológico, e que é dotado de uma vontade e propósito suficientemente fortes para sobrepor-se ao meramente instintivo.

Lembremos que instintos são todos os impulsos primitivos, que, por herança biológica, são responsáveis pela movimentação funcional que caracteriza a vida animal e que têm por princípio e finalidade a criação, manutenção e renovação da própria vida e, ainda, que podem se manifestar nos pólos positivo e negativo. A palavra primitivo, em termos analíticos, tem apenas e tão somente o sentido de primário, primeiro, e não o sentido dado pelo senso comum de 'impuro ou grotesco'. Sendo assim, o conceito de instinto é usualmente restritivo à vida 'animal', mas lembremos que a própria vida animal é já um aprimoramento de uma Energia Primeva que a antecede.

Esta Energia é a própria energia Divina se subdivide na Criação ou, mais adequadamente falando, é identificada pela mente humana apenas em seu aspecto dual (positivo e negativo) e tríplice (criação, manutenção e renovação)⁴. O que podemos compreender de todo o legado que recebemos tanto das culturas históricas nas quais os homens utilizaram muito do seu tempo para refletirem sobre o Universo e a Criatura Humana, tanto do que recebemos atualmente através das comunicações mediúnicas abundantes em nosso País é que o impulso

⁴ A cultura induísta identifica as manifestações duais com os casais divinos e as manifestações tríplices pelas divindades masculinas Brahma, Vishnu e Shiva.

básico e inicial da Criação é um impulso propagador que faz com que do Caos se estabeleça uma Criação (Brahma) e, desta, uma Ordem. A Ordem procura manter-se estável (Vishnu), mas a própria estabilidade pode tornar a Criação estanque e 'petrificada', impedindo sua expansão, o que torna necessário, portanto, que sejam rompidas e destruídas suas velhas formas (Shiva) para que se possa, então, voltar ao estágio de caos e criação.

Percebemos, de pronto, que há por trás de todo esse movimento, um fio condutor expansivo, coordenado e suficientemente forte para tornar-se irresistível. Este fio condutor é uma energia que aqui vamos chamar de Energia Impulsionante⁵ e que, em muitos sentidos, coincide com o conceito de Libido formulado por Jung para explicar as motivações humanas. Para Jung, Libido é o impulso criador relacionado ao prazer e à realização que está por trás de todo movimento humano, mas estamos ampliando este conceito ao atribuir este Impulso não apenas à manifestação humana, mas a toda manifestação da Criação, o que inclui, de resto todas as dimensões e formas criadas dentro destas dimensões. Assim, podemos atribuir à Energia Impulsionante tanto o movimento que leva o homem a criar, manter ou destruir alguma coisa, quanto o próprio movimento dos átomos ao se organizarem para formar uma rocha ou, ainda, ao movimento que a planta realiza, por exemplo, na busca de aprofundar suas raízes ao encontro de água.

E é neste nível 'macro' e profundo que consideramos a existência de uma psique global. Esta psique evolui, como a psique individual ou restrita, pelo atrito entre as Forças Arquetípicas em direção à tomada de consciência sobre si mesma. Essas forças, como vimos no início deste trabalho, têm um modelo de atuação, um padrão vibratório e um propósito específicos. Usando uma metáfora, é como se cada uma das forças que o Cosmo utiliza na Criação tivesse uma cor peculiar e que o Ser principiasse a formação de sua consciência *experimentando* cada uma das cores, em princípio isoladamente e posteriormente em matizes e misturas.

Quando dizemos que cada uma delas têm uma função, estamos querendo reforçar a idéia de que por terem sido criadas com propósitos 'individuais e específicos', cada uma delas atende a um interesse particular do Criador. Querendo marcar também a idéia de que por terem algo que pode ser comparado a uma vontade e a uma supra-consciência, cada uma dessas forças procura fazer valer suas vontades sobre todas as outras. Além disso, elas atuam de forma mais ou menos 'automática', ou seja, procuram impor o objetivo para o qual foram criadas, o

⁵ Não conseguimos encontrar uma expressão melhor. Pensamos inicialmente em usar a expressão energia vital, mas o termo 'vital' está relacionado a 'vida biológica' e fica difícil explicar para nossa mente ainda presa a um cérebro próprio e limitado da terceira dimensão que existe 'vida' em manifestações geológicas, por exemplo. Poderia, ter usado também o termo oriental que denomina essa energia de Kundalini, mas a Kundalini é também muito identificada com sua manifestação biológica e foi popularizada em sua acepção 'sexual', como aconteceu com o termo Libido. Além disto, por Energia Impulsionante compreendemos um impulso que não se manifesta exclusivamente na criação das formas, mas também na manutenção e destruição destas mesmas formas para que a reciclagem de seus elementos estruturais proporcionem a contínua evolução dos Universos e de tudo que há neles.

que nos leva ao raciocínio lógico de que, em nível macrocósmico, realmente o arquétipo se equivale a uma espécie de 'instinto' que direciona a evolução para propósitos predefinidos sempre do mesmo jeito para todas as coisas criadas.

Ao analisarmos em profundidade um paciente e observarmos muitas vezes a literalidade maçante destas manifestações, concluímos que a imposição de arquétipos que muitas vezes puxam o Ser para posicionamentos contrários em sua vida consciente têm por finalidade provocar o surgimento de um foco individual. A este foco estamos chamando de consciência e ele, ao mesmo tempo que é um 'produto' do atrito entre estas forças, é igualmente o elemento que deve mediá-las e modelá-las de acordo com as suas necessidades individuais e peculiares. A psique individual é, desta forma, o elemento humano que evolui através e a partir do 'caldo primordial' arquetípico.

Em nossa visão reencarnacionista acreditamos que esta evolução não se dá em uma única vida, mas em diversas vidas e podemos depreender disto que a cada nova encarnação o Ser pode experimentar a numinosidade ora de um, ora de outro arquétipo e, ao logo de muitas existências, ir aprendendo gradativamente a lidar com estas energias de forma individual e peculiar. Esta visão nos parece um tanto óbvia, pois todos percebemos dentro de nós arquétipos que nos impulsionam para estilos de vida contrários entre si e que a chamada 'paz de espírito' está não em realizar a todos eles ao mesmo tempo – o que seria impossível – mas em encontrar uma maneira de privilegiando um, não excluir de todo a validade de outro. Contudo, ao longo de muitas encarnações o que se dá é exatamente isto: cada encarnação pode privilegiar um arquétipo por vez e ir segregando os outros para o inconsciente. Assim, ao longo de muitas encarnações, vamos encontrar no inconsciente pessoal de todo indivíduo personalidades tendenciosas, aqui chamadas de complexos autônomos, que têm por pano de fundo uma energia arquetípica específica.

Mas em cada encarnação, o ponto central consiste em encontrar o 'meio termo' entre estas forças, estejam elas acumuladas no inconsciente pessoal na forma de complexos autônomos já vividos, ou sejam ainda manifestações puramente arquetípicas. E é a busca deste ponto de equilíbrio que forma a psique individual. Citemos, apenas a título de ilustração, o que se dá com muitas pacientes atualmente em nossa clínica: não raro encontramos mulheres que têm em sua consciência o impulso arquetípico para a realização profissional vindo diretamente de Atena ou Ártemis. Estes dois arquétipos têm, por seu turno, uma oposição muito forte com, por exemplo, o arquétipo de Hera e as mulheres em questão, que chegam ao consultório depois de segregarem Hera para seus inconscientes, sofrem em suas vidas privadas e em seus relacionamentos pessoais por não conseguirem se ver como 'esposas'. O trabalho de análise, nestes casos, é conduzido para o reconhecimento da importância e da validade tanto de um quanto de outro arquétipo e a mulher é levada a encontrar um ponto de consciência que consiga equilibrar ambos.

Observemos que se não houvesse uma Energia Impulsionante levando o Ser para um estágio posterior de sua evolução, ele não sentiria de forma alguma a

‘contradição’ ou atrito entre estas forças que o puxam em sentidos contrários. O mais forte deles – no nosso exemplo Atena ou Ártemis – simplesmente iria se sobrepor e sobrepujar os outros. Disto concluímos que a formação da psique individual se dá exatamente a partir do momento em que a Energia Impulsionante ‘puxa’ o indivíduo para fora do seu estado de imersão arquetípica unilateral e lhe coloca a difícil tarefa de encontrar um meio tom pessoal entre todos os arquétipos constituintes de sua psique global.

Isto nos traz de volta à conceituação de psique global. Se definimos psique individual como um elemento pessoal dotado de vontade e propósito que leva o Ser a sobrepor-se ao meramente instintivo e a individualizar-se, por psique global definimos um elemento coletivo que é igualmente dotado de vontade e propósito, mas que identifica instintivamente todos os membros de uma coletividade e cuja função agora é sobrepor-se ao meramente ‘caótico’ ou inercial, privilegiando uma evolução contínua dos membros desta coletividade que, em dado momento, começarão a desenvolver igualmente uma psique individual. A energia que coordena este processo é novamente a Energia Impulsionante que, como já foi dito, atua através da criação, manutenção e destruição das formas individuais em nome de uma perpetuação contínua do próprio processo evolutivo do Cosmo.

A Energia Impulsionante é, desta forma, o Princípio ou Precursor, de todos os instintos e todos os instintos, mesmo os que são consideramos destrutivos na consciência hominal, têm por função o tripé “propagação, preservação e renovação da Vida”. E, no processo de sua evolução biológica, esta energia é inicialmente identificada em sua manifestação como ‘tropismos’ chegando, no animal, a tomar a forma do que mais restritivamente chamamos de instintos.

Estamos todo tempo enfatizando que essa Energia tem uma função e, obviamente, para considerarmos que alguma coisa tenha uma função, e que ela atinge usualmente a realização desta função, devemos considerar, igualmente, que ela possui alguma espécie de consciência e inteligência que a dirige. Esse pressuposto tem deixado os nossos homens de ciência completamente perplexos diante de formas de vida mais primitivas que atuam de maneira absolutamente ordenada e tão coerente que é-lhes impossível descartar a hipótese de que exista uma consciência diretora e consciência de grupo, que aqui estamos chamando de psique global.

Desta forma, cada espécie de coisas criadas têm uma psique global que coordena a evolução dos indivíduos desta espécie e isto explica o porquê de observarmos que mesmo as formas mais elementares de vida de se manifestarem de forma coerente. Para não fugirmos à clareza, precisamos então diferenciar dois níveis de psique global: um nível amplo e um nível restrito. Esclarecemos antes ao leitor que esta diferenciação é fundamental para que, nos tópicos abaixo, ele possa compreender os diferentes níveis do “Modelo Piramidal do Inconsciente”. Em nível amplo de psique global, que acima chamamos de consciência diretora, a Energia Impulsionante coordena a evolução dos diferentes reinos da natureza e é esta consciência diretora quem dá identidade, finalidade e propósito a cada um destes reinos. Em nível restrito a psique global, que acima chamamos de

consciência de grupo, o que está em jogo é a evolução e a identidade de cada espécie, seja ela animal, vegetal ou mineral.

Em quaisquer destes dois níveis, contudo, a Energia Impulsionante opera ainda sem considerar os indivíduos como seres isolados, mas apenas o conjunto de todos eles. Apenas quando o ser começa a se diferenciar dentro de um grupo é que principia a formação de uma psique individual. Pelo que vimos, somos levados a considerar que a consciência e a vontade não são características limitadas à forma humana, mas se incluem no próprio conceito de Vida que perpetra toda manifestação 'inteligente', ainda que essa inteligência e essa consciência sejam virtualmente diferentes da inteligência e consciência humanas e atendam a propósitos inalcançáveis em toda sua plenitude por nossa mente.

E da mesma forma que o corpo humano evoluiu a partir de formas mais primitivas de vida, e em nosso cérebro possuímos ainda todas as 'camadas' históricas desta evolução, concluímos que também a psique individual igualmente se origina a partir das formas mais 'primitivas' da Criação – através da psique global nos dois níveis – e que vai, sucessivamente, ampliando sua gama de experiências até atingir um grau de consciência suficiente para diferenciar-se do todo, impondo uma vontade própria que, muitas vezes contraria a si mesma. Dito de outra forma, a psique individual destaca-se gradativamente da psique global, mas – e isto é importante que se frise – não perde as características desta última, apenas as engloba e transcende, e em algum momento do processo termina por se diferenciar graças aos impulsos contraditórios. E na busca de privilegiar um instinto em detrimento de outro, no atrito entre uma vontade arcaica e outra vontade igualmente arcaica, ambas contidas no mesmo Ser, acaba formando o que chamamos de 'consciência'.

Concluímos então que o elemento que chamamos consciência é o produto resultante de uma vontade e esta, por seu turno pressupõe a existência de uma individualidade que, em nível restrito, se confunde com o que chamamos psique individual e em nível amplo de psique global.

2) Processo de Formação da Consciência Objetiva

Prosseguindo nossa viagem em torno da formação da consciência desde suas origens arcanas até uma personalidade objetiva, tão logo a psique global começa a se diferenciar do todo e das energias primárias, e a formar um núcleo consciente em um plano de energia ainda próximo do arquetípico, ela sente a "necessidade", ou é empurrada pelo impulso primário de expansão – a Energia Impulsionante – em direção aos diversos planos de formação da consciência, que nada mais são do que os diversos planos de existência. Nos planos inferiores, a energia que os compõe é mais densa e vai se tornando cada vez mais sutil conforme ascende.

Resumindo: enquanto no plano arquetípico, a psique global, imbuída pelo impulso expansivo da Energia Impulsionante, começa a formar um núcleo de consciência sobre a Centelha Cósmica, no plano das energias mais densas, que especificamente chamamos de matéria, esta mesma Centelha começa a ampliar seus horizontes e fazendo experimentos com as formas mais restritivas de energia, o que a leva à formação de um núcleo de consciência que se atém mais especificamente aos corpos físicos.

Ao longo de milhões de anos, esta Centelha procura adquirir experiências nesses planos mais densos através da formação de corpos que irão lhe permitir vivenciar tanto a dualidade energética – pólos positivo e negativo – quanto as três fases do processo de formação cósmica – criação, manutenção e destruição/renovação.

Lembremos que enquanto Energia Pura, a Centelha não pode ser chamada de “*ser humano*”, mas é uma forma de vida supra-humana em todos os sentidos. Além disso sua consciência está limitada à experiência arquetípica, o que significa dizer que ainda não estagiou no reino humano, que faz parte do processo evolutivo e é intermediário para as formas mais conscientes do Ser.

Relacionados a este reino humano, encontramos sete os planos cósmicos, ou ‘corpos’ ou ‘dimensões’, que as culturas orientais e os tratados esotéricos traduzem por corpo físico, corpo astral, corpo mental inferior, mental superior, búdico, nirvânico e paranirvânico.

No contato com corpo físico, o Ser experimenta, se desenvolve e se aprimora através dos instintos animais, que lhe darão condições de possuir e dominar em algum momento um equipamento físico refinado que atenda aos anseios e aos projetos da Centelha Cósmica e da própria Criação. A Centelha inicia este contato nas formas mais primitivas da apresentação animal e vai evoluindo até alcançar um estágio onde tenha pleno domínio deste corpo. Lembremos que o conjunto da humanidade ainda está tão imerso e necessitado deste plano que lhe cabe a posse um veículo físico ainda excessivamente primário, cujo cérebro não detém o domínio de mais de 10% de toda sua capacidade neuronal.

No corpo astral, desenvolvem-se os sentimentos e as emoções que refinam as manifestações instintivas, tornando-as diferenciadas ao agregar-lhes aspectos personalísticos. Assim, por exemplo, o mero instinto de procriação que é o mesmo para todo animal por ser próprio do corpo físico, adquire uma conotação de atração específica por uma pessoa e se transforma em paixão e desejo tão logo o Ser principie a desenvolver uma consciência no plano astral.

Este plano subdivide-se em inferior e superior: ao astral inferior estão ligadas as formas primitivas de sentimentos e emoções, ainda excessivamente mescladas com o instintual, tais como a paixão e o apego, enquanto que no astral superior desenvolvem-se os sentimentos refinados, tais como a compaixão e o amor.

No corpo mental inferior, o Ser desenvolve pensamentos concretos, que lhe permitem idealizar e criar coisas com as quais modifica e supre o ambiente com recursos mais adequados para seu bem-estar e sobrevivência. Este corpo é o

responsável pela formação do raciocínio concreto e da linguagem que dá nome às coisas e tenta explicá-las em relação ao mundo objetivo.

No corpo mental superior, o Ser entra em contato com o nível da abstração e da intuição pura onde, dentre outras coisas, acessa outras mentes e arquétipos que lhe permitem manipular o presente 'intuindo o futuro', bem como sentir-se como parte de um todo maior. É neste corpo que ele principia o processo que irá levá-lo a conhecer os objetivos do Todo Maior e a direcionar sua vida para alcançar estes objetivos. Aqui a linguagem se refina e começa a fazer referência a energias sutis, e não mais apenas a coisas concretas. É neste corpo também que o Ser tem acesso às operações abstratas e matemáticas que permitem ao raciocínio deslocar-se completamente da objetividade e da realidade imediata para explicar o mundo em termos completamente simbólicos.

No corpo búdico, o Ser entra em contato com o nível mais refinado da existência, que o integra à sua Centelha Cósmica fazendo-o viver em completa harmonia com Ela. No Oriente, este corpo é identificado pelo estado de Samadhi, ou imersão na Consciência Cósmica, que permite ao homem estar simultaneamente em contato com o plano físico e com o plano divino, ou seja, estabelecer um eixo fixo de comunicação entre a Centelha Cósmica, ou Psique Global, e a consciência objetiva. O processo de Individuação, descrito por Jung, tem por objetivo alcançar este eixo, mas o próprio Jung admite que para o nosso estágio atual de evolução é sumamente difícil chegar e *permanecer* neste estado de integração com o Si-Mesmo. Temos ainda que nos contentar com momentos de integração, mas cabe-nos buscar desenvolver esta integração até que ela se torne definitiva.

Nos corpos nirvânico e paranirvânico o Ser alcança os estágios de anjo e arcanjo, respectivamente, nos quais completa a integração com o Criador. Nestes estágios o homem não é mais 'ele mesmo', o que significa dizer que abandona completamente a identificação egóica, estando completamente imerso na Criação e fundido com o Criador sem, contudo, perder sua 'identidade sideral'. É a fase onde o diamante está completamente lapidado e a vontade individual é a mesma Vontade Divina.

Por tudo isso, fica fácil compreender que a Energia Impulsionante leva a Centelha a fazer um giro completo, saindo do estado de imersão inconsciente no Corpo Divino para voltar a estar novamente imerso neste Corpo, milhões de anos depois de formada, completamente consciente de si mesma. É este processo é perfeitamente compreensível quando somos lembrados de que o anjo e o arcanjo participam diretamente de toda Criação, na condição de executores conscientes da Vontade Divina; e não haveria outro jeito de serem executores perfeitos se não a conhecessem em intimidade, e não tivessem passado por si mesmos por todos os planos divinos. É nesta passagem pelos planos da criação que a Centelha adquire experiência nesses planos de formação da consciência e poderá, no futuro, com propriedade, vir a determinar o que será melhor para cada criatura que ainda estiver imersa nos estágios anteriores.

Tenhamos em mente, ainda, que Criação-Manutenção-Renovação são estágios simultâneos e que, por isso mesmo, encontramos no Cosmo, neste exato segundo, consciências em todos os graus acima referidos. Além disso, a Tradição reporta algo que somente agora a Física moderna tem aceito: existe não somente um universo criado, mas vários universos simultâneos, alguns no ciclo de criação/expansão/manutenção, como o nosso, outros no ciclo de manutenção/retração/destruição. No Oriente, chamamos cada um destes ciclos universais de Dia e Noite de Brahma e cada um tem a duração de 4.300.560.000 (quatro bilhões, trezentos milhões e quinhentos e sessenta mil anos solares). Esta cifra literalmente astronômica é inalcançável por nossa mente atual, mas serve como parâmetro para que possamos compreender a efemeridade de uma única existência.

No entanto, ainda que uma única vida física seja um mero traço no processo de evolução da consciência, sua validade reside no fato de que a própria consciência é formada por cada um desses traços que, como já foi dito antes, permitem que se adquira experiências e se amplie o ângulo de visão sobre si mesmo e sobre a própria Criação. Trazendo esta Cosmovisão para o limite estreito dos consultórios psicanalíticos, devemos ter presente em nossa consciência, mesmo diante dos dramas mais acerbos, que qualquer encarnação deve ser vista como um ponto no todo: um ponto importante, mas apenas um ponto. Sua validade reside no fato de que cada existência é como uma lição, ou um parágrafo no aprendizado consciencial, e que não pode ser descartada do contexto, sob pena de perder o significado.

Contudo, a realidade dessa descontextualidade se faz presente todos os dias diante de nós simplesmente porque faz parte do processo perdemos de vista o fato de que cada encarnação é apenas um 'minuto' dentro de um ciclo eterno e nos identificamos com os problemas e angústias deste único minuto. Para que a lição de cada vida tenha validade e seja realmente assimilada, devemos, em certo sentido, nos identificarmos realmente com as questões que cada encarnação nos traz, sob pena de não darmos a devida importância ao que nos acontece. No processo de individuação, no entanto, a mente e o emocional devem trabalhar em dois planos, 'sentindo' na carne as experiências pelas quais passa, mas sem perder de vista a relatividade do plano material e do seu estágio atual de desenvolvimento.

Pessoalmente, entendemos a evolução da consciência e a assimilação de experiências de cada encarnação através da metáfora de uma "Brincadeira Cósmica". Quando observamos crianças brincando, vemos que elas estão completamente imersas em seus jogos. Se alguma delas faz, por exemplo, o papel de mãe ou esposo, comporta-se de forma adequada ao papel que assumiu e 'vive' o *ser mãe ou ser esposo*. Nestes jogos infantis, ela aprende um pouco do que será a sua vida futura e exterioriza os sentimentos, conceitos e expectativas que tem em relação àquele papel social. Além disso, se alguma coisa na brincadeira leva o nosso casal infantil a um estresse, a briga pode tornar-se 'real', e o choro terá as lágrimas sentidas de um choro 'real'. Contudo, a criança não perde de vista sua verdadeira identidade e volta a ela tão logo o jogo termine. A

validade emocional de uma 'brincadeira de criança' não pode ser questionada, e por este motivo há quase um século vêm sendo desenvolvidas teorias que transformam esses jogos infantis em fonte de acesso e comunicação com o inconsciente da criança, proporcionando uma reorganização emocional eficiente através de uma terapia que hoje chamamos de 'ludoterapia'.

Assim, diante do Criador, somos crianças que Ele permite que brinquem em seu colo e que se identifiquem com seus papéis a fim de que aprendam a exercer os diferentes papéis 'sociais' da Criação e exteriorizem suas expectativas, conceitos e sentimentos. E da mesma forma que a brincadeira perde sua validade se durante a mesma a criança deixar de vivenciar seu papel, enquanto crianças divinas, se um de nós não se identificar com o papel que escolheu para a encarnação e não assumir as conseqüências deste papel, "sofrendo e vivenciando todas as suas nuances", não conseguirá viver realmente toda a amplitude da experiência. Paradoxalmente, quando nos identificamos 'demais' com um papel e perdemos de vista o contexto de nossa Centelha Divina, agarramo-nos a uma 'brincadeira' que pode já não nos servir mais e deixamos de passar mais rápido para o momento seguinte, ou para a 'brincadeira' seguinte.

O ego ou consciência é essa criança identificada com uma 'brincadeira' chamada 'encarnação'. Cabe a nós, enquanto analistas, e a nossos guias, enquanto responsáveis sobre nós, lembrarmos àqueles que se perdem nos meandros e problemas subjetivos de que possuem uma Consciência muito maior do que a referendada em um único momento cósmico e de que têm, igualmente, uma personalidade maior. Com relação à função do eu, fica claro depreender que ele está em relação direta com a necessidade de vivenciar as nuances da matéria com total honestidade, a mesma honestidade que faz uma criança ser a 'mãe' de outra por algumas horas.

Voltando à nossa concepção cósmica, quando o Ser começa a desenvolver uma psique individual, e também um 'eu', ainda na fase plenamente identificada com o animal, ele está em um estágio onde os instintos o aproximam da matéria e limitam em tudo seus desejos e aspirações. Este 'eu' primitivo, sujeito a todo tipo de injunções do meio em que encarna, em dado momento começa a perceber que possui mais do que instintos, bem como a desenvolver as energias que são próprias do corpo astral, quais sejam as emoções. A partir desse ponto, começará a avaliar o mundo pelos parâmetros de 'eu gosto' ou 'eu não gosto'. Esses critérios não são mais baseados exclusivamente no instinto puro e ele passa do estágio da simples reação entrando em um estágio de escolha.

Quando dizemos que ele sai do estágio da simples reação, estamos querendo reforçar o fato de que os instintos, a despeito de serem, como já o vimos, um movimento de uma Inteligência Arquetípica ou Consciência Diretora, eles são reacionários e automáticos, não cabendo ao homem qualquer modificação em sua forma estrutural e sim em sua manifestação ou não. Assim, para permanecermos no mesmo exemplo anterior, o instinto de procriação leva o homem a sentir desejo sexual e este desejo, detonado no corpo pelas reações endócrinas e estimulado pela presença de um outro ser que o estimule, leva ao

aumento da pressão de uma 'energia interna' que o faz procurar uma forma de satisfação imediata. Nas cavernas, isso significaria o simples copular entre machos e fêmeas, onde a própria constituição do bando irá definir quem irá copular com quem – machos e fêmeas alfa –, porquê – para a procriação e manutenção do bando – e quando – na estação mais adequada para o nascimento e sobrevivência dos rebentos.

E se, por algum motivo, este desejo não puder ser satisfeito, o instinto reprimido aumentará sua força e intensidade, podendo ser desviado para outras manifestações, tais como raiva, disputa pela fêmea/macho ou pela liderança do bando ou, ainda, chegar a um nível de frustração que cause 'dor física'. A mecânica de fluidos da física explica de forma bastante apropriada o que ocorre com a energia de um instinto reprimido e foi essa mecânica que Freud utilizou para formular as teorias de repressão e neurose. Estes processos de repressão e neurose descritos por Freud são, portanto, próprios do estágio animal intermediário entre o Ser que ainda está completamente dominado pelos instintos, e que os libera livremente, e o Ser que encontra resistências sociais para sua realização ou percebe que tem motivos interiores, gostos e preferências que o levam a modificar a forma de expressão da energia instintual.

Ao afirmarmos que seus gostos e preferências podem modificar a realização do instinto, referimo-nos ao ponto em que o Ser começa a perceber que há fêmeas/machos que os agradam mais do que outros, assim como há paisagens e locais que lhe trazem mais prazer do que outros – ainda que todas tenham recursos naturais que satisfaçam seus instintos de procriação e sobrevivência⁶. Começará, então, uma luta entre seu instinto puro e o prazer que não se justifica por imposições instintuais, ainda que neste primeiro momento, um e outro se mesquem e se confundam todo o tempo. É neste ponto que se inicia o desenvolvimento do que estamos chamando de corpo astral, sede das emoções e dos sentimentos. Na primeira fase deste estágio, do desenvolvimento das emoções, o Ser ainda se diferencia muito pouco do animal puro e simples, apenas que é uma animal que agrega emoções aos instintos. Quando atinge o estágio do desenvolvimento dos sentimentos, ele está mais próximo do astral superior, definido anteriormente.

No momento evolutivo seguinte, o Ser principia a fazer com que o mundo a seu redor se curve a sua vontade, para que continue sendo agradável ou atenda a seus desejos e instintos. Ele começa, então, a acessar rudimentos de raciocínio que lhe permitem 'antever', diante de uma simples pedra, que se ela for trabalhada de determinada forma poderá se transformar em uma arma ou ferramenta que seja mais útil que a simples pedra bruta. Neste ponto ele inicia o desenvolvimento do seu corpo mental concreto, que lhe trará com o tempo os atributos do pensamento e da linguagem. A História atribui a este período

⁶ Existe um filme antigo que ilustra belamente este momento da evolução humana: "A Guerra do Fogo".

momento em que o homem começa a criar ferramentas e armas, estrutura uma linguagem, sai das cavernas e inicia a construção de cidades.

A partir de então o homem começa a se posicionar de forma a controlar o mundo, e a Energia Impulsionante que até aqui se manifestava apenas por instintos, emoções e sentimentos poderá ser exteriorizada também através da cultura e da arte, por exemplo. E ao mental concreto, segue-se o desenvolvimento do mental abstrato, que lhe permite intuir um mundo superior a si mesmo, onde as energias naturais, que antes apenas lhe causavam espanto e temor por seus efeitos incontroláveis e incompreensíveis, começam a receber tentativas de conceituação. O mental abstrato permite, desta forma, o surgimento de uma religiosidade filosófica e uma tentativa de interação entre o homem e seus deuses a partir da 'intuição' do que eles gostam ou não gostam e do que é preciso que se faça para agradá-los ou apaziguá-los.

Deste ponto em diante, o Ser começa a tomar consciência de seu processo de evolução cósmica e retorno ao seio Divino. Igualmente começa, nas fases mais adiantadas desse processo, a tentar libertar-se dos corpos inferiores e a deixar sua alma sempre cada vez mais próxima da Consciência Divina. E é neste estágio que encontraremos a humanidade nos próximos milênios.

Lembremos que todo este processo de evolução não é estanque, ou seja, não esperamos o desenvolvimento completo de um corpo para só então iniciarmos o desenvolvimento do próximo. Assim, mesmo antes de poder ser considerado um 'homem', o animal já possui o embrião dos corpos futuros e este embrião dá sinais evidentes de existência quando, por exemplo, nossos cães manifestam preferências e rudimentos de sentimentos complexos – como tristeza ou saudade – , ou quando o macaco polinésio apresenta um rudimento de raciocínio ao lavar suas batatas na água antes de comê-las ou, ainda, quando um golfinho, uma baleia, ou um papagaio apresentam inequivocamente um processo de linguagem estruturada o suficiente para comunicar idéias e sentimentos.

Sendo assim é importante não perdermos de vista que o 'estágio atual', ou o momento ou o corpo mais estruturado de um Ser individualmente e de uma coletividade humana é definido pela 'média' das suas ações e reações e não pelo tempo-espaço histórico em que se encontram. Desta forma, durante o processo de análise, cada um de nós irá encontrar em si parcelas de sua psique nos mais diferentes estágios evolutivos. E igualmente encontramos nos dias de hoje tanto homens que ainda estão aprendendo a desenvolver os rudimentos do corpo mental concreto, quanto aqueles que já estão a desenvolver o corpo mental abstrato. E há diversas gradações dentro de cada um desses processos de desenvolvimento que podem ser visíveis se colocarmos lado a lado um aborígine antropofágico da floresta amazônica e um 'aborígine de terno e gravata' que canibaliza seus irmãos em falcatruas políticas e econômicas apenas pelo 'prazer' de dominá-los. Também podemos encontrar em um mesmo planeta, vivendo na mesma época, tanto um espírito extremamente primário, como um Hitler, quanto um espírito altamente evoluído, como um Gandhi.

A) O Eu, a Personalidade e a Persona

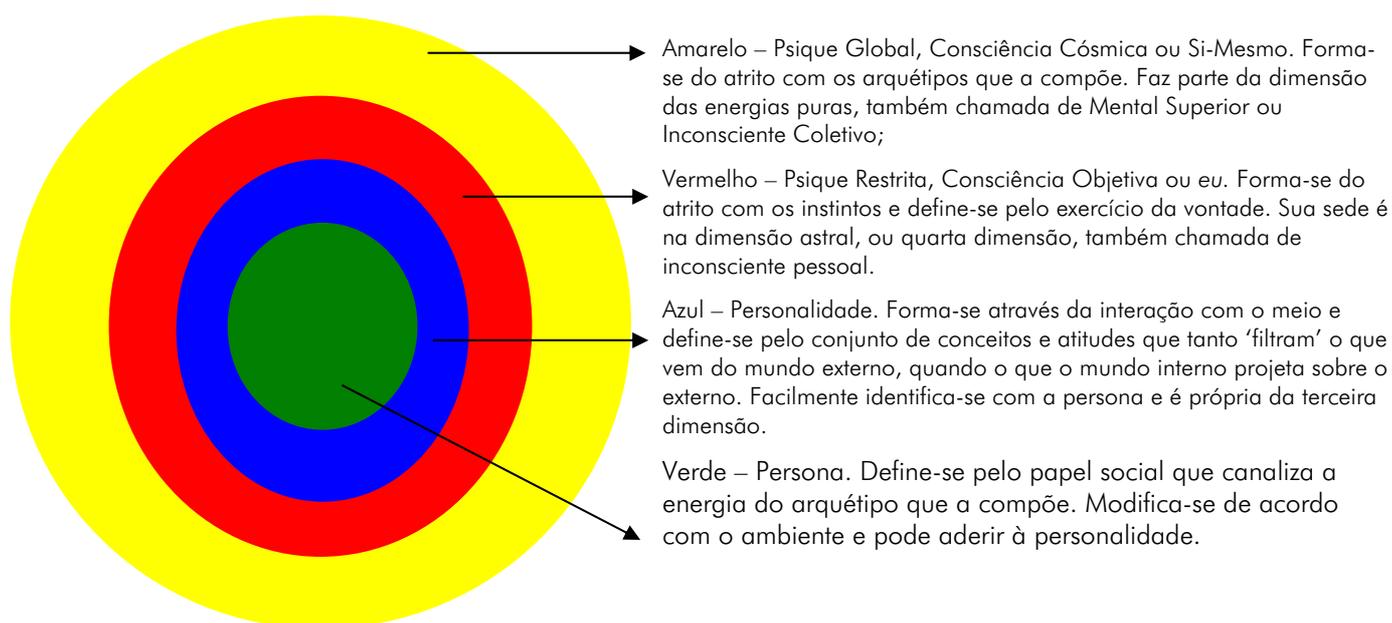
A consciência objetiva, também chamada de ego ou eu, é um elemento dentro da psique individual com o qual nos identificamos diuturnamente. A ela costumamos creditar toda a nossa realidade subjetiva e também toda a nossa vontade até que tenhamos passado por um processo de análise ou até o dia em que nos vemos presas de vontades conflitantes às quais não conseguimos controlar. Isto significa dizer que nos primeiros estágios de auto-conhecimento confundimos nossa consciência objetiva com nossa personalidade, o que abaixo iremos discernir.

Enquanto Consciência Objetiva é definida como agente executor dos atos de vontade, a personalidade pode ser definida por um conjunto de conceitos e atitudes que formam a imagem desta pessoa para o mundo e para si mesma e, através da qual, ela forma por sua vez uma imagem do mundo ao avaliá-lo a partir do ponto de vista de sua subjetividade e das projeções de seus conteúdos inconscientes.

Como foi dito por Jung, o eu ou a consciência abrangem a personalidade que é, desta forma, uma parte de todo o contexto do complexo consciente e não o contrário. A personalidade, na maior parte das vezes, está identificada com a persona, ou com os diversos papéis que exercemos em nossa vida diária. Persona e personalidade têm a mesma raiz etimológica, mas atribuímos à primeira o sentido mais próximo do teatro grego: papel que o ator desempenha durante um drama ou comédia. Quando estamos trabalhando, por exemplo, executamos um papel adequado às nossas funções, às nossas responsabilidades ao meio que nos cerca. Fazemos, idealmente, o que se espera do 'papel' que nos é atribuído, seja como empregados, gerentes, chefes, analistas etc. Quando saímos do trabalho e vamos para nossas casas, assumimos outro 'papel', que pode ser de pai, mãe, irmão, filho, neto, marido etc. E se, depois de algumas horas, vamos a uma festa e encontramos nossos amigos, assumimos diante deles outros 'papéis'.

O elemento formador de cada uma destas personas é o elemento arquetípico, pois é ele quem nos dá o 'modelo' que seguimos ao desempenhar cada uma de nossas atribuições sociais. No gráfico abaixo podemos ter uma visão esquemática destes elementos.

Gráfico 1 – Constituintes da Psique



Pelo que foi dito fica claro observar que o papel, ou persona, é definido em última instância pelo arquétipo que está por trás da relação ou atividade que exercemos e é, em certo sentido, artificial e temporário. Quando dizemos que é artificial, queremos reforçar a idéia tantas vezes expressa de que o que passa através de nós no exercício de nossos papéis é uma energia que é transcendente e que, à semelhança do teatro grego, nos faz sustentar em frente ao rosto uma ‘máscara’ de energia que muitas vezes não condiz com nossa realidade subjetiva. Assim, por exemplo, um psicanalista que canalize a energia de Kheiron estará incorporando em sua persona uma energia de cura que não lhe pertence, mas que lhe serve de ‘modelo’ de atuação frente a seus pacientes.

Só nos aproximamos da nossa própria individualidade quando a máscara – ou persona – é posta de lado e aparece a personalidade real, que possui traços de atitude que não se modificam de acordo com o ambiente e as relações, ou seja, ela não se modifica estruturalmente de acordo com nenhum arquétipo específico. Desta forma, uma personalidade que seja reservada por natureza, em qualquer atividade que desempenhe ou arquétipo que canalize, irá ‘aparecer’ mais cedo ou mais tarde em suas verdadeiras características. E o que define uma personalidade é sua Consciência, que irá escolher dentre um conjunto de energias e atitudes disponíveis e um conjunto de influências e experiências de vida, quais ‘fatos’, internos e externos, irão moldá-la e quais irão passar despercebidas por ela.

A consciência objetiva pode, então, ser definida também como o produto empírico resultante do contado entre as energias que circulam dentro do ser – sejam elas originárias do inconsciente pessoal, dos instintos, dos sentimentos, da

intuição, dos arquétipos, do inconsciente coletivo ou da inspiração da Centelha, ainda que o Ser não lhe reconheça as origens – e as energias que de fora atingem este Ser através dos fatos concretos e das atitudes que ele identifica como pertencentes ao outro ou ao objeto.

Desta forma, o eu seria uma espécie de ‘filtro’, que aceita uma energia interna como ‘sua’ – ou seja, própria da sua personalidade e/ou do seu eu – e a manifesta ou não de acordo com seus julgamentos de valor e propriedade, bem como avalia os fatos e acontecimentos que se passam a seu redor pelos mesmos critérios. E aqui nos deparamos com um problema bastante sério: este ‘filtro’ não permite que vejamos a realidade como ela é e sim com os tons que lhe atribuímos.

A questão da subjetividade como fator de avaliação do mundo objetivo tem sido alvo de discussões calorosas de vários ramos do conhecimento desde a antiguidade, mas atingiu em cheio as ciências ditas ‘exatas’ e, por tanto, definidas como completamente objetivas, quando a física quântica conseguiu demonstrar o que o Oriente diz há milênios: o observador intervêm na coisa observada e, desta forma, é impossível se ter certeza absoluta se a coisa observada é o que é, ou mero resultado da expectativa do observador.

E mais do que um simples ‘filtro’, o eu é também um magneto que atrai para si a realidade objetiva que irá referendar suas crenças e expectativas internas. Ele irá selecionar todos os meios disponíveis para ‘provar’ que o mundo é o que ele acredita que seja e, igualmente, fazer com que as coisas se apresentem exatamente como ele pensou que fossem ao manipular os recursos disponíveis da maneira adequada para provar sua convicção de mundo. Dito de outra forma, a cosmovisão será o fator que levará a consciência a selecionar uma ‘fatia de realidade’ e a direcionar seu relacionamento com o mundo a partir do que ela acredita que encontra – projeção – nesta mesma fatia de realidade. Se sua cosmovisão é religiosa, estética, romântica ou realista, por exemplo, todos seus conceitos, sua energia, sua criatividade e sua filosofia de vida irão passar necessariamente por este filtro.

Sendo assim, o eu se define a si mesmo e se relaciona com o mundo pela cosmovisão que possui e, a partir dessa cosmovisão, adota atitudes específicas que se apresentam exteriormente na personalidade e nas personas, sejam estas assumidas conscientemente ou não.

Quando fazemos a análise de uma pessoa, temos que começar identificando quais personas estão como que aderidas a sua personalidade e apresentam problemas de adaptação interna e externa e, a partir daí, partimos para a identificação da própria personalidade e da cosmovisão que determina as atitudes do eu. Em seguida, vamos mapear em que pontos essa personalidade e este eu estão em conflito com o Eu Profundo, ou Si-Mesmo. E a solução deste conflito é que irá determinar o verdadeiro objetivo da análise.

3) Teoria dos Arquétipos

Arquétipos são, grosso modo, energias formadoras do Cosmo, em nível exterior, e da psique, em nível humano. De uma forma simples, costumamos dizer que os arquétipos estão para a psique como os elementos químicos estão para a tabela periódica. A combinação infinita de pouco mais de uma centena de elementos químicos é capaz de criar todo um Universo, incluindo aí toda a multiplicidade de formas físicas que existem em cada um dos seus planetas. Da mesma forma, a combinação e a recombinação de alguns elementos arquetípicos essenciais é igualmente capaz de compor toda a multiplicidade de psiques.

Usando uma metáfora 'concreta' para explicar o que entendemos por arquétipo, enquanto 'idéia mãe', quando alguém lhe pede que mentalize uma 'cadeira', você verá diante de si uma plataforma apoiada em pés e com um encosto. Contudo, esta 'idéia' de cadeira poderá ter, e efetivamente tem, milhares de expressões diferentes no planeta e se existe uma grande diferença de aparência e constituição entre uma cadeira de plástico e uma cadeira com design italiano, em sua forma essencial ambas são reconhecidas como 'cadeiras' pela função e elementos constituintes definidos, tais como pés e assento.

Dentro desta concepção de que a 'idéia cadeira' pode adquirir uma infinidade de expressões, fica fácil de compreender que por traz de toda realidade objetiva existem formas primordiais que, combinadas e re combinadas, dão-nos o universo conhecido. E o que é verdade em nível micro-cósmico, material, é igualmente verdade em nível macro-cósmico e psíquico.

Lembremos que a tradição esotérica mais profunda de todas as culturas preconiza que existe um Princípio Uno que se divide em duas polaridades opostas para se tornar 'visível'. Os Orientais chamam a este Princípio de Tao, e às polaridades dão o nome de Yang e Yin. Yin e Yang, contudo, são ainda energias suficientemente puras para não poderem atingir o nível mais próximo da terceira dimensão em toda a sua amplitude e, assim, se re combinam e se dividem em níveis cada vez mais complexos e densos até atingir uma infinidade de gradações. E são esses níveis e gradações que a mente humana consegue conceber que Jung chamou mais especificamente de Arquétipos e que as culturas antigas chamam de Deuses e traduzem em mitos.

Esse conceito da formação cósmica coloca algumas das idéias atuais mais firmemente arraigadas em nossa mente por terra. A primeira dessas idéias é a de que existem criaturas e coisas que são exclusivamente boas ou exclusivamente más. O que existe realmente são criaturas ou coisas que polarizaram sua expressão, seja na terceira dimensão, seja na forma psíquica, para o negativo – Yin – ou para o positivo – Yang – mas essa polarização energética ou, melhor dizendo, essa expressão mais acentuada de uma forma ou de outra, não exclui a forma contrária. A dualidade é constituinte fundamental e condição precípua para a manifestação perceptível. Os hindus chamam esse jogo de opostos de Maya, a ilusão que permeia o mundo objetivo e que deveremos transcender em algum

ponto de nossa evolução, pois acima e além dela encontraremos realmente o Uno Indivisível.

Outra idéia que cai por terra é a de que o homem é capaz de criar o que quer que seja usando exclusivamente sua mente. Se pensarmos que a própria mente humana é já fruto da Criação e que nada mais é do que o resultado da elaboração das energias formadoras em atrito com a terceira dimensão, vimos que nem mesmo uma agulha foi criada sem a participação dessas energias formadoras e assim como uma vacina salvadora é o resultado da sintonia de um homem – ou um grupo de homens – com a polaridade ‘positiva’ do Cosmo, uma bomba atômica é o resultado da sintonia com a polaridade ‘negativa’. E ambas as coisas ‘criadas’ têm um propósito Divino que às vezes é compreensível, outras vezes não.

O livre-arbítrio do homem é, neste contexto, a decisão que ele toma, individualmente, de seguir uma polaridade ou outra dentro do que foi determinado por seu Dharma. Mas a partir do momento em que decide para que lado deverá ir, arcará com as conseqüências da manipulação das energias que escolheu e será ‘direcionado’ para lugares e situações onde sua escolha será ‘útil’ ao conjunto das criaturas que partilham com ele o mesmo planeta.

Citando um exemplo prático: suponhamos que exista um homem que no passado distante praticou um assassinato e carregou seu campo energético com a energia densa da morte violenta. Antes de encarnar, ele percebe que está ‘contaminado’ por essa energia pesada e uma das formas de se livrar desta contaminação é deixar no corpo que habitará as sensações desagradáveis e energias densas associadas a uma morte violenta. Escolhe, então, este tipo de morte e reencarna. Anos se passam e, em algum outro ponto da mesma cidade, um outro homem, que esteja ainda vibrando na energia arquetípica de destruição voltada para o próximo e que, graças a isto, decide tornar-se um assassino profissional. Este último poderia ter escolhido um outro caminho se a sua consciência estivesse mais ‘elaborada’, mas a partir do momento em que decidiu seguir pelo caminho da destruição, e será cobrado no futuro pelas Leis Cóslicas pela escolha que fez – pois participa de uma cultura na qual a vida do próximo é valorizada e já conhece as leis do “não matarás”. Torna-se, desta forma, um instrumento de morte, *útil* para que o nosso primeiro homem consiga limpar-se da carga negativa que lhe atormentava a alma e a consciência.

Frise-se, contudo, que a morte violenta é apenas *uma das formas* que o nosso primeiro homem tem de fazer escoar de si mesmo uma carga energética negativa e acertar os ponteiros com o seu Karma e seu Dharma, pois ele poderia simplesmente manipular essa energia de morte dedicando-se, por exemplo, ao salvamento de vidas na profissão de médico ou bombeiro, caso se tivesse certeza de que este seria um caminho seguido ‘de boa-vontade’. Acreditar que o mal só se paga sofrendo o mal é como acreditar que estamos ainda na era do ‘olho por olho, dente por dente’.

Além disso, o fato de que o segundo homem está servindo ao propósito de resgate kármico do primeiro homem nos coloca frente a frente com a correção e

justiça das inúmeras exortações para que perdoemos aqueles que nos fazem mal; paralelamente, também deixa claro o que significa estar em sintonia com um Arquétipo e, além disso, que todo Arquétipo é em primeira e última análise uma energia, cuja fonte é o Deus Único, e que tem por princípio a evolução dos Seres.

Repetindo uma vez mais: os arquétipos são as energias que formam tudo e todos. Eles são 'bases simples', de altíssima voltagem, e com uma inteligência que ultrapassa nossa compreensão. Além disso, como elementos químicos cósmicos, multiplicam-se através das combinações que fazem entre si e do contato que têm com as diferentes culturas humanas, sendo traduzidos por mitos e por variações de mitos.

Obviamente, nossa compreensão sobre os arquétipos é parcial, pois é como se uma pequena formiga quisesse descrever e conhecer toda a amplitude de uma montanha. Ela poderá descrever com propriedade apenas e tão somente o solo em que se encontra e o que é possível abarcar em seu pequeno ângulo de visão. Mas, se juntarmos um enorme formigueiro e cada um de seus componentes der uma descrição precisa do que vê, então poderemos ter uma 'visão ampliada' de nossa montanha. E é exatamente isso que a cultura fez com os arquétipos ao longo dos milênios. Cada cultura descreveu através dos mitos que a compõem a 'parcela de verdade' que foi capaz de perceber.

Tanto Campbell, quanto Jung, provaram por seu trabalho essa particularidade ao constatar que os temas centrais dos mitos se repetem com variações de forma em culturas distantes entre si no tempo e no espaço. Diante deste fato, eles puderam afirmar que havia 'motivos universais' por trás de cada um dos mitos estudados e que esses motivos tinham a ver com a formação da consciência, da sociedade e da cultura do homem.

Tenhamos em mente que em relação aos arquétipos, os mitos são representações de energias combinadas e traduzidas pelas diversas culturas. Assim, o mito de Mercúrio, 'nascido' na cultura grega, reflete o que esta cultura conseguiu perceber da mesma energia que a cultura hindu representou pelo mito de Ganesha, que a cultura africana representou pelo mito de Exu e que a cultura egípcia representou pelo mito de Thot. Ao estudarmos cada um desses mitos, teremos isoladamente a concepção que a cultura lhe deu. Mas ao estudarmos todos eles em conjunto, na mitologia comparada, teremos uma visão mais aproximada do que é realmente o arquétipo que embasou cada um desses mitos.

Em todos eles, descreve-se uma energia que é a responsável pela comunicação entre os deuses e os homens, uma energia que estabelece a 'ligação' e possibilita o desenvolvimento da mente e da inteligência. Contudo, como a mente e a inteligência são 'traíçoeiras', Exu, Ganesha e Mercúrio aparecem como deuses brincalhões que se divertem em pregar peças nos homens e nos outros deuses. Igualmente, como essa energia leva à formação da escrita, Ganesha e Thot aparecem como escribas, enquanto Mercúrio é patrono das comunicações. Mas esta energia é também responsável pela 'magia', fazendo com que Thot e Exu sejam grandes magos e colocando Mercúrio como o patrono da Alquimia e da Magia européia.

Como vimos, por trás das diversas formas de apresentação, encontra-se uma 'verdade', maquiada e disfarçada pelo que cada uma dessas culturas conseguiu perceber da energia primordial, do verdadeiro arquétipo. Para fazer essa tradução do arquétipo, os homens que com eles se sintonizaram utilizaram metáforas do seu dia-a-dia e do seu próprio campo emocional, limitado ainda pelo desenvolvimento parcial de suas próprias consciências. Esses homens, como de resto toda a humanidade nos dias de hoje, estavam ainda muito presos a seus instintos mais primitivos e, em muitos aspectos, bastante possuídos pelos arquétipos em sua freqüência mais baixa. Desta forma, traduziram o que sentiram e viram em suas visões com as metáforas do seu dia-a-dia e da sua realidade interna.

Eles foram jogados em um universo transcendente, sintonizaram-se com a energia pura, mas para descrevê-la não puderam contar com uma linguagem mais sofisticada, pois o próprio cérebro humano, limitado em suas funções, não possui os recursos necessários e capacidade suficiente para uma descrição precisa desse nível de energia que, como já vimos, é de altíssima voltagem e pode mesmo destruir um equipamento físico e levar quem deles muito se aproxima à loucura ou mesmo à morte física.

Além disso, em termos de sociedade, o que esses tradutores viam a seu redor era a sintonização igualmente 'primitiva' das pessoas com essas mesmas energias, o que as levava a comportamentos 'automáticos' bastante primários. Lembremos, nesse momento, da astrologia chinesa e teremos uma idéia mais precisa do que estamos querendo dizer. Os chineses, ao sintonizarem-se com os arquétipos, buscaram na Natureza e nos animais, comportamentos similares que possibilitassem descrever as qualidades da energia que percebiam em nível puro. Os animais, tais como o Rato, o Macaco e a Serpente, estão igualmente sintonizados com a mesma energia, apenas que em nível completamente automático. Nesse sentido, o comportamento animal serviu de *metáfora* para a descrição, mas frisemos que uma metáfora é um 'como se' e não pode ser tomada em nível literal para o nível humano.

Por outro lado, o animal completamente instintivo em seu comportamento, manifesta a energia arquetípica de forma muito próxima de sua essência primitiva, pois está ainda imerso na Consciência Diretora que, sendo uma energia igualmente 'pura', tem condições de expressar os comportamentos automáticos dos arquétipos em sua forma mais precisa. Contudo, o homem, ao se deslocar da Consciência Diretora, agrega em si outras energias, outros arquétipos, que se combinam ou se atiram, como elementos químicos, e isso faz com que ele componha e decomponha o arquétipo em gradações que transcendam a forma animal. E assim como a cultura chinesa atribui aos homens nascidos sob a influência do arquétipo "Rato" determinadas características, a cultura ocidental atribui ao homem nascido sob a influência de Mercúrio características igualmente específicas. E da mesma forma como o homem-Rato não será uma descrição ou uma cópia fiel do arquétipo Rato – e as pessoas nascidas no mesmo ano não são todas absolutamente iguais – aqueles que têm Mercúrio como elemento forte no mapa não são todos iguais: enquanto um poderá manifestar algumas

características do arquétipo, deixando outras ao largo, outro poderá manifestar exatamente as características que o primeiro deixou de lado. Colocadas frente a frente, essas duas pessoas podem não ter nada a ver uma com a outra, mas ambas estarão sob o impacto da mesma energia primordial. Concluímos assim que os arquétipos têm gradações que correspondem à evolução da mente que os canaliza e o arquétipo representado mitologicamente por Marte ou Ogum, por exemplo, tanto pode ser expresso como um impulso briguento e criador de casos, como um impulso dinâmico de realização e 'fé que remove montanhas'.

Temos que considerar, ainda, que as distorções que os tradutores dos arquétipos – que no geral são poetas, escritores, artistas, filósofos e/ou alquimistas – fazem não podem ser consideradas como verdadeiras conspirações da energia, mas como combinações não depuradas. Criemos mais uma metáfora para explicar isso: imaginemos que alguém peça a um peixe marinho para definir e descrever o elemento "água". Seu equipamento biológico e o meio em que vive não lhe permitem uma análise desse elemento sem a exclusão do elemento sal – em si um outro arquétipo de nossa metáfora – e, tampouco, ele poderá falar de garoa, chuva ácida, rios e lagos pequenos. Assim ele descreverá a 'verdade' água apenas na concepção que lhe alcança e mesclada com as 'verdades' sal e imensidão. Para nós, que conhecemos outras manifestações da água, inclusive da água pesada e misturada com outros elementos químicos e em apresentações diferenciadas, tais como água-quente, água-gelada, água-gasosa, água-borricada etc., a visão do nosso peixe será distorcida. Mas não há uma distorção real, apenas uma visão parcial, limitada pela realidade em que está imerso o Ser que a descreve. E uma 'realidade' é composta de outros arquétipos, ou energias igualmente puras. Também precisamos ter em mente que a própria cosmovisão do indivíduo estará presente ao selecionar os elementos descritivos. E este é motivo pelo qual muito da mitologia que nos chegou do passado está imersa em violência e sentimentos contraditórios, pois esta é ainda a realidade psíquica do ser humano: e ainda que esteja imbuído da função de tradutor das energias arquetípicas da cultura na qual está renascido, está em constante conflito e em acerbos guerras internas. Ele percebe intuitivamente que as lutas que trava em sua alma são arquetípicas – resultado do conflito entre os instintos/impulsos/arquétipos – e coloca isso nos mitos.

Campbell, ao escrever o livro "O Herói de Mil Faces" foi extremamente sensível e feliz ao demonstrar que as lutas dos heróis mitológicos são metáforas para as lutas internas do homem e que os demônios e feras que ele, o herói, combate e derrota são as manifestações primárias dos arquétipos, as faces mais primitivas de uma energia que necessita ser transmutada durante a evolução da espécie humana. Quando a mitologia descreve antropofagia, violências, traições, guerras etc., está descrevendo o que acontece na alma humana, está descrevendo os embates que o homem vive em si mesmo, e as energias que compõem a sua psique. E nesse sentido, todos esses fatos descritos se dão como realidade psíquica no momento atual e não somente no passado distante, pois a despeito de a cultura mundial ter evoluído sensivelmente nos últimos séculos, o emocional

e o inconsciente humanos ainda permanecem em estágios muito próximos dos estágios descritos pelos poetas e profetas de milênios anteriores.

Enquanto metáforas dos embates da alma humana em direção à individuação, quem ler, por exemplo, o Mahabharata e, inserido nele, o Bhagavad Gita, vê ali a luta de um homem, uma consciência em desenvolvimento – Arjuna – debatendo-se contra a sua própria instintividade hereditária – sua própria *família* – tendo como aliado a Centelha, simbolizada por Krishna. Da mesma forma, quem lê os “Doze Trabalhos de Hércules” verá a mesma luta contra as manifestações instintivas dos arquétipos, apenas que em tradução adequada para a cultura ocidental, no geral pouco afeita à meditação profunda. Um e outro mito não é melhor ou superior, apenas que mais adequado à cultura onde é descrito e ao ser imerso nessa cultura.

Quando enfatizamos a importância de um analista conhecer os mitos das diferentes culturas, estamos enfatizando a importância de se conhecer as diferentes traduções que os arquétipos tiveram ao longo de toda a cultura humana. Na prática diuturna do consultório veremos, com absoluta certeza, pessoas que são compostas e direcionadas instintivamente por esses arquétipos traduzidos pelo passado remoto, pois eles são a base da formação do ser humano, como os elementos químicos são a base da formação da matéria. Além disso, um processo acurado de auto-análise irá revelar a nosso respeito verdades que não se afastam muito do geral, ou seja, também nós temos em nossa formação arquétipos que ainda se manifestam de forma puramente instintiva e direcionam nossas vidas de maneira automática.

Quando o analista conhece o “mito” predominante, ou os mitos predominantes, na formação da consciência do paciente, tem condições de situar-se diante da energia e, igualmente, situar o paciente diante da mesma energia, podendo conduzi-lo conscientemente por caminhos mais adequados. Isso não nos dará garantias maiores do que aquelas dadas por um simples mapa impresso, mas qualquer um que chegue a uma cidade sem mapas sentirá maiores dificuldades do que quem os tem em mãos. Desta feita, o mito é uma espécie de ‘mapa esquemático’ e, como todo mapa, não descreve a realidade concreta, mas dá uma ‘metáfora dessa realidade’. Se pegarmos o mapa da cidade de São Paulo, por exemplo, veremos por quais ruas poderemos nos conduzir e qual o melhor caminho para atingir um determinado ponto turístico. Mas não veremos a cidade impressa no mapa: não veremos as ruas, não sentiremos seu cheiro, não saberemos como estará o tempo no momento exato em que cruzarmos a Avenida Paulista e nem teremos idéia de como estará o trânsito e de quais pessoas estarão cruzando nosso caminho naquele ponto exato do mapa. Contudo, ainda assim, a probabilidade de atingir nosso objetivo em um tempo menor, sem o risco de nos perdermos desnecessariamente, será muito maior do que se desembarcássemos em uma cidade imensa e estranha sem nada para nos guiar.

Diante de nós, enquanto analistas, teremos pessoas que desembarcaram na “cidade da vida” com um objetivo e um projeto estabelecido pela Centelha, mas que simplesmente ignoram esse objetivo e esse projeto – não têm um mapa nas

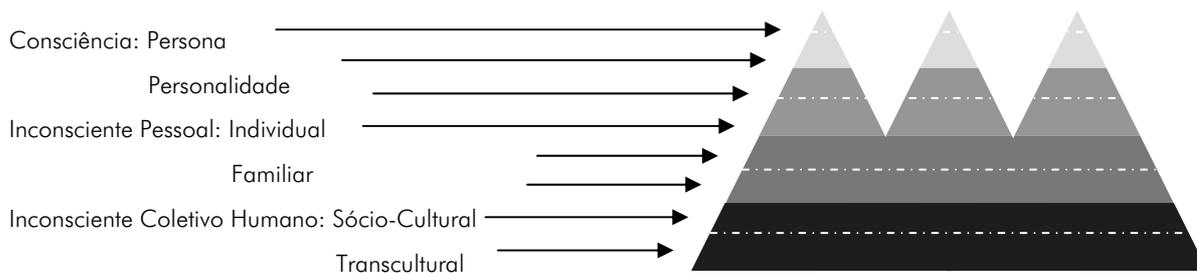
mãos, mas no inconsciente. Estão seguindo-o às cegas e, muitas vezes, perdem-se pelo caminho. Além disso, estão muitas vezes confusos com o objetivo final e uma parte de seu Ser os encaminha para um alvo – o MASP, por exemplo – e outra parte faz com que ele vá conhecer o aeroporto, que fica bem distante do MASP!

Já vimos anteriormente que os tradutores dos mitos são pessoas que se sintonizaram com a energia na forma mais pura que sua cultura e seu estado emocional permitiram. Eles seguiram, sob certos aspectos, pelas mesmas 'ruas' que nossos pacientes seguem ou deveriam seguir atualmente. Mas, frise-se uma vez mais, não de forma literal, mas na forma metafórica, no forma do 'como se'. Um Arjuna ou um Hércules do século XXI *não deveria* sair por aí matando parentes ou seguindo cegamente as determinações de um 'deus'. Contudo, é exatamente isso que acontece, ou seja, é exatamente com essa literalidade que nos defrontamos todos os dias seja nos nossos consultórios, seja nas páginas policiais e no dia-a-dia, quando não em nós mesmos.

As pessoas que vivem os mitos de forma literal, estão ainda sintonizadas com o aspecto puramente automático da energia e, no mais das vezes, em sua frequência mais baixa ou negativa. E só conseguirão sair desse estágio ao tomarem consciência dos motivos últimos que as movem. Essas pessoas estão imersas no inconsciente coletivo e, por assim dizer, abrem mão da própria consciência em nome da realização literal do mito. Não exercem verdadeiramente uma vontade e um livre-arbítrio, mas há uma 'vontade estranha' vivendo através delas. Sua consciência e sua psique estão surdamente limitadas por pressões que desconhecem e a respeito das quais nada conseguem fazer. Estão presas ao inconsciente coletivo que é, neste contexto, uma zona ou área cósmica onde as energias arquetípicas circulam no seu aspecto mais puro e/ou bruto.

4) Modelo "Piramidal" Do Inconsciente

Esquemáticamente, o inconsciente coletivo está na base ou 'raiz' de todas as consciências objetivas – e na base de toda a realidade objetiva – e é por não existir um limite claro entre a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo que é possível ao homem sintonizar-se com essa 'zona' e mesmo ser totalmente dominada pelas energias que ali se encontram.



No desenho que apresentamos é possível ter uma imagem esquemática do que foi dito até agora. Jung concebia nossa consciência objetiva como a ponta de um grande iceberg e, abaixo do nível diuturno de consciência, possuímos um grande mar de energia psíquica. Para chegar a conclusão da existência do Inconsciente Coletivo, ele realizou, vale a pena frisar, uma extensa pesquisa em mitos e lendas de vários povos do mundo inteiro e detectou que existiam modelos nessas 'histórias' que eram tremendamente coincidentes mesmo entre povos que jamais tiveram contatos entre si. Da mesma forma empírica, ao observar os sonhos de seus pacientes constatou que muitas vezes eles traziam para o consultório imagens oníricas que falavam exatamente dos mitos e tradições aos quais não tinham tido qualquer acesso consciente ao longo da vida. Depois dele, os junguianos do mundo inteiro começaram a colecionar sonhos de seus respectivos pacientes e hoje há material documental suficiente para demonstrar a quem quer que seja as teorias de Jung sobre o Inconsciente Coletivo.

1) A ponta do Iceberg – a Consciência Objetiva e o Inconsciente Pessoal

Já tratamos deste assunto anteriormente, mas nos permitiremos repetir alguns pontos colocando agora o foco em outras questões. Dentro de todos os modelos psicanalíticos – e o junguiano é apenas deles – há uma figura que define nossa personalidade objetiva. Cada modelo atribui mais ou menos as mesmas características e o nome mais comumente aceito é Ego, na terminologia freudiana, ou Consciência.

Por Ego/Consciência, entendemos uma função da psique que se relaciona com o mundo objetivo enquanto estamos despertos. Sendo assim, todos nós temos uma Consciência – representada em nosso desenho pelo cinza mais claro –, que nasceu em uma determinada data, se identifica com um corpo físico e possui uma vida objetiva observável por suas atividades.

A Consciência é a responsável pela mediação entre as energias internas – nosso mundo interior – e o mundo exterior. É ela quem escolhe, ou deveria escolher, quando surge um estresse em uma relação, se irá relevar as provocações e deixar a pessoa falando sozinha ou começar uma discussão acalorada... bom, pelo

menos é a possibilidade de escolha que se espera de uma Consciência saudável, pois muitas vezes ela é possuída pelas energias inconscientes e reage 'automaticamente', falando ou fazendo coisas das quais se arrepende depois.

A Consciência deveria ser, portanto, uma espécie de árbitro que tem por princípio o dever de escolher, de livre vontade, que atitudes terá diante de cada uma das circunstâncias que se lhe apresentam. Quando a estrutura da Consciência/Ego é frágil ou está doente, a parcela de si mesma que domina é reduzida e ela é invadida constantemente por materiais reprimidos, tais como a raiva, a frustração, a melancolia etc. A psique não é realmente dona de sua 'casa' quando seu ego/consciência é fraca.

Aqui é necessário abrir um parêntese: muita gente confunde ter um ego forte com ser egoísta. Contudo, ser egoísta é mover-se no mundo sem nenhuma outra escolha a não ser cuidar apenas e tão somente do próprio umbigo e um Ego sadio tem muito mais e melhores escolhas do que estas. Um Ego sadio consegue relacionar-se efetivamente com o próximo e com o mundo interior. Não vê apenas a si mesmo, mas o mundo que há a sua volta – e do qual faz parte, mas não é o dono. Um Ego fraco, por mais egoísta que seja, tenta a todo custo ser o que não é – o dono do mundo e das pessoas que o cercam – e despende uma quantidade enorme de energia para manter sua posição.

Além disso, um Ego fraco pode perder-se completamente de si mesmo e ser engolido pelas energias do inconsciente. Nesse caso ele também não consegue ver o mundo exterior, mas novamente está imerso em si mesmo, reagindo aos conteúdos internos, e não à vida que há fora dele. Ele não vê realmente o outro ou o mundo a sua volta, mas o que projeta de si sobre esta realidade interna, sendo presa fácil para neuroses, psicoses e inúmeros transtornos de personalidade que podem levá-lo à total alienação da realidade objetiva.

2) Faixa Intermediária – Inconsciente Pessoal

Como já foi dito, a formação da consciência objetiva acontece a partir da infância e é o resultado da interação entre as energias da psique global e as energias da psique restrita e esta, por sua vez, é composta tanto pelos arquétipos que direcionam a formação da personalidade em curso, quanto pelo produto resultante do contato entre estes fatores energéticos (internos) com os fatores genéticos (biológicos) e sócio-culturais (externos). Desta forma, a psique restrita é composta tanto pela personalidade objetiva, quanto pelo inconsciente pessoal e, através deste, pelo inconsciente coletivo.

Ao longo da vida, passamos, desde a concepção, por inumeráveis experiências e adquirimos conhecimentos específicos que fazem parte do nosso acervo pessoal. Esses acontecimentos acumulados são transformados em impulsos elétricos e arquivados bioquimicamente em nossos neurônios na forma de memória.

Energeticamente, tudo o que vivemos e todas as impressões que nos chegam do mundo exterior são guardadas em nossa psique na parcela conhecida como inconsciente pessoal. Nesta parcela da psique temos muito bem arquivadas cada uma de nossas vivências de infância, incluindo as vivências intra-uterinas, as nossas primeiras aulas na escola, os conhecimentos que acumulamos nos cursos que fizemos, nossos sofrimentos e angústias pessoais, os pensamentos e sentimentos que tivemos etc.

No Inconsciente Pessoal arquivamos as informações que podemos nos lembrar se desejarmos, tais como o número do nosso telefone residencial ou o que comemos ontem no café da manhã, e também as informações às quais não temos acesso com facilidade, como o momento do nosso nascimento e qual foi a décima quinta palavra que aprendemos a falar. Nele também são arquivados todos aqueles fatos que vivenciamos e dos quais não gostaríamos de nos lembrar, como os pequenos vexames de molhar as calças em locais impróprios quando ainda éramos pequenos ou traumas sérios, tais como as agressões físicas e psicológicas que não compreendemos. E é no Inconsciente Pessoal que armazenamos uma quantidade enorme de informações que simplesmente entram em nossa psique sem que tomemos consciência delas de forma racional, como toda a paisagem que pode ser abarcada pela visão periférica mas que simplesmente excluimos do nosso campo de visão consciente por estarmos focados em um ponto exclusivo. A prova disso é que, sob hipnose, somos capazes, por exemplo, de nos lembrar com detalhes de acidentes que aconteceram quase que às nossas costas, ou dos detalhes da fisionomia de uma pessoa que estava em um carro que apenas passou por nós no meio da rua sem que realmente tivéssemos olhado para ele.

Desta forma, o Inconsciente Pessoal Individual pode ser comparado a um filme virgem e extremamente sensível onde qualquer coisa é capaz de impressioná-lo, ou seja, qualquer coisa grava-se nele indelevelmente para a vida toda. Contudo, como em um rolo de filme rodando em uma máquina de cinema antigo, as primeiras imagens vão ficando no 'núcleo' do rolo e, da perspectiva do Ego, caem no esquecimento ou não são plenamente 'registradas'. Entretanto, da perspectiva da personalidade e, principalmente, da perspectiva do inconsciente, elas são tão concretas, reais e atuais como se acabassem de acontecer e algo ocorrido no útero pode influenciar a vida de uma pessoa até a velhice.

Isso acontece porque o inconsciente transcende a terceira dimensão e o tempo para ele não é linear, como o é o tempo da consciência objetiva. Dentro da dimensão inconsciente, passado, presente e futuro acontecem 'agora' e isso explica tanto o fato de as experiências passadas poderem ser lembradas em um processo de análise e mesmo de regressão, quanto as diversas premonições que temos ao longo da vida – algumas pessoas estão freqüentemente conscientes dela, outras raramente. Além disso, para o inconsciente a dimensão 'espaço' também não traz a mesma limitação a qual está sujeita a consciência objetiva, o que explica a capacidade de muitos sensitivos em conseguirem 'ver' fatos e locais que estão muitas vezes a quilômetros de distância de onde eles se encontram fisicamente.

Lembremos, uma vez mais, que os fatos ditos *concretos* não o são em absoluto, mas apenas em um estado relativo. A matéria nada mais é do que energia condensada e, por conseguinte, qualquer coisa que aconteça no nível físico é, em essência, uma manifestação de energia e é neste nível *energético* que o inconsciente arquiva os fatos, donde a possibilidade de uma ocorrência ganhar o caráter de *eternidade* e *atualidade* para a psique.

Voltando à nossa relativa objetividade, as primeiras experiências da infância passam por um processo de análise bastante primitivo e, na base do *gosto* ou *não gosto*, da oposição entre *prazer* e *dor*, começamos a classificá-las como 'boas ou más'. À esta primeira forma de 'raciocínio' a criança, gradativamente, vai agregando outras formas mais sofisticadas e começando a justificar suas 'análises'. Assim, por exemplo, ter a mãe por perto significa não sentir o desconforto da fome e do frio e não tê-la pode trazer dor física e uma sensação de desamparo que pode ser associada à morte. A consequência é que a pessoa chamada 'mãe' passa a ter superpoderes e a criança conclui, na maior parte das vezes, que é melhor fazer o que estiver ao alcance para que ela volte seus benevolentes olhos para ela e a proteja do mal. A criança pode, neste nível, descobrir que apenas chorar não é suficiente e ficar doente dá mais resultado. Outras crianças 'concluem' que se fizerem muita bagunça terão da mãe mais atenção do que se ficarem quietas – e outras, ainda, 'concluem' exatamente o contrário.

As maneiras como uma criança 'elabora' os raciocínios que moldam seu comportamento são tão variadas quantas crianças existem no mundo, mas o padrão subjacente é sempre o mesmo: evitar a dor e proporcionar o maior prazer e conforto possível, além de evitar o aniquilamento. Pode parecer estranho, mas há mesmo crianças para quem a 'consciência' de que o contato físico é fundamental e tão indispensável que elas preferem tê-lo, ainda que com dor, do que não tê-lo. Para chegar neste nível comportamental, essas crianças que buscam o contato a qualquer preço tiveram, em algum ponto de seu desenvolvimento, alguma experiência que as levaram a uma elaboração emocional distorcida da realidade.

Dito de outra maneira, o cérebro infantil chega a conclusões bastante complexas a partir do que acontece a seu redor e interiormente e o que em princípio era apenas 'informação' – ou seja um fato isolado sem nenhum julgamento de valor – , se transforma em 'conhecimento' e molda padrões de comportamento. Os primeiros julgamentos estão gravados com muita força na psique e são a base em cima da qual construímos a nossa 'casa' e as colunas que estruturam todo nosso mundo interno e externo.

Paralelo a isso temos, além do corpo físico, o próprio padrão químico/energético moldando os julgamentos do cérebro infantil e, assim, a criança que tem em sua química arquetípica uma forte influência da energia que chamamos "Marte", e lida com ela de maneira bruta, reagirá de forma muito mais agressiva e irritada à ausência materna ou aos fatos do meio ambiente do que um espírito que tenha reencarnado com uma química arquetípica cuja predominância seja da energia

traduzida como Vênus. Este elemento predominante da química psíquica é pré-reencarnatório e equivale ao 'solo' sobre o qual o Ser reencarnante constrói as colunas mestras de sua personalidade.

Muitas dessas colunas-mestras foram moldadas de forma aparentemente errada, graças a raciocínios complexos cujas conclusões se basearam em experiência não elaboradas – não assimiladas – ou mesmo no desconhecimento dos motivos que levaram nossos pais e o meio ambiente a reagir a nós de uma maneira que não desejávamos. Mas, conforme o tempo vai passando, e vamos acumulando conhecimento suficiente que nos proporciona elaborar e/ou re-elaborar de forma mais refinada nossas conclusões, duas coisas acontecem: em um primeiro nível, descobrimos que já não temos mais em nossas mãos o acesso direto a esses julgamentos e somente um trabalho de análise profunda é capaz de explicar muitos de nossos comportamentos e reformular – ou sobrepor – as conclusões que tiramos dos eventos que vivemos na infância. Em um segundo nível, mais profundo, descobrimos que é exatamente para nos levar à auto-análise e ao conhecimento de nossas energias formadoras, ou das fragilidades de nossa personalidade – aqui entendidas como as energias que precisam ser melhor elaboradas na presente encarnação – que ocorre o bloqueio da energia pelo 'julgamento' primitivo do cérebro infantil.

Assim, se enquanto bebês era totalmente doloroso não ganhar colo na hora que desejávamos, e isso pode ter nos levado à conclusão de 'não amor e abandono por parte da mãe', quando adultos compreenderíamos com muita facilidade que uma mãe que, por exemplo, esteja acometida com uma virose – talvez uma gripe – não deve mesmo ficar pegando em um bebê a toda hora, sob pena de contaminá-lo, o que lhe traria maior sofrimento físico. Mas até que ocorra essa compreensão, estaremos lidando com a energia relacionada exatamente à 'falta de amor', que pode nos levar por caminhos que vão desde a abnegação e a dedicação ao próximo, sem dele nada esperar, até o simples rancor, pessimismo ou ódio. A gama de variações comportamentais que se poderia esperar a partir do desafio de não se sentir plenamente amado, por exemplo, é quase infinita e a escolha que o ser fará sobre o caminho pelo qual dará curso a uma energia reprimida está na proporção direta das experiências das quais necessita e necessitará para o desenvolvimento de sua consciência. Aqui o fator Dharma e o fator Karma são mais presentes do que nunca, pois enquanto o Karma lhe trará as energias mal manipuladas no passado, o Dharma lhe proporcionará os desafios necessários para a presente encarnação.

Dentro de uma situação de sentimento de abandono, como a do exemplo acima, algumas crianças podem, eventualmente, 'decidir' que devem sempre fazer o maior barulho possível para terem o prazer que desejam e serem pegas no colo e enquanto outras podem 'decidir' que irão viver suas vidas sem 'precisar' de ninguém. E, dito de outra forma, o que irá determinar por qual via a recém adquirida personalidade infantil irá escoar a energia serão os arquétipos que ela tem como base da sua formação de sua psique global e restrita. Os primeiros são de desenvolvimento lento – incluem sucessivas encarnações de manipulação da

mesma energia – e os segundos são escolhidos a cada nova reencarnação e definidos pelo momento exato do nascimento.

Para explicar isto, imaginemos um sujeito hipotético que definiu uma encarnação de dedicação ao bem-estar da sociedade ao invés de cuidar de um grupo restrito de indivíduos sob a forma de família. Temos aqui apenas os objetivos específicos para uma única encarnação e, em nível de psique global, atendem apenas a uma pequena parcela do Ser. No aspecto macro, é possível que o arquétipo dominante não seja representado por uma dedicação ao coletivo, pois o espírito tanto pode estar seguindo o mesmo padrão há muitas encarnações, quanto estar ‘inaugurando’ uma fase do seu desenvolvimento sideral onde seus interesses devem ultrapassar os limites da família.

Se a ‘linha de raciocínio’ do espírito ou, dito de outra forma, se o padrão de energia desta encarnação não encontra um conflito muito grande entre a psique individual e a psique global, o sujeito A. não sentirá uma pressão muito forte ao seguir o arquétipo dominante para a encarnação em curso. Mas se ele estiver, por outro lado, ‘iniciando uma carreira’ ou começando a lidar com energias até então desconhecidas para sua psique global, o conflito será intenso e o risco de que ele se perca durante o processo tentando repetir um padrão anterior, ou de que ele sofra desnecessariamente por possuir impulsos contraditórios – o hábito da família e a dedicação exclusiva à pesquisa – trarão, necessariamente, muito sofrimento até que ele perceba e assuma de ‘boa-vontade’ os objetivos que escolheu antes de encarnar.

Voltando ao Inconsciente Pessoal, na próxima faixa encontramos o Inconsciente Pessoal Familiar, que simultaneamente é um filme virgem e um filme usado. Ele é o somatório de todas as experiências de uma mesma família e têm traços de ‘caráter’ claramente identificados pela observação empírica. Nesta faixa de energia, encontramos a explicação para o fato de uma mesma família possuir padrões de comportamento e similaridades de experiência que não se justificam apenas pela convivência. Assim, quando analisamos membros de uma mesma família, ainda que eles não tenham laços estreitos entre si no presente, podemos encontrar traços marcantes como ‘orgulho’, ‘ vaidade’, ‘arrogância’, ‘determinação’, ‘criatividade’, ‘intuição’ etc., como uma espécie de ‘herança genético-psíquica’ que alguns membros da família podem decidir manifestar, enquanto outros podem reprimir.

Quando dissemos que este é um ‘filme simultaneamente virgem e usado’, estamos enfatizando que a despeito de estes traços fazerem parte de uma herança adquirida, as gerações podem ir modificando, na medida da consciência e da assimilação das experiências pelas quais cada membro individualmente passa, o teor das energias que fluem desta faixa do inconsciente. Assim, se alguém nasce em uma família onde a criatividade está reprimida e/ou desvirtuada, poderá, por força da tomada de consciência e do desenvolvimento desta característica, trabalhar a energia em nível individual e deixar, para as gerações seguintes, a criatividade não apenas como algo reprimido, como fora até então, mas também como um traço expressivo de manifestação energética.

3) A Base – O Inconsciente Coletivo Humano e o Inconsciente Coletivo Universal

Baixando um pouco mais na análise do solo que forma a psique, encontramos o Inconsciente Coletivo – representado em nosso gráfico pelos tons mais escuros –, onde está, por um lado, arquivado o somatório de todas as experiências individuais e coletivas realizadas pela Energia Impulsionante no que podemos chamar ‘reino humano’ e, por outro, a base ou a matriz arquetípica que é a fonte de todas essas experiências.

Como na zona anterior, o duplo caráter do inconsciente torna-se visível e, ao mesmo tempo, intransponível. Quando estamos ainda no nível do inconsciente pessoal, sentimos mais claramente o aspecto de sua ‘virgindade’, ou seja, sentimos intuitivamente que cabe a nós modificá-lo através de nosso processo de auto-conhecimento e individuação, ainda que esta modificação demande muito tempo, no caso do inconsciente pessoal, ou algumas gerações, no caso do inconsciente familiar.

Quando atingimos o Inconsciente Coletivo, e mais especificamente o Inconsciente Coletivo Humano, no entanto, percebemos o quanto é difícil, enquanto indivíduos isolados, modificar ou agregar um único valor que seja ao Inconsciente e, paradoxalmente, como o conjunto humano faz exatamente isto ao longo da História. Nesta faixa encontramos as experiências relacionadas à humanidade propriamente dita, o que significa dizer que tudo o que se passou com o conjunto da humanidade ficou gravado e afetou o Inconsciente Coletivo – e vamos nos lembrar que ‘o conjunto da humanidade’ é composto por indivíduos isolados que se unem e compartilham suas experiências – da mesma forma que nossas experiências individuais afetam tanto nosso inconsciente pessoal individual, quanto familiar.

Contudo, nesta faixa encontramos igualmente os arquétipos relacionados ao humano em sua frequência mais elevada, o que significa dizer que são as energias que dão a base para a formação da psique humana e, por isso mesmo, estão acima e além de toda e qualquer modificação pela humanidade encarnada atual.

Este paradoxo pode ser expresso de outra forma: enquanto faixa de arquivamento do somatório das experiências humanas, o Inconsciente Coletivo é plástico e passível de lentas modificações – que resultam em milhares de anos – na forma de expressão de suas energias. Mas enquanto fonte dos arquétipos, ele é inalterável, pois os arquétipos transcendem a vontade e mesmo a experiência humanas enquanto vistos como ‘fontes ou bases de formação’.

É nesta faixa ou zona que poderíamos ‘localizar’ as Centelhas Divinas que formam cada um de nós. E, enquanto Centelha, ela tem tanto um caráter inalterável – Divino – quanto alterável – está passando por um processo de evolução enquanto durarem suas experiências dos reinos inferiores ao arcangélico.

Desta forma, podemos também dividir, esquematicamente, o Inconsciente Coletivo Humano em duas outras faixas, sendo a primeira a Sócio-Cultural, composta pelas experiências arquivadas pelo conjunto da humanidade terrena em suas coletividades individuais, e que se traduzem por arquétipos particularizados de cada cultura. É aqui, por exemplo, que podemos perceber as diferentes traduções arquetípicas, como as já citadas diferenças entre Mercúrio na Grécia, Exu na África, Ganesha na Índia e Thot no Egito. Percebamos que nesta faixa o arquétipo ainda é passível de uma espécie de 'modificação', pois pode ganhar as cores que as diferentes culturas lhes derem e, além disso, apresentam-se em gradações muito variadas dentro de uma mesma cultura. Mas essas gradações não são feitas por um indivíduo isolado – a despeito de serem 'indivíduos' que fazem essa tradução para a coletividade – e sim pela própria cultura, conforme as relações sociais e culturais passam por modificações estruturais profundas.

Temos como um outro exemplo clássico a modificação pela qual passou o arquétipo do feminino ao longo do desenvolvimento da cultura grega, onde Hera saiu da condição de Deusa Mãe e senhora absoluta do mundo para a condição de mulher ciumenta e fragmentada em suas características primordiais em outras deusas menores. E as mulheres sob a influência da cultura grega passaram gradativamente da condição de donas de seus destinos, para a condição de submissão a seus maridos. Nenhuma delas isoladamente conseguiu bloquear essa modificação no Inconsciente Coletivo que se refletiu em uma mudança sensível na forma como eram tratadas. A mudança nas relações sociais, anteriormente de base caçadora e extrativista, para a base pastoril e agrícola, modificou a relação da coletividade com as 'divindades' e, em seqüência, acarretou modificações sensíveis não somente na maneira de tratar o feminino, como também na maneira de *senti-lo*, o que levou a expressão do arquétipo feminino para outras formas. Não vamos julgar aqui se isso foi melhor ou pior, e nos ater apenas no fato de que este é um dos melhores exemplos de como a cultura e a sociedade podem influenciar a manifestação arquetípica.

Seguindo adiante em nossa análise, na segunda sub-faixa do Inconsciente Coletivo Humano, a Trans-Cultural, encontramos as energias puras que além de diferenciarem um ser humano de um animal 'inferior', são aqueles 'elementos químicos' básicos do humano que, como já foi dito, não podem ser tocados pelas mãos humanas. É nesta zona que encontramos a energia que antecede a conceituação de Ganesha, Exu, Thot ou Mercúrio e que está muito acima da nossa concepção em sua forma pura. Por analogia com o Inconsciente Pessoal Familiar, supomos que esta faixa também seja, de alguma forma, passível de modificação pelo coletivo, mas agora não pelo coletivo de uma ou outra cultura, mas sim pelo coletivo de toda a humanidade.

Podemos supor, ainda, que é por estarmos nos encaminhando para uma maior compreensão desta zona do inconsciente coletivo que estamos quebrando as barreiras culturais e transformando o planeta em uma 'aldeia global', onde o Criador, por exemplo, não será mais apenas Alá, ou Brahma ou Deus, mas um Princípio Único, com características que ainda nos fogem completamente ao nosso alcance. Obviamente, quando chegarmos ao ponto de traduzirmos os

traços desse Princípio, ainda assim estaremos longe do que Ele realmente é, pois uma tradução arquetípica é, como já foi dito, um “como se”, uma metáfora. E nossas metáforas passam por um processo de evolução que tanto têm base na evolução da cultura como são a fonte dessas mesmas evoluções culturais.

Por tudo o que foi dito, o processo de evolução das energias arquetípicas não se dá exclusivamente de cima para baixo, mas de baixo para cima conforme formos sendo capazes de assimilar e compreender a amplitude da faixa em que nos encontramos. Dito de outra forma: os arquétipos do Inconsciente Coletivo Humano tanto influem decisivamente nas modificações culturais da humanidade, quanto são influenciados por ela na medida em que a coletividade expressa novas variações desses mesmos arquétipos.

Realizando uma vez mais uma repetição didática, tracemos um paralelo entre o Inconsciente Coletivo Humano e a psique objetiva: a primeira sub-faixa – do somatório das experiências humanas – corresponderia à *personalidade* e ao *inconsciente pessoal do Homem Cultural*, enquanto a segunda sub-faixa – das energias puras – estaria em paralelo com o inconsciente familiar, que é de difícil acesso e está em um nível mais próximo do arquetípico.

No último nível do nosso esquema, o Inconsciente Coletivo Universal⁷, encontramos uma freqüência de energia que não se restringe mais ao puramente humano, mas permeia toda Criação e aqui, igualmente, podemos fazer duas subdivisões: no primeiro nível, o Biológico, estamos em contato com os arquétipos que se relacionam ao que na Terra convencionou-se chamar de ‘formas vivas’, ou ‘matéria orgânica’ e, no segundo nível, o Inorgânico, alcançamos exatamente a ‘matéria inorgânica’. É no sub-nível das ‘formas vivas’ que encontramos as já referidas Consciências de Grupo, enquanto no sub-nível das ‘formas inorgânicas’ que sentimos a presença das Consciências Diretoras.

Obviamente, os arquétipos, ou energias puras, ou ainda formas superiores de Consciência, são capazes de permear e atuar em toda nossa pirâmide e, sendo assim, a personalidade e a persona – ou o topo da pirâmide – são influenciadas e recebem impulsos de todas as faixas, sendo igualmente capazes de realizar, espiritualmente falando, o processo de ampliação de sua consciência até o nível de chegar à interação ‘consciente’ com o que nosso esquema chama de ‘a base da pirâmide’. Isso acontece quando o Ser atinge o estágio do anjo e arcanjo ou, falando em termos orientais, atinge o samadi, o nirvana e o para-nirvana.

Voltando aos conceitos que deram origem ao nosso modelo⁸, Jung começou a perceber a existência de ‘algo mais’ além das experiências pessoais de cada indivíduo observando os sonhos de seus pacientes e também estudando culturas distantes entre si no tempo e no espaço. Percebeu ele, em seu trabalho, que havia elementos comuns que não poderiam ser explicados de outra forma não fosse o

⁷ Chamo a atenção para o fato de que o termo não pretende ser uma descrição do que ocorre em todas as latitudes cósmicas.

⁸ Jung não faz tantas subdivisões.

conceito de que em algum nível, que não o físico ou cultural, as consciências humanas não são realmente apartadas entre si, mas estão todas em contato, qualquer que seja a latitude ou longitude geográfica. Deu a esse material, ou a esta 'área', o nome de Inconsciente Coletivo e passou grande parte de sua vida estudando-o em profundidade.

No seu trabalho, Jung incluiu não somente a análise dos fatos externos – pacientes e culturas – mas também o estudo de sua própria psique, utilizando inicialmente técnicas que aprendera com Freud e também nos estudos de textos alquímicos e gnósticos, dentre outros. Descobriu, assim, um reino interior riquíssimo ao qual todos nós estamos ligados, quer saibamos ou não. Vale ressaltar que Jung não foi o único a divulgar a idéia de estruturas formadoras da realidade psíquica, mas dentre seus méritos está o fato de que foi ele quem tornou acessível ao público as técnicas de conhecimento, acesso e análise do material contido no inconsciente coletivo e os reflexos dele na vida diuturna das pessoas. É no reino arquetípico que estão as energias que o Self combinou para a formação das bases sobre as quais assentamos o nosso inconsciente pessoal e, conseqüentemente, nossa própria consciência.

Neste nível, mais do que em qualquer outro, estamos lidando com energias de altíssima voltagem e essas energias têm, frise-se uma vez mais, 'propósito e inteligência' próprias. Elas não podem ser contidas por um único corpo físico e, menos ainda, se encontram em estado puro na vida ou na Consciência ou no Inconsciente Pessoal ou mesmo Sócio-Cultural de nenhum ser humano. Apenas a observação de um 'conjunto de corpos' ou de um 'conjunto de psiques' ou de um 'conjunto de culturas' é capaz de nos dar uma dimensão aproximada de seus aspectos e propriedades. No nível humano, é como se cada indivíduo e cada cultura fosse capaz de pegar apenas um 'pedaço do arquétipo' e manifestá-lo ou desenvolvê-lo ao longo de toda uma encarnação, ou de uma sucessão de encarnações ou de uma coletividade de encarnações.

Criando uma metáfora que será mais útil adiante, é como se o arquétipo da Mãe, por exemplo, fosse um diamante multifacetado de proporções gigantescas que projeta em todas as direções raios que têm, entre si, comprimentos de onda e cores diferentes. E, como todo diamante, o nosso Diamante-Mãe também reflete em cada face uma forma diferente de 'ver' a realidade. Cada um de nós tem a capacidade de captar apenas o raio que é emitido por uma única face e enxergar tão somente o que esta face reflete, pois, em nossa metáfora e na prática, um arquétipo puro é verdadeiramente um gigante descomunal enquanto nós, seres mortais, não alcançamos alturas muito maiores do que um metro e alguma coisa. E mesmo quando pensamos em termos culturais, esbarramos nesta limitação de tamanho, como já foi dito anteriormente.

Desta forma, cada pessoa reflete apenas um raio e, assim mesmo, não o raio completo, mas pequeno fragmento dele e, sendo assim, é humanamente impossível conhecermos perfeitamente a estrutura completa de qualquer um dos arquétipos e, da mesma forma, é impossível conhecer a estrutura completa e mesmo a amplitude do Inconsciente Coletivo. Sabemos a respeito dele conforme

formas 'montando' ou 'remontando' sua imagem a partir do que cada um consegue transmitir ou sintonizar individualmente. E a faceta que um grupo de indivíduos pode conceber, a despeito de ampliar mais ainda esta imagem, está restrita ao limite em que aquele grupo consegue suportar e na relação direta com a amplitude do ângulo em que ele se encontra diante do nosso Diamante-Arquétipo.

Para descrever seus modelos da psique tanto Jung, quanto Campbell se utilizam amplamente de esquemas circulares, pois o círculo reflete esquematicamente uma realidade da própria psique e que as culturas orientais traduzem na forma da mandala. Contudo, se ao além de um círculo, virmos todo o conjunto como uma montanha, chegaremos ao modelo esquemático que apresentamos – e ao qual Jung se refere ao comparar a consciência com um iceberg. Deixamos para o final essa explicação porque é a partir do modelo de uma cadeia de montanhas que queremos analisar a última implicação do mesmo: conforme vamos saindo do topo da montanha e nos aproximando do solo, percebemos que a montanha, em verdade, nada mais é do que 'um pedaço' de um todo maior – uma cadeia ou um planeta.

Dito de outra forma: enquanto estamos no nível da Consciência/Personalidade e do Inconsciente Pessoal temos uma ilusão de estarmos completamente separados das pessoas que estão diante de nós – representada no nosso gráfico pelo espaço em branco que há entre os triângulos do topo. Mas quando adentramos o Inconsciente Coletivo esta separação inexistente e estamos todos ligados como se fôssemos um ser único. No primeiro nível, do Inconsciente Coletivo Humano, estamos em verdade em contato com o material inconsciente de todos os seres humanos, em todas as épocas da evolução humana, e no segundo nível – a base – estamos, como já dissemos, ligados a toda Criação.

Uma outra implicação deste modelo é que ainda que nossa consciência objetiva permaneça indefinidamente agarrada à idéia de que é uma ilha isolada do Todo, recebemos com uma freqüência muito maior do que imaginamos as impressões e influxos de energia que vêm não somente do Inconsciente Coletivo, enquanto massa de energia de toda humanidade, mas também do inconsciente pessoal daqueles que nos cercam e da própria personalidade do indivíduo diante de nós.

Quando uma consciência formula um pensamento, ainda que não o verbalize, 'envia', por assim dizer, uma corrente de energia para seu próprio inconsciente, e, a partir daí, poderá acessar o inconsciente de outra pessoa utilizando como 'meio' o Inconsciente Coletivo. Isto explica pequenos incidentes diários como pensar em uma pessoa e, minutos depois, vê-la ou receber-lhe um telefonema ou carta, ou *intuir* que um filho não está bem para descobrir em seguida que ele não está mesmo.

O acesso da consciência ao inconsciente pessoal alheio ou mesmo coletivo é muito mais comum e diuturno do que podemos imaginar, ou mesmo gostaríamos de admitir, e somente nosso hábito arraigado de acreditar apenas no que temos diante dos olhos físicos – o espaço em branco no nosso desenho – é que bloqueia

a consciência do fluxo de energia e de informação que recebemos todo tempo sobre o estado psíquico dos outros.

5) A Sombra

a) A Sombra Freudiana

Devemos o início da consolidação da psicanálise à percepção de Freud de que o homem não é uma criatura que consiga decidir racionalmente o direcionamento de seus pensamentos e suas emoções. Observando seus pacientes e a si mesmo, Freud percebeu que muitas vezes a criatura humana age motivada por intenções e razões das quais não tem a menor consciência, ou sobre as quais não exerce o menor controle. A partir desta constatação, ele começou a considerar que, ao lado de uma consciência desperta, que ele chamou de Ego, existia também um outro “ser” capaz de se imiscuir na vida diuturna da pessoa, criando situações e motivando ações não só indesejadas para a consciência, mas também condenadas por esta.

Freud ficava impressionado, igualmente, com a força dos sonhos e pôs-se a questionar ‘quem sonhava’ e o que eram os sonhos. Percebeu que havia um eu objetivo, cotidiano, e um outro “eu” que emergia nos sonhos e em atos falhos contrários à consciência. A partir de então, direcionou toda sua vida em busca de uma delimitação deste “Ser”, deste poderoso ‘não-eu’, que levou-o a definir os principais conceitos psicanalíticos, dentre eles o de inconsciente.

Não vamos aqui discutir toda a história da formação da psicanálise freudiana, mas é importante sabermos que Freud acreditava que, ao nascer, o indivíduo era, psiquicamente falando, uma ‘massa indiferenciada de energia’ e que esta massa era formada de impulsos primários, aos quais chamou de ID. O ID é constituído basicamente do impulso de prazer, ou impulso sexual (primeiro momento da teoria freudiana), e do impulso de destruição ou de morte (momento posterior desta teoria). Ao primeiro impulso ele atribuiu o nome de Eros e, ao segundo, Tanatos, ambos em referência ao mito grego.

É a partir do ID que Freud detecta a formação do Ego, ou seja, o Ego diferencia-se do ID, como se uma ilha se formasse em um oceano e se tornasse algo concreto e definido, porém contido. E é ao ID que ele atribuía os impulsos contrários à consciência. Estes impulsos seriam nocivos à socialização e, no processo normal de desenvolvimento da criatura, ao lidar com os pais e com as regras sociais, e estes impulsos eram reprimidos. A energia instintiva primária deslocava-se, assim, para o inconsciente, mas, de lá, permanecia pressionando o Ego em busca de sua expressão.

Além disso, Freud detectou que durante o processo de formação do Ego, forma-se, igualmente, uma outra figura, a qual chamou Superego, e que se constitui dos conceitos e regras parentais e sociais que a criança introjeta e carrega dentro de si ao longo da vida. Desta forma, grosso modo, o Superego é o elemento regulador do Ego e faz a mediação entre este e o ID. Quando o Superego é fraco, o Ego fica sujeito às pressões do ID sem nenhum controle sobre suas energias – torna-se, por exemplo, um sociopata –; quando o Superego é extremamente rígido, o ID fica bloqueado, e o Ego torna-se excessivamente identificado com os ‘podes e deves’ da sociedade, excluindo boa parte de sua energia de prazer, ao qual Freud chamou de Libido, resumindo-a à esfera sexual.

Portanto, dentro da teoria freudiana, o ‘não-eu’, ou Sombra, é composto exclusivamente de impulsos primários contrários à vida social, e estes impulsos precisam ser reprimidos e/ou regulados para que o ser consiga se relacionar de forma sadia com o outro e com os grupos aos quais pertence. Esta é, em uma síntese grosseira, a base da delimitação freudiana das ‘zonas’ do consciente e do inconsciente. E Freud parou por aí. Contudo, já vimos anteriormente que o inconsciente é muito mais que ID – pulsão de vida e de morte – ou Superego – elemento regulador – e que o modelo freudiano é excessivamente reducionista para a realidade da psique.

b) A Sombra Junguiana e a Sombra Reencarnacionista

A consideração freudiana de que o inconsciente era composto apenas do ‘lixo da consciência’ é uma das pedras de toque que levaram ao rompimento entre Freud e Jung. Para Jung o inconsciente não era limitado ao ID e possuía ‘algo mais’ que meros refugos instintuais.

É bem verdade que dentro do modelo junguiano existe espaço para que o inconsciente contenha também material inadequado à consciência e à convivência social, mas a Sombra junguiana é muito mais do que ‘mera escuridão’, compondo-se igualmente de características e habilidades que a criança, por imposição parental/social ou por inabilidade, reprime.

Para realizar a exclusão destes conteúdos, a consciência infantil retira-os de sua vista e começa a considerar que não os possui. Assim, a menininha ensinada que ‘boa menina não fica com raiva’ poderá reprimir todo conteúdo emocional relacionado à raiva a fim de ganhar a aceitação e o apreço de seus pais. A partir daí, ao longo de sua vida, nunca admitirá em si estes impulsos e irá projetá-los em outras pessoas.

Contudo, lembremos que toda energia arquetípica tem dupla polaridade e a energia que forma um impulso, por exemplo, o impulso de raiva tem um propósito que vai além da mera ‘destruição’ do objeto que a contraria. A este impulso podemos atribuir qualidades como, por exemplo, capacidade de realizar

os seus desejos, de defender sua personalidade e de conquistar o seu próprio espaço social. A menina, então, ao reprimir de si um impulso primário em nome de ganhar o afeto positivo dos pais, reprime a mesma fonte que poderia torná-la mais socialmente realizada.

O impulso assim reprimido permanece em um estado de não burilamento pela consciência e estaciona em uma fase primitiva e indiferenciada de manifestação. Este processo, ao qual Freud chamou de 'fixação', pode ser comparado à atrofia a qual submetemos um músculo se decidirmos por não mais o utilizarmos. E assim como não conseguiremos plena forma se resolvermos tentar subitamente utilizar um músculo atrofiado, o impulso ou energia reprimida adquirirá um caráter tosco e numinoso toda vez que irromper na consciência até que esta o refine.

O irrompimento da Sombra na vida desperta faz-se, em primeiro nível, em forma de projeções. Estas projeções são facilmente reconhecidas exatamente pelo caráter primitivo da reação do indivíduo diante da energia. Na concepção de Jung, uma projeção é facilmente reconhecida quando o sujeito envolvido nela é 'afetado' pelo comportamento do outro, ou seja, há uma clara distinção entre o que nos informa e o que nos afeta. Quando uma energia que flui normalmente em nossa psique, ou com a qual não temos afinidade, é expressa pelo outro, nós a vimos apenas como uma 'informação' – "fulano é assim" – e não ficamos transtornados ou alterados por isto. Mas se possuímos um impulso reprimido, tal como no nosso exemplo, um impulso de raiva, e o projetamos em outro indivíduo, seremos afetados por seu comportamento que irá, de um jeito ou de outro, fazer com que fiquemos transtornados, no caso da projeção negativa, ou fascinados, no caso da projeção positiva.

Na projeção negativa, nosso inconsciente tem um raciocínio mais ou menos assim: "se não sou autorizada a sentir raiva, você também não o é". A partir de então, entramos em uma espécie de luta com o outro 'dentro de nós e projetado para fora', luta esta que tem por objetivo 'exterminar' qualquer possibilidade de nos lembrarmos de que estamos atrofiados. Na projeção que reconhece o caráter positivo da energia, mesmo que a manifestação do outro não seja em si mesma positiva, somos fascinados pelas qualidades atribuídas à personalidade do outro e poderemos nos submeter a ela sem qualquer questionamento. Neste último caso, poderíamos imaginar que a nossa pequena reprimida ficasse 'fascinada' por uma amiguinha que conseguisse expressar sua raiva na forma de 'liderança' ou, ainda, que se submetesse às ordens e imposições de uma outra colega que fosse especialmente agressiva.

É importante frisar este aspecto: mesmo quando a consciência considera o impulso reprimido como inadequado, ela pode ainda cair sob sua fascinação e, seguindo o mesmo exemplo, a jovem impedida de expressar sua raiva por considerá-la 'inadequada para uma moça', poderá vir a se relacionar com homens violentos e ser vítima de uma paixão doentia por sucessivos homens que tenham o mesmo caráter reprimido por ela.

Em última análise, o processo de projeção toma duas vertentes aparentemente contraditórias: por um lado, podemos não dar ao outro o direito de ser o que ele

é, uma vez que não estamos nos dando este direito, e tentaremos de todas as formas dissuadi-lo de um comportamento primitivo do qual não queremos ter consciência da existência. Passamos, desta forma, a condicionar a nossa paz de espírito à eliminação do comportamento ou sentimento que consideramos inadequado no outro, seja ele uma pessoa, uma família, um povo ou mesmo uma instituição social, país ou estado. Na outra vertente do processo, podemos ficar fascinados e/ou cair sob a influência de pessoas que assumam por nós a energia que desejamos não reconhecer como participante de nossa psique global.

Para um e para outro caso, temos como exemplo histórico os eventos da Segunda Guerra, quando o povo alemão projetou sua Sombra sobre os judeus e caiu fascinado por Hitler. Enquanto os judeus deveriam ser eliminados por serem 'diferentes e impuros', Hitler representava a redenção alemã. Meio século depois, não nos é difícil perceber que os judeus foram escolhidos como representante da Sombra por deterem em suas mãos a economia alemã e, em uma sociedade capitalista, os detentores do dinheiro são os detentores do poder. Hitler, ao dar livre curso à sua megalomania, assumia abertamente a Sombra nacional que se pautava pelo 'poderio absoluto'. Como vimos, ambas as vertentes podem adquirir, tanto em nível individual, quanto em nível social, um caráter extremamente destrutivo.

Dentro do modelo reencarnacionista, lembremos sempre, toda energia é inteligente e tem um propósito. Ela não tem 'a priori' um caráter positivo ou destrutivo unilateral, mas possui as duas formas de manifestação – positiva e negativa – inseridas em sua constituição e é apenas o 'treinamento' e o exercício da vontade que poderão levar a consciência a escolher a forma mais adequada de manifestação em cada caso. É socialmente inadequado, por exemplo, sentir raiva de uma pessoa apenas por ser ela diferente de nós; mas é, igualmente, inadequado não sentir raiva de pessoas que nos infringem agressões físicas, como no caso de mulheres presas a relacionamentos destrutivos, e que não usam a 'raiva' por estarem sendo agredidas como uma energia propulsora para livrarem-se da agressão – não se trata aqui de 'dar o troco', mas sim em usar esta energia como medida auto-protetora que levaria ao rompimento da ligação destrutiva. Foi por não perceber o caráter dual de toda energia que Freud classificou todos os impulsos primários – como o da raiva que pode levar à auto-defesa – como 'lixo'.

É bem verdade que a consciência infantil não tem como perceber a inteligência e a dualidade de qualquer energia e, ao reprimi-la, joga tanto sua manifestação destrutiva, quanto sua manifestação produtiva dentro de uma 'vala comum'. No caso do exemplo de nossa jovem, ao reprimir sua raiva, ela irá reprimir, igualmente, sua assertividade e a capacidade de defender-se.

Na psicanálise reencarnacionista, contudo, a repressão segue um 'projeto' específico, cujo motivo é direcionado ao desenvolvimento da consciência. E este motivo é encontrado em outra encarnação. Enquanto a psique global não consegue perceber as formas mais elevadas de manifestação de uma energia e a utilidade positiva de quaisquer delas, não está completamente apta a manipulá-la. Este é o motivo pelo qual os bloqueios acontecem: enquanto a consciência

não reconhecer a necessidade de fazer bom uso de uma energia e não aprender a controlá-la poderá ser chamada a não a utilizar.

c) Formação da Sombra Individual

Durante o processo de formação da consciência, no ato do reencarne, o Ser chega na matéria dispondo livremente de todas as energias que o formam. E, ao se relacionar com o mundo externo, irá selecionar quais energias irá bloquear e quais deixará circulando livremente. As energias que forem bloqueadas para a consciência sofrerão um refluxo para o inconsciente e permanecerão atuando de lá para o consciente, na forma de pressão para realização. Vamos imaginar que o Ser seja um sistema fechado de energia e, sendo assim, fica fácil entender que o bloquear de uma manifestação na consciência não significa que esta energia tenha sido excluída do conjunto da psique, mas apenas que o seu canal foi direcionado para um outro caminho.

Em termos de desenvolvimento, a consciência, livre da necessidade de lidar diretamente com uma energia bloqueada, estará disponível para lidar apenas e tão somente com as energias que optou manifestar. Este processo lógico e ordenado sofre constantes alterações e não é raro que uma consciência libere ou resgate naturalmente, ao longo da vida, energias que permaneceram até então completamente ocultas das vistas da consciência. Este é o caso, por exemplo, da mulher que depois de criar os filhos e os netos passa a exercer dons artísticos em idade avançada.

O processo de projeção, desta forma, tem o caráter ilustrativo de mostrar à consciência qual ou quais energias estão em condições de serem reintegradas, pois colocam diante do ser exatamente aquilo que ele até então ignorava possuir. Lembremos, entretanto, que a liberação de uma energia bloqueada e escondida na Sombra acontece de acordo com o nível de evolução espiritual do indivíduo e quanto mais primário o Ser, espiritualmente falando, maiores são as possibilidades de ele dar livre curso às energias e às projeções em suas formas mais primitivas. E, igualmente, maiores as possibilidades de que ele venha a sofrer bloqueios nestas mesmas energias em algum momento futuro de sua evolução, de acordo com o uso negativo que fizer delas, e da necessidade de reparar o seu modo de operação com a mesma. Em outras palavras: conforme for evoluindo, será momentaneamente privado de uma ou outra manifestação energética, até conseguir manipulá-las a todas da forma correta.

Este raciocínio – de que o bloqueio segue a um propósito e a um projeto justo para o desenvolvimento do Ser – poderia nos levar à conclusão de que é, então, melhor que o Ser permaneça bloqueado, uma vez que o bloqueio o está livrando de complicações ulteriores. Contudo, o mero bloqueio de uma energia não torna a criatura apta a manipulá-la e apenas garante-lhe uma proteção temporária

contra si próprio. Foi por estar diante desta verdade que Jung chegou a afirmar que havia alguns indivíduos cuja melhor solução seriam permanecerem neuróticos, ou seja, seria permanecerem carregando seus bloqueios por toda a encarnação.

No mais das vezes as energias são bloqueadas para que o Ser faça no futuro o resgate consciente de sua manifestação. A luta contra o bloqueio leva ao auto-conhecimento e também amplia a responsabilidade sobre a energia. Desta forma, sem excluir a possibilidade de que um bloqueio energético deva permanecer inalterado no caso das consciências não preparadas para lidar com a liberação da energia, possibilidade esta extremamente real tanto na teoria quanto na prática, partimos do princípio de que o paciente que chega a um processo de análise pode estar apto, em muitos casos, a adquirir a habilidade necessária para a manipulação desta energia bloqueada e projetada. Algumas vezes, contudo, nos restará apenas a possibilidade de ampliar parcialmente a consciência do paciente sobre si mesmo, sem restitui-lo à condição original de livre escolha, uma vez que esta restituição seria prematura. Caberá ao psicanalista, juntamente com o paciente, bem como aos guias de ambos, decidirem se é ou não o momento para o restabelecimento do fluxo de uma energia e aqui, tanto quanto em qualquer fase do processo psicanalítico, será a intuição e a percepção do analista que irá definir como e até onde deverá chegar com o paciente.

O restabelecimento energético se dá através de um processo que se inicia exatamente na retomada das projeções e na conscientização dos conteúdos da Sombra. No processo de análise, a consciência ou ego surge diante do psicanalista sustentando uma imagem de si mesma que se baseia essencialmente na imagem formada na infância e adolescência. As crenças sobre a consciência sustentam os bloqueios energéticos, e o que é considerado 'impróprio' está escondido às costas do analisando. Em outras palavras: na maior parte das vezes, a consciência se acostuma com uma imagem de si mesma que exclui a possibilidade de modificações radicais em sua apresentação ou manifestação no mundo. Essa fixidez gera, por parte do inconsciente, um aumento significativo na pressão deste em relação a consciência, abrindo campo para a manifestação de neuroses, psicoses, histerias, depressões, compulsões etc . O ego, diante destes transtornos em sua manifestação diuturna, vê-se diante da verdade de que o que antes era "certo e ordenado", passa subitamente a sofrer um abalo em sua estrutura, como se um vulcão começasse a irromper debaixo de seus pés.

Lembremos, uma vez mais, que toda vez que o Ser bloqueia, ou tem bloqueada uma energia, está privilegiando um propósito Cósmico em detrimento de outro. E este é o motivo pelo qual uma energia pode abrir 'guerra' em relação a outra. Esta guerra, ou conflito entre energias, segue ao mesmo propósito de desenvolvimento da consciência uma vez que é o atrito que leva ao burilamento do Ser.

d) Sombra Familiar e Sombra Pré-Reencarnatória

Da mesma forma que a consciência individual remete para o inconsciente pessoal as energias com as quais não tem habilidade, as famílias, se forem vistas como um conjunto, possuem características e habilidades que são reprimidas na zona do inconsciente familiar. Lembremos que o inconsciente familiar é a faixa energética na qual circulam todos os conteúdos referentes a cada um dos indivíduos de uma família e que são acessíveis a todos eles. E assim como encontramos nesta faixa as habilidades e características biológicas e energéticas comuns a toda uma família, também encontremos ali uma espécie de somatório das sombras individuais desta mesma família.

Objetivamente podemos reconhecer a Sombra familiar através dos traços reprimidos no conjunto dos indivíduos desta família. Citemos um exemplo: suponhamos que determinada família carregue no seu inconsciente a característica energética oriunda de uma força criativa artística, força esta não reconhecida tanto pelo conjunto familiar, quanto pelos indivíduos isolados. Esta família poderá apresentar uma espécie de preconceito declarado contra pessoas que exerçam livremente suas habilidades artísticas até que um de seus membros, ou alguns deles, reintegre em si mesmos esta energia e realizem uma espécie de remissão deste preconceito.

Vamos nos lembrar igualmente que a zona do inconsciente familiar é também a mesma zona energética na qual encontramos as reminiscências individuais de outras encarnações. É fácil, desta forma, compreender que os indivíduos agrupados em uma família, e que apresentam traços de personalidade e de Sombra comuns, têm uma afinidade ou identidade energética oriunda de outras encarnações. Em termos individuais, a Sombra de outra encarnação, tenderá a encontrar na presente existência motivos pelos quais irá justificar a sua reedição, e isto significa dizer que os conteúdos psíquicos de outras encarnações que não foram adequadamente trabalhados no momento anterior tenderão a se repetir no momento atual com o mesmo objetivo de antes: levar à sua integração e desenvolvimento.

Estes motivos 'atuais' para a repressão de uma energia e conseqüente envio do mesmo para a Sombra serão ensinados ou estimulados pelo comportamento parental e, assim, um indivíduo que traga em si mesmo uma criatividade não integrada, como no nosso exemplo, escolherá um grupo familiar que irá estimular a repressão desta energia e conseqüente projeção da mesma.

Desta forma, o meio familiar é o primeiro meio de projeção individual da própria Sombra, passada ou presente, sendo que os irmãos do mesmo sexo costumam ser aqueles sobre os quais o inconsciente do indivíduo representa livremente os conteúdos que não reconhece em si mesmo. Além deles, a Sombra escolhe como gancho representativo os pais e a projeção entre mãe/filha e pai/filho é, seguramente, uma das mais dolorosas para ser reintegrada na consciência. A projeção de conteúdos em pessoas do mesmo sexo tem por objetivo levar ao seu

mais rápido reconhecimento, pois a identidade sexual lembra à consciência de que ela é 'igual ao outro'.

Obviamente a projeção não se limita ao mesmo sexo e a mulher ciumenta e rabugenta em seu inconsciente pode agir livremente na consciência como alguém liberal e compreensivo, atribuindo ao seu marido as condições que não reconhece em si mesma. Contudo, a representação destas energias excluídas da consciência será feita no inconsciente preferencialmente por pessoas do mesmo sexo.

Convém explicar que estamos aqui descrevendo dois processos psíquicos intimamente ligados: o processo de projeção e o processo de representação pelo inconsciente desta projeção, através dos sonhos e fantasias. A projeção da Sombra pode ser livre – ocorrendo inclusive, com o já o dissemos, sobre instituições, países, religiões, povos, ou seja, 'objetos assexuados' –, mas, em nível individual e de inter-relações, dará preferência à ocorrência no mesmo sexo, pois tem por objetivo mostrar a identidade entre quem projeta e aquele que recebe a projeção; por este mesmo motivo, a representação inconsciente aparecerá nos sonhos *sempre* como um ser do mesmo sexo do sonhador.

e) Sombra Arquetípica

O conceito básico de arquétipo nos coloca diante da verdade cósmica de que existem padrões específicos, ou idéias primordiais, que têm uma forma determinada e um comportamento "típico" claramente identificado. Dentro deste raciocínio, a Sombra arquetípica pode ser definida como a zona cósmica à qual pertencem as energias contrárias à Luz. O modelo de desenvolvimento cósmico que seguimos se aproxima, como já o dissemos, ao modelo que a filosofia oriental chama de Tao. O Tao é representado graficamente como um círculo dentro do qual o branco e o preto encontram-se em equilíbrio. O Tao ainda nos mostra que dentro do espaço reservado ao preto existe um ponto branco e dentro do espaço branco existe um ponto preto.

Quando meditamos sobre este modelo, compreendemos a função e a necessidade da existência da Sombra, tanto arquetípica, quanto individual: ela faz parte da Criação e está associada ao processo de destruição de estruturas arcaicas para sua conseqüente renovação. Em um hipotético universo onde não existisse Sombra, estaríamos diante de uma estagnação completa de toda Criação.

Usualmente, durante o processo de análise o paciente descobre-se perplexo frente à realidade de que possui qualidades negativas tanto do ponto de vista de sua auto-imagem, quanto do ponto de vista absoluto. Quando dissemos "do ponto de vista de sua auto-imagem" estamos reforçando a idéia de que existem energias classificadas como negativas pela consciência, mas que em verdade não o são,

como é o caso do indivíduo supracitado com dons artísticos ou com o espírito livre que atribui a estas duas características um atributo de negatividade por contrariarem a imagem que ele tem de si mesmo.

Em relação ao chamado “ponto de vista absoluto”, falamos das energias destrutivas que estão, em nível profundo, completamente opostas à Criatividade Cósmica, quais sejam o ódio, o rancor e o instinto de destruição. Vamos nos lembrar entretanto que absoluto aqui está aplicado como relativo ao estágio humano, completamente imerso ainda na dualidade de Maya, pois já vimos que nos níveis supra-humanos esta dualidade entre Bem e Mal, Claro e Escuro, Amor e Ódio etc., é transcendida em favor da Totalidade.

Do que foi dito, depreende-se a idéia de que é virtualmente impossível para a criatura humana excluir de si toda e qualquer manifestação da energia negativa enquanto ainda estiver presa nesta dualidade, o que significa dizer, uma vez mais, que não há qualquer criatura que não possua em si mesma tanto o positivo, quanto o negativo. O processo psicanalítico inicia-se pelo resgate da Sombra exatamente porque este resgate leva o indivíduo a estar mais próximo de sua totalidade. Durante este processo, entretanto, a perplexa consciência vê-se diante de um dilema que não pode ser transcendido pelos parâmetros normais da consciência, ou seja: usualmente identificada em apenas uma de suas polaridades, a consciência tende a acreditar que é apenas boa ou má e, colocada diante da verdade de que não é um **ou** outro, mas um **e** outro, adquire um desconforto que não poderá ser transcendido por ela, mas apenas pelo Self ou Centelha Cósmica.

Ao ego resta somente a possibilidade de, após reconhecido e integrado o conteúdo da Sombra projetada no outro, procurar fazer "bom uso" de seus defeitos ou características negativas. Quando um indivíduo reconhece uma característica menos nobre em si mesmo poderá sair do estado de perplexidade tão logo consiga perceber uma utilidade 'positiva' desta característica e direcioná-la para estes fins mais nobres.

f) Projeção da Sombra nos Obsessores

Assim como é muito fácil um indivíduo projetar a sua Sombra nos seus irmãos, parentes, conhecidos, figuras públicas e instituições de forma geral, é também muito cômodo àqueles que possuem uma filosofia reencarnacionista atribuir a toda e qualquer manifestação negativa em sua vida a atuação dos obsessores. Contudo, precisamos ter em mente que o processo de obsessão conta exatamente com a Sombra individual do obsedado para se realizar.

O obsessor, transitando livremente na quarta dimensão, tem acesso aos pensamentos inconscientes e muitas vezes ao passado do obsedado e costuma utilizar estas informações para manipular aqueles que consideram seus detratores.

Desta forma, um homem que possua em si mesmo uma energia de ódio reprimida e jogada em sua Sombra, mas não trabalhada e apenas projetada para fora de si, poderá ter ao seu redor cobradores espirituais que o colocam sucessivamente em estado de descontrole emocional ou de completa submissão ao ódio alheio.

Será de pouca valia em termos evolutivos realizar apenas e tão-somente o afastamento desses obsessores, uma vez que alma encarnada poderá assim perder de vista que possui em si mesma uma energia mal desenvolvida ou mal manipulada em outra encarnação. Apenas quando o encarnado decide-se em ampliar o conhecimento de si mesmo e em assumir a responsabilidade pela energia que circula em seu inconsciente é que um processo obsessivo poderá ser finalizado, sem a chance de voltar a ocorrer.

Medidas emergenciais de afastamento de obsessores são tomadas pontualmente em casos muito especiais, mas não constituem de forma alguma a regra para a espiritualidade. A dor oriunda do processo obsessivo em nada difere da dor oriunda do confronto individual com a própria Sombra e, em verdade, o primeiro processo têm por objetivo cósmico levar ao segundo. Se não houvesse qualquer outra utilidade no processo obsessivo, ou seja, se ele se restringisse apenas a dar livre vazão ao 'olho por olho', estaria frontalmente em desacordo com as leis mais sublimes do Evangelho que pregam o amor ao inimigo.

Em verdade, o processo obsessivo representa para o obsedado a oportunidade de estar diante de 'um igual' e ter que lidar com os efeitos externos da energia que ele próprio manipulou no passado e que, em muitos casos, ainda manipula em nível inconsciente, ainda que sua consciência mantenha sobre si mesma ferrenho controle. Ao obsessor, o processo obsessivo dá a oportunidade para exercer ou não o livre direito ao perdão ou à vingança, resguardada a proporção do ato infringido à proporção do ato sofrido.

g) Reintegração da Sombra

Durante o processo de terapia, habitualmente a Sombra é o primeiro estágio pelo qual o analista e a consciência do paciente deverão transitar. Muitas vezes, dependendo da idade cronológica da consciência e do propósito da Centelha, todo o processo de terapia irá se resumir à integração dos conteúdos reprimidos na Sombra, não alcançando os estágios avançados da individuação, reservados para o momento em que o ego já esteja plenamente adequado e integrado às realidades objetiva e subjetiva.

Por integração de conteúdos entendemos um processo de reconhecimento daquilo que é até então veementemente negado pela consciência, e conseqüente assunção das responsabilidades inerentes a este reconhecimento. Em um primeiro

nível, este processo consiste da retomada das projeções e, em um segundo nível, da retomada da transferência realizada para o analista.

Já falamos o suficiente do primeiro estágio da terapia, restando-nos apenas comentar que em relação a retomada da transferência temos uma descrição detalhada no trabalho de Freud que descreve de forma brilhante o caso de um paciente – O Homem Rato, Volume X – ao qual era impossível assumir a raiva que sentia do pai, mas que transferiu esta ‘raiva’ para o analista tendo repetidos sonhos nos quais xingava e agredia tanto a Freud, quanto a sua família. Na análise destes sonhos, verificou-se a existência da transferência negativa, na qual Freud assumira a posição de ‘pai’ para o paciente. Para a consciência deste homem era-lhe suficientemente esmagador assumir a ambigüidade de seus sentimentos relativos a seu próprio pai, a quem ele acreditava amar acima de todas as outras pessoas. Mas foi exatamente esta ambigüidade que o levou ao desenvolvimento de um processo de neurose obsessiva extremamente grave. A solução encontrada pelo inconsciente do paciente – projetar sobre o analista a energia negativa – conseguiu desmobilizar a estrutura neurótica e, após um ano de tratamento, o homem se encontrou curado.

É, portanto, a análise dos sonhos e das fantasias, que poderão ser transformadas em imaginações ativas, e da transferência que poderá levar o paciente a resgatar gradativamente as energias projetadas e a conscientizar-se dos verdadeiros conteúdos de sua psique. Esta análise deve ser feita de forma cuidadosa e a tomada de consciência deve ser realizada pelo paciente no ritmo em que ele suportar. Isto significa dizer que de nada adiantou ao Homem-Rato, por exemplo, receber de Freud a informação de que ele sofria de um complexo paterno e que este complexo era a origem de sua grave doença; foi necessário que o paciente fosse passando por sucessivos insights a respeito de si mesmo até concluir o que Freud já sabia desde o início do tratamento. Acompanhar o paciente em seu ritmo equivale a respeitar seus limites de suportação da verdade sobre si mesmo e ajudá-lo a ir, gradativamente, ampliando estes mesmos limites até que ele consiga suportar a ambigüidade de seus sentimentos e a amplitude de suas emoções.

Voltando ao paciente de Freud, ao reconhecer a raiva que sentia do pai, e compreender os motivos da mesma, ele pode compreender que, em verdade, os motivos de sua raiva eram oriundos de seu próprio inconsciente, no caso, da agressividade que tanto o pai, quanto o paciente possuíam. Obviamente a forma de condução da análise freudiana difere em muito da que seria feita por um analista junguiano, ou mesmo reencarnacionista, mas o pano de fundo da neurose obsessiva e da projeção da Sombra é o mesmo, o que, uma vez mais, reforça a teoria de que não importa o método utilizado na análise ou mesmo a teoria que embasa o analista: o que verdadeiramente importa é que este processo seja o adequado para o paciente e que o analista domine as suas ferramentas.

Usualmente a Sombra está projetada nas pessoas ou instituições mais próximas e será por elas representada nos sonhos. Retomando a hipótese da psique como um sistema fechado de energia, esta hipótese poderá ser mais uma maneira de explicar o porquê de o ego ter a necessidade de estar consciente de um conjunto

completo colocando “diante de si ou do lado de fora” este conjunto, e projetando aquilo que não reconhece em si mesmo. No processo de bloqueio, a consciência tem a ilusão de que sua psique é composta apenas de algumas energias e não de outras e estaria, desta forma, alimentando uma espécie de mutilação psíquica. Mas vendo fora de si o que não reconhece em si mesma, a consciência tem novamente a oportunidade de lidar com o ‘conjunto completo’ da psique.

Citemos um exemplo: suponhamos um indivíduo que tenha em sua psique um desejo de não estar ‘preso’ a nenhum contrato de trabalho, mas é, pelas injunções da vida consciente, levado a exercer uma profissão que contraria o seu impulso pela liberdade. Para manter-se livre do risco de se tornar um ‘irresponsável’, sua consciência poderá desenvolver ou colocar-se em situações que são exatamente opostas aos seus anseios inconsciente, ou seja, poderá ver-se em um ritmo de trabalho espartano. Estabelece-se assim um conflito e a consciência agora irá jogar para o inconsciente a insatisfação de um exercício profissional que lhe traz restrições de tempo e espaço. Não consciente de sua insatisfação, o Ser tenderá a buscar fora de si algo ou alguém que carregue a energia reprimida, que ele poderá revestir como um rancor exacerbado pela ‘irresponsabilidade profissional e incompetência alheias’. Em seus sonhos, este nosso hipotético paciente, poderá ver-se em monumentais alterações com colegas de trabalho que têm exatamente as mesmas características que ele reprime em si. E em sua vida diária, terá para com estas pessoas pensamentos ou atitudes reacionárias e pouco amistosas.

Na psicanálise reencarnacionista concluímos que em nosso estágio atual de desenvolvimento consciencial ainda não conseguimos ver o mundo objetivo da forma como ele é, mas apenas da forma como nosso filtro da consciência permite que o percebamos. E isto é válido especialmente para as pessoas ou instituições que nos cercam, uma vez que é em cima das mesmas que projetamos ou transferimos os conteúdos do nosso inconsciente a fim de que eles saiam da zona obscura de nossas costas para a frente de nossos olhos. Assim, em termos reencarnacionistas, esta projeção tem uma finalidade que é, em um primeiro nível, fazer com que a consciência tome contato com o material reprimido e, em um segundo nível, levar o Ser a aprender a lidar, ainda que através do outro, com a energia que lhe é própria, mas com a qual não possui intimidade ou habilidade.

Desta forma, sempre que o paciente reporta uma grande admiração ou um grande desgosto em relação ao comportamento ou temperamento de outra pessoa ou instituição estará informando ao analista um conteúdo que ele não reconhece em si, mas do qual dispõe em nível não desenvolvido. Este material, preso na Sombra, encontra-se suficientemente próximo da consciência para ser reconhecido no outro, mas suficientemente longe para não ser reconhecido como ‘pessoal’.

Os pré-requisitos de proximidade da consciência e de não-reconhecimento da energia sempre terão que ser atendidos para que se realize uma projeção. E será, como já foi dito, o incômodo do paciente pela energia que o afeta, que dará ao

psicanalista a indicação da necessidade de reintegração. A partir do momento em que reintegra esta energia, o paciente readquire um certo controle sobre si mesmo, o que significa dizer que ele não ficará mais preso de emoções, impulsos e pensamentos desenfreados, como acontece nas neuroses obsessivas, por exemplo. Estará aberta, então, a possibilidade para que o Ser assuma maior responsabilidade sobre si mesmo e sobre o que lhe acontece e, igualmente, para que tenha maiores condições de exercer seu livre-arbítrio a partir do ponto em que amplia os limites de sua consciência.

6) O Feminino e o Masculino Primordiais

A meditação sobre símbolos é fonte de infinitos conhecimentos e base para as religiões que estimulam seus adeptos a adquirirem por si mesmos a intuição e atingirem um relacionamento mais próximo possível com o Criador. Contudo, não somente as religiões podem se beneficiar da meditação como fonte de conhecimento interior e insights, mas também todo o processo de psicanálise pode ser beneficiado quando analista e analisando se põem a meditar sobre um determinado símbolo.

Neste processo, o símbolo se comunica com a consciência em uma linguagem que ultrapassa a concepção 'humana' e esta adquire um conhecimento que transcende a própria capacidade de verbalização, pois se compõe de uma linguagem universal que independe e vai além de toda e qualquer verbalização. O processo de meditação utiliza os corpos mental superior e seguintes e estes corpos não se encontram mais presos ao tipo de raciocínio sobre o qual se estrutura a comunicação humana. Este é o motivo pelo qual por mais que um escritor ou psicanalista ou místico ou religioso tente explicar um símbolo, como o da Cruz ou da Mandala, ou mesmo do Tao, jamais conseguirá transmitir para outrem toda a plenitude que apenas um conhecimento direto, uma relação objetiva com o símbolo poderá trazer.

Cientes desta limitação, procuraremos introduzir os conceitos de Anima e Animus utilizando dois símbolos aparentemente distintos, porém que deixam margem a meditações e a sucessivos insights, que qualquer um deve procurar alcançar por si mesmo. São eles o Yin e o Yang e a Lua e o Sol.

a) Casais Divinos Dentro de Nós

Assim como o Tao é um símbolo perfeito para explicar o processo de Luz e Sombra, ele também pode ser utilizado como modelo para explicar a existência

do Animus e da Anima na psique. Lao Tsé escreveu no “Tao Te Ching⁹”, no capítulo “O Encontro dos Opostos:

“Todos no mundo reconhecem o belo como Belo e, desta forma, sabem o que é o Feio. Todos no mundo reconhecem o bem como o Bem e, desta forma, sabem o que é o Mal. Assim o ser e o não-ser geram-se mutuamente, o longo e o curto se delimitam, o alto e o baixo se inclinam, o tom e o som se harmonizam, o antes e o depois seguem-se um ao outro.”

Este pequeno trecho nos dá a clara idéia de que não teríamos como reconhecer o feminino sem o masculino, ou a luz sem a sombra, ou o belo sem o feio. Desta forma, tanto o Tao, quanto a psique, seja ela global ou individual, compõem-se dos opostos que a consciência, ou ego, tanto luta para separar e delimitar, procurando identificar-se ora com um, ora com outro. Lembremos que o conceito de psique global nos coloca em um nível ‘macro’ e profundo de desenvolvimento do Ser. A psique, como já foi visto, evolui pelo atrito entre as Forças Arquetípicas em direção à tomada de consciência sobre si mesma e, desta forma, poderia ser comparada com o próprio símbolo do Tao e o Feminino e o Masculino arquetípicos como as parcelas clara e escura que o compõe. Lembremos, ainda, que desta psique global evolui a psique individual de todos nós e, assim, o que foi dito sobre a existência de contrários arquetípicos em nível macro, também é válido para a existência dos contrários em cada um de nós.

Na introdução que Richard Wilhelm escreveu à sua tradução do “I Ching”¹⁰, encontramos o seguinte comentário à página 09:

“Em seu sentido original Yin significa ‘o nebuloso’, ‘o sombrio’, e Yang significa na ‘estandartes tremulando ao sol’, ou seja, algo que ‘brilha’, ou ‘luminoso’.

Mais adiante, na página 29, tratando do primeiro hexagrama, que é totalmente Yang ele acrescenta:

“(Estas linhas) correspondem à energia que, em sua forma primordial, é **luminosa, forte, espiritual, ativa**. (...) tem como essência a energia. Sua imagem é o céu. Sua força nunca é limitada por condições determinadas no espaço e por isso é concebida como movimento. **O tempo é a base desse movimento**. Portanto, o hexagrama inclui também o poder do tempo e o **poder de persistir no tempo**, ou seja, a duração.

“O poder representando pelo hexagrama deve ser interpretado em dois sentidos: em termos de uma ação no universo e de sua ação no mundo dos homens. Em relação ao universo o hexagrama expressa a atividade criativa e poderosa da Divindade. Aplicado ao mundo dos homens ele representa a **ação** criativa dos santos e dos sábios, dos que governam e conduzem a humanidade e que, através

⁹ Tsé, Lao. “Tao Te Ching, o Livro do Caminho Perfeito”, Ed. Pensamento, 1985.

¹⁰ Wilhelm, Richard. “I Ching, O Livro das Mutações”. Prefácio de Carl Gustav Jung. Ed. Pensamento, 1956. Esta tradução do I Ching é a que recomendamos para estudo, pois foi cuidadosamente elaborada e referendada por Jung em uma brilhante introdução.

de sua **força**, despertam e desenvolvem a natureza mais elevada dos seres humanos.” (Negrito nosso.)

O atributo do Yang, segundo o I Ching, é “Forte”, sua imagem, como vimos é “O Céu”, e sua função familiar é “O Pai”. Ligado à continuidade do Tempo, é ao Masculino Primordial que devemos a organização das normas e leis, das regras e raciocínios que fundamentam e dão possibilidade de criação de uma cultura, de uma sociedade e mesmo de um ego socialmente adaptado, capaz de ter idéias e colocar essas idéias em prática, dando formas a elas e, por isso, ele recebe o nome de “O Criativo”, pois o processo de criatividade que não se pode materializar nada mais é do que o caos e a fantasia sem base concreta ou real.

O Yang é, portanto, ligado à ação e a força que é capaz de moldar o mundo, sendo desta forma responsável por suas mudanças e desenvolvimento. Em termos analíticos, o Yang é associado ao masculino e, por este motivo, associa-se, igualmente, à função ‘do Pai’. Enquanto energia luminosa, separa as trevas da luz e dá a capacidade de discernir entre uma coisa e outra, adquirindo desta forma os atributos de Logos. Enquanto força espiritual, utiliza este discernimento em função da Criação Divina e da materialização dos projetos divinos; enquanto princípio ativo, liga-se ao movimento, ao ciclo de atividade e expansão energética.

Em contra-posição, na página 33, Wilhelm comenta a respeito do segundo hexagrama, o Receptivo, totalmente composto de linhas Yin:

“Este hexagrama se compõe de seis linhas abertas. A linha aberta representa o poder primordial obscuro, maleável e receptivo do Yin. O atributo do hexagrama é a devoção e sua imagem, a terra. É o perfeito complemento do Criativo, a contraparte, não seu oposto, pois o Receptivo não combate o Criativo, mas o complementa. Representa a natureza e contraste com o espírito, a terra em contraste com o céu, o espaço em contraste com o tempo e o feminino-maternal em contraste com o masculino-paternal. **Aplicado no âmbito humano o princípio dessa relação complementar encontra-se tanto nas relações entre homem e mulher quanto entre príncipe e ministro, e entre pai e filho.** Mesmo no interior do indivíduo esta realidade aparece na coexistência do mundo espiritual com o mundo dos sentidos.” (Grifo nosso.)

Os atributos do Yin são “Abnegado e Maleável”, sua imagem é “A Terra” e sua função familiar é “A Mãe”. Enquanto o Yang é claro e delimita as coisas, o Yin é obscuro e esfumaça os limites; ao invés de se impor pela força, ele recebe as energias direcionais do criativo e, através de sua capacidade generativa, as molda na terra. Ligado ao espaço, não está preso no tempo, o que o torna transcendente e, ao mesmo tempo, imanente. É a Natureza Pura, com seu eterno ciclo de vida-morte-vida e, por isso mesmo, capaz de lidar tanto com a morte, quanto com a vida com habilidade cíclica. É o mundo dos sentidos, das sensações, que não têm a lógica do espírito, do Logos, mas que segue uma lógica própria, calcada no que há agora e não no que haverá amanhã ou no que houve ontem.

Como vimos, os símbolos do Yang e do Yin, são a maneira que a cultura chinesa conseguiu traduzir de forma bastante poética os dois arquétipos primordiais do Feminino e do Masculino. Mas nossa mente ocidental consegue entender melhor essas imagens meditando sobre dois outros símbolos: o Sol e a Lua.

Quando observamos o comportamento do Sol em comparação com o comportamento da Lua, percebemos contrastes que falam mais claramente. O Sol nasce todos os dias no mesmo horário e suas variações de tempo no momento em que ele surge no céu e no momento em que ele se põe são tão pequenas que é possível prever um comportamento anual, mesmo não conhecendo qualquer cálculo astronômico. Em termos psíquicos, isto representa uma estrutura de comportamento bastante objetiva, previsível e ordenada. O Sol põe a realidade às claras e nos dá condições de enxergar os detalhes de qualquer objeto ou território. Ele nos revela as nuances e nos coloca em contato com o 'mundo real', sendo por isso mesmo, associado à capacidade de discernimento, de lógica e de raciocinar – separar uma coisa de outra e classificá-las em grupos distintos.

Por seu turno, o Feminino Primordial é associado à Lua, que não têm um comportamento celeste claramente definido: ela pode estar cheia em um dia e dez dias depois estar praticamente sumida do céu; a menos que conheçamos as tabelas astronômicas, nenhum de nós poderá dizer com absoluta precisão a que horas ela nascerá no céu dentro de seis ou sete dias; além disso, a Lua pode estar no céu à noite ou durante o dia, e se pôr junto com o Sol ao invés de nascer em sucessão a ele. À noite, mesmo na Lua Cheia, não temos condições de ver detalhes do que quer que seja; as cores se confundem, os detalhes se esfumam, os limites perdem sua clareza.

Psiquicamente, este estado reporta ao instinto, ao sentimento e às emoções, que confundem, que transgridem ou ignoram limites, que não têm uma 'lógica ordenada', mas seguem um 'lógica própria', não previsível. A luz da Lua não é boa conselheira para diferenciar e discernir entre uma coisa e outra, mas é excelente se quisermos "sentir" uma paisagem, se quisermos 'perceber' o conjunto além dos elementos que a compõem, se quisermos 'ver todos os gatos como gatos' e não separar os gatos pretos dos malhados. Portanto, esta energia engloba opositos e os agrupa pelo conjunto ao qual pertencem e não pelos 'indivíduos' que representam.

A Lua vive de ciclos, e não se incomoda de 'morrer' três dias por mês, pois sabe que algum tempo depois ela estará plena de novo. E isto nos reporta à capacidade de renovação e renascimento do Feminino: sua perenidade não está na previsibilidade solar, mas no fluir de ciclos de plenitude e esvaziamento. Desta forma podemos compreender que para o nosso ordenado Sol a Lua pode ser a mais caótica das criaturas. E para a nossa fluida e mutante Lua, o Sol pode ser o mais entediante dos seres!

Em termos culturais, tanto quanto em termos de psique global e individual, o princípio Yang/Sol está ligado à energia da organização, à socialização, à ordem, às normas e às leis que pautam a conduta social, tendo ênfase no pai enquanto provedor e mantenedor. No sentido complementar, o princípio Yin/Lua, portanto,

é aquele que segue as regras da vontade e do desejo momentâneo, imprevisível e, por isso mesmo, largamente associado ao emocional e ao instintivo. A capacidade que a Lua tem de estar plena em um período e completamente escura em outro representa a capacidade que o Feminino tem de lidar com o extremo positivo e o extremo negativo em um mesmo Ser, isto é, a capacidade de conciliar opostos aparentemente inconciliáveis, como a vida e a morte.

b) A Anima e o Animus no Processo de Reencarnação

A palavra Anima significa “alma” e é definida por Jung como a parcela feminina que compõe a psique de todo o homem encarnado; enquanto Animus significa espírito ou Logos, e é a parcela masculina que compõe a psique da mulher.

Quando o Ser decide por encarnar-se, já o dissemos, seu Self – em parceria com seus guias – escolhe um determinado conjunto de energias que irá manifestar e desenvolver na presente existência na matéria. Enquanto um sistema fechado, a psique individual direciona para o inconsciente as energias que não serão abertamente expressas, e que só de forma indireta poderão ser manipuladas pelo indivíduo.

O envio destas energias para o inconsciente segue dois princípios: o princípio da repressão e o princípio da incompatibilidade do ponto de vista da consciência. No princípio da repressão, irão figurar os incidentes ou ‘traumas’ que levam à supressão da manifestação de uma energia pelo ego, para que ele adquira em momento futuro maiores e melhores condições de fazer um resgate plenamente consciente destas energias. Enquanto reprimidas, elas são enviadas para o inconsciente e compõem a já falada figura da Sombra que será, inicialmente, contatada através da projeção e, posteriormente, reintegrada. Lembremos que a repressão se refere não somente às energias arquetípicas, mas também a todos os complexos autônomos que são, como já o vimos, personalidades anteriores que o Ser desenvolveu até um determinado ponto e que ficaram ‘não-resolvidas’ em seus traumas e complexos mesmo com o desencarne. São estas as parcelas que Jung comenta em seu livro “Memórias, Sonhos e Reflexões” como possuidoras de uma necessidade de evolução e, estranhamente, de atualização frente às experiências vividas pela consciência.

No princípio da incompatibilidade estão as energias que a consciência, no seu atual estágio de desenvolvimento espiritual, considera incompatíveis com as energias que ela decidiu privilegiar. E é atendendo a este princípio que a criança se apega ao arquétipo Feminino ou Masculino, definido antes de ela concluir sua reencarnação, enviando a contraparte para o inconsciente (não estamos tratando aqui dos homossexuais). Estas energias complementares irão, desta forma, compor o Animus ou a Anima.

Falando em termos psicanalíticos, Anima e Animus são vistos como arquétipos primordiais e um arquétipo não pode ser plenamente integrado pela consciência. Lembremos que os arquétipos são a base ou o modelo compostos por energias supra-humanas e, por isso mesmo, transcendem todas as possibilidades de plena assimilação por uma única criatura.

Para clarear esta idéia, comparamos os arquétipos a uma espécie de 'molde' que delimita a expressão divina em uma forma pré-estabelecida. Criando uma metáfora, imaginemos que o Arquétipo do Feminino tenha mesmo a forma tridimensional exata da Lua e que esta forma seja dada pela energia do arcanjo que se encarregou de criar o princípio feminino neste universo. Contudo, o Arquétipo dará a forma e a energia primordial, mas cada criatura irá 'preencher este molde' com a maneira que o ver. Assim, a Lua será para alguns o símbolo da beleza e da sutileza, mas pode ser para outros o símbolo da perdição ou da confusão. E assim como nós não vemos a realidade tridimensional como ela é, mas com os conteúdos e significados que imprimimos nela, também não temos condições de ver ou mesmo lidar com um arquétipo com o seu conteúdo original, mas com o conteúdo que colocamos 'dentro dele'.

Desta forma, durante suas reencarnações, a criatura, através de suas sucessivas experiências em todas as dimensões, preenche tanto o Arquétipo do Feminino, quanto do Masculino, com os significados atribuídos a estas experiências. E se por um lado estes significados seguem um padrão – o padrão do Arquétipo –, por outro, são tão variados quantas são as experiências que um Ser poderá ter em um sexo e em outro. Os conteúdos que ele agregar a este 'molde' são, desta forma, de sua inteira responsabilidade.

Assim sendo, em nível de conteúdo pessoal, Animus e Anima possuem o somatório de todas as características que a consciência atribuiu ao ser homem ou mulher em cada uma de suas encarnações, ou seja, o indivíduo hoje encarnado como mulher terá no seu Animus o somatório de todas as personalidades que ostentou no passado na matéria como um homem e, da mesma forma, o indivíduo que se encarna como um homem terá em sua Anima o conjunto de todas as suas experiências precedentes enquanto mulher. E, ao somatório de suas experiências pessoais, agregar-se-á a Energia Básica do Feminino ou Masculino, conforme o caso.

Expliquemos agora que o que diferencia um complexo autônomo de um Animus ou Anima é exatamente o atributo de que enquanto os primeiros ficaram fixados na forma e personalidade que tinham anteriormente, tendo uma história pessoal, gostos e preferências peculiares e referendadas por experiências reais em encarnações pretéritas, os últimos são o extrato destas experiências de gênero.

Durante o tratamento de nossos pacientes, enfatizamos todo tempo a necessidade de trabalharmos da melhor maneira possível o arquétipo que permeia nossa consciência de forma objetiva – a energia primária do corpo escolhida para a presente encarnação como mulher ou homem. E um dos motivos para esta ênfase é o fato de que uma energia mal trabalhada em uma encarnação passa para a próxima como 'um problema'. Muitas vezes este 'problema' é de difícil solução,

pois a energia relegada à contraparte tocará a consciência, como já vimos, apenas de forma indireta e a dificuldade de acessá-la poderá levar à dificuldade de 'fazer as pazes com ela'.

Por "forma indireta" definimos os processos de projeção e de transferência como o mecanismo possibilita ao Ser ter uma justa medida dos níveis de desenvolvimento ou deficiência da parcela oposta à sua consciência. Contudo, a despeito de a projeção e a transferência da contraparte sexual poderem ser resgatadas, o Ser não terá como 'viver' aquela energia plenamente na matéria, mas apenas como mecanismo energético 'auxiliar' da consciência que atua via inconsciente pessoal, familiar e/ou coletivo.

Convém ressaltar que esta vivência, obviamente, não tem nada a ver com a conduta social ou sexual e sim com a conduta energética. E é exatamente aqui que começam os problemas para a reintegração da polaridade oposta: nossa cultura ainda não conseguiu definir claramente esta diferença. Até bem pouco tempo o Arquétipo formador do sexo corporal, a conduta social e a conduta sexual se confundiam e eram inseparáveis na mente coletiva. Contudo, a partir do início do século passado, as transformações culturais levaram nossa sociedade a uma significativa transformação em sua organização e, gradativamente, os Arquétipos Feminino e Masculino começaram a deixar de serem meros parâmetro para condutas externas e começaram a ser colocados como parâmetros de desenvolvimento consciencial. Há trezentos anos atrás, por exemplo, um indivíduo que nascesse mulher, qualquer que fosse o continente ou país escolhido, não poderia exercer uma carreira ou sustentar sozinho um lar sem afrontar 'a organização social'; da mesma forma, um indivíduo que nascesse homem teria poucas chances de exercer publicamente toda sua sensibilidade e suscetibilidade emocionais sem ser confundido com um homossexual.

Atualmente, entretanto, não é mais o sexo do indivíduo que lhe garante um papel na sociedade ocidental, mas ele cava por si mesmo a sua posição. Contudo, não percamos de vista que este momento é um momento de transição e se o sexo corporal perdeu a capacidade de nos dar a justa medida de nossa função social, ainda não temos claramente definido no inconsciente coletivo como este processo será finalizado. O valor do Arquétipo de base para a formação biológica perde sua importância social, mas adquire contornos mais precisos exatamente por começar a deixar de se confundir com este 'papel social' e ligar-se com a postura individual e, somente através desta, à postura social.

c) Além do Animus e da Anima

Pelo que foi dito acima, conforme a humanidade vai evoluindo e os papéis sociais começam a deixar de ser parâmetros para a canalização de uma energia arquetípica, estamos chegando em um ponto no qual o Masculino e o Feminino

começam a ser reconhecidos muito mais por seus atributos Yang ou Yin do que por sua função sexual.

Em termos arquetípicos, contudo, isto não é inteiramente uma novidade. No trecho por nós grifado na citação de Wilhelm sobre o Yin, observa-se que ele não coloca a canalização do Feminino como atributo somente das mulheres, mas também nas relações entre 'príncipe e ministro' e 'pai e filho'. Isto significa que a característica de receptividade do Feminino é algo que também pode ocorrer na personalidade de um homem, sem que para isto ele tenha qualquer característica homossexual. Os arquétipos de Dioniso e Hades, por exemplo, remontam a esta energia masculina receptiva, primordial e obscura.

Da mesma forma, na mitologia grega e, mais declaradamente nas mitologias suméria e indiana, há representações de arquétipos femininos que possuem em si mesmos atributos claramente Yang, sem que isto 'masculinize' a deusa. Ártemis, Inana e Kali, para citarmos apenas três exemplos, aparecem como deusas realizadoras, fortes, espirituais e ativas, sem, contudo, perderem a característica feminina de receptividade.

Disto concluímos que a segunda fase do processo de análise, que se caracteriza pela reintegração dos conteúdos do Animus e da Anima através do Casamento Sagrado intrapsíquico, inclui a sub-fase de perceber que estes conteúdos não se resumem ao interagir do Masculino com o Feminino na qualidade de simples contrapartes sexuais, mas a assumir em si mesmo os atributos Yang ou Yin independente do sexo.

Conosco concordam pesquisadoras como Toni Wolf, Bárbara Koltuv, Shinoda Bolen que, ao contrário do que preconizavam Jung e Freud, perceberam que o Feminino também pode ser Yang. Douglas Gillette, Robert Moore e Robert Bly, por seu turno, igualmente apresentam trabalhos nos quais deixam claro que também o Masculino pode ser Yin.

Em nossa clínica, entretanto, observamos que somente os pacientes que passam por um longo processo de análise é que chegam a este ponto. Regra geral, romper com estes preconceitos exige um forte esforço da consciência não somente em relação ao seu inconsciente pessoal, mas atinge os níveis do inconsciente coletivo cultural e transcultural.

Igualmente estaríamos perdendo a acuidade necessária para nosso trabalho se deixássemos de considerar que nas culturas e nos estratos sociais mais rígidos a reintegração da contraparte sexual do inconsciente irá se limitar ainda por um bom tempo à solidificação do Animus ou da Anima. Nestas culturas e estratos é virtualmente impossível que uma consciência individual consiga ver a si mesma como Yang e Yin ao mesmo tempo, pois a pressão social limita a aquisição desta visão.

No outro pólo deste processo, temos observado em nossa prática que existem realmente muitos casos de homossexualidade tanto feminina quanto masculina que se explicam não por uma verdadeira preferência sexual pelo mesmo gênero, mas por um equívoco em realizar a assimilação do Yang e do Yin com a

masculinidade ou feminilidade da consciência. Desta forma, há pacientes masculinos que por terem percebido em suas consciências um forte componente Yin acreditaram em determinado momento de suas vidas que isto os deveria levar à homossexualidade e pacientes femininas que também seguiram o mesmo processo por terem se percebido mais Yang do que a cultura admitia.

Estes pacientes chegam à análise em grande estado de sofrimento, pois sua homossexualidade foi um equívoco de leitura e resultado de forte preconceito social e cultural. E a percepção deste equívoco não torna a dor menos intensa, pois eles usualmente sentem que perderam um longo tempo em uma via à qual jamais deveriam ter tido acesso. Não raro, acabam utilizando a homossexualidade como elemento de punição para as 'transgressões do ego' e é esta última característica que nos leva a considerar como equivocada sua opção sexual: a relação homossexual não é vista ou realizada como fonte de prazer, mas como fonte de dor e sofrimento para a consciência.

Quando estivermos falando da possessão pelos arquétipos do Animus e da Anima, abordaremos novamente este assunto da homossexualidade, mas por enquanto é preciso frisar a urgência de que a sociedade e a cultura comecem a ver que Yin e Yang são formas de atuação que não se prendem às características sexuais masculinas e femininas, pois esta limitação preconceituosa restringe a plenitude do desenvolvimento da consciência.

d) Anima e Animus nos Sonhos

Nos sonhos masculinos, a Anima aparece usualmente como uma mulher, às vezes desconhecida, às vezes conhecida, como sua filha, sua esposa, sua mãe, irmã ou amiga, e ele pode até sonhar que tem uma filha, esposa, mãe ou irmã que na realidade não existem; mas também pode surgir como a própria Lua, como um cálice, como uma sereia, sílfide ou outro ser feminino fantástico. E quanto mais 'desconhecida' ou distante da forma humana um arquétipo aparece em um sonho, mais distante da consciência está a energia a ela ligada e isto vale tanto para homens, quanto para mulheres.

A função do Yin é, como já vimos, a função de contrabalançar a consciência masculina: opor a suavidade à força; a emoção ao pensamento; a síntese à análise; a Natureza ao Social; o instinto à lógica; o caos à ordem. O principal atributo do Yin para a consciência masculina é a capacidade de conciliar opostos e, sem este atributo, esta consciência fica subjugada à sua lógica e previsibilidade e acaba massacrada pela natureza instintiva que fica não integrada no inconsciente. É a ela que o homem recorre quando se apaixona por alguma coisa, quando se deixa envolver pelos sentimentos, quando cria poesias ou mundos fantásticos, quando se envolve com arte, quando acalenta o filho no colo, ou seja, quando deixa fluir seus sentimentos e instintos.

Por seu turno, nos sonhos femininos, o Animus aparece usualmente como homem, ou um grupo de homens que podem ser conhecidos ou desconhecidos; mas igualmente podem surgir como a forma de uma lança, uma espada, o próprio céu ou o Sol. Tivemos uma paciente que sonhou com as três linhas Yang que compõem o hexagrama do Criativo e claro ficou que se tratava de um sonho com o Animus! Ele pode aparecer também como o filho de uma mulher, tenha ela filhos ou não, seu irmão ou pai, existam estes ou não.

A função do Yang é dar à mulher a lógica, o discernimento, e a capacidade de estabelecer projetos e concretizá-los. É a ele que recorremos quando exercemos nossas profissões 'no mundo', quando estudamos, quando desenvolvemos um projeto criativo e o implementamos, seja no trabalho, seja na cozinha. O Yang nos dá a capacidade para sermos mais do que 'simples emoção' e nos possibilita transitar de forma mais organizada até mesmo dentro de nossas emoções.

e) A Possessão da Anima e do Animus

Quando algumas coisas dão errado em uma encarnação, a tendência é que elas continuem dando errado nas próximas e isto pode se prolongar indefinidamente até que nós tenhamos disposição suficiente para voltarmos para o problema e resolvermos as pendências. Nos séculos anteriores a este, a despeito de o papel social do Feminino e do Masculino terem sido claramente delimitados, a verdade é que nem o Feminino das mulheres, nem o Masculino dos homens foi plenamente desenvolvido pela maioria. Os homens temiam o caótico feminino e tiranizavam as mulheres. As mulheres, por seu turno, não sabiam como lidar com mundo nos moldes masculinos e não só se submetiam à tiranização, como inconscientemente compactuavam com ela.

Uns e outras não compreendiam em verdade nem mesmo a sua própria energia, quanto mais a energia oposta e, obviamente, relegavam-nas não apenas para o seu parceiro, mas procuravam mantê-la o mais distante possível de sua consciência. Já vimos anteriormente que toda energia proscrita engendra do inconsciente uma vingança contra a consciência e a esta vingança pode se suceder um processo chamado de possessão pelo arquétipo.

Na psique masculina, a energia feminina desprezada acaba levando o homem à perda do controle do seu emocional, à incapacidade de lidar com as diferenças e à desvalorização de todo produto feminino. Esta inabilidade para lidar com as diferenças tem exemplos históricos nas guerras e na escravidão; a desvalorização dos produtos da criatividade feminina mostra-se na intolerância com as mulheres e, também, no escárnio direcionado à arte em vários momentos da história – os Trovadores chegaram a ser perseguidos pela Igreja, e a destruição da Biblioteca de Alexandria é outro exemplo catastrófico.

A perda do controle emocional faz dos homens que estão sob a possessão da Anima pessoas sujeitas a humores instáveis e a verdadeiras crises históricas que podem ser 'disfarçadas' em perseguições políticas em nome dos 'valores do estado' ou dos 'valores da igreja'; os homens possuídos pela Anima costumam, usualmente, sentir desprezo ou mesmo medo das mulheres e muitas 'bruxas' acabaram queimadas como demônios não por homens, mas por Animas exaltadas e temerosas de tudo o que lembrasse o 'poder obscuro do feminino'.

O homem que não está em paz com sua Anima é inseguro de si mesmo, de suas emoções e pode ser presa fácil de intuições e pressentimentos vagos e errôneos que o levem a temer o que não seja provado por A+B. Eles não sabem lidar nem com as emoções, nem com os sentimentos e podem ser encontrados, com facilidade, na figura do cientista que despreza o colega intuitivo, mas que cai vítima de uma paixão avassaladora que o fascina e destrói sua vida familiar e mesmo sua carreira.

Uma outra versão da possessão pela Anima é encontrada nos homens excessivamente sensíveis que não conseguem exercer com segurança sua energia masculina. Eles podem se tornar fisicamente impotentes ou mesmo confundir a sensibilidade com homossexualidade – e neste caso a homossexualidade não será legítima, mas uma distorção do papel da Anima. São incapazes de dar uma opinião firme sobre o que quer que seja, não conseguem estabelecer ou concluir projetos, não exercem de forma coerente sua capacidade lógica, nem seu discernimento, por sentirem-se desprezados e desvalorizados por si mesmos. São os tímidos patológicos, presos a angústias e ansiedades inconscientes que se voltam contra si mesmos.

A possessão pelo arquétipo da Anima tem também um outro efeito colateral pouco explorado: o desprezo pelo masculino. Ainda que o homem se arvore de um machismo declarado, a verdade é que quando analisado em profundidade, percebe-se que sua visão do que venha a ser um homem também está distorcida, pois ele amputa de si mesmo uma parcela importante e significativa: a sensibilidade. Lembremos que a Anima é um arquétipo e que o fato de chegar a ser 'possuído' por ela é um claro indicativo de que o indivíduo não compreendeu ainda o que venha a ser realmente um homem e uma mulher. A Anima assim subdesenvolvida é igualmente cheia de preconceitos e atitudes caricatas que irão aparecer na consciência na forma de críticas e desconfianças direcionadas não somente para as mulheres, mas também para os homens que 'ousarem' assumir sua sensibilidade, seu desejo por relacionamentos fieis e significativos, sua criatividade artística etc.

Na psique feminina, por seu turno, a energia masculina não trabalhada tende a gerar na mulher um sentimento de inferioridade que ela atualmente supercompensa com excesso de energia direcionada à sua carreira e a seu trabalho. Assim como o homem possuído pela Anima despreza tanto o masculino quanto o feminino, a mulher possuída pelo Animus também despreza a ambos. Ela pode se 'travestir' de homem e tentar sufocar ao máximo suas emoções e sua intuição. Pode desprezar a maternidade e mesmo o cuidar do outro pode lhe

parecer algo menor e sem valor real. Ela estará, igualmente, guerreando contra os homens e tudo fará para se provar 'superior' a ele. São as 'damas de ferro', excessivamente agressivas e incapazes de nutrir a si mesmas ou a quem quer que seja em virtude de um emocional mutilado.

Ela pode também tentar virar um 'modelo' para o homem, deixando-se mutilar fisicamente para ter 'a forma perfeita'. Neste último aspecto, a cultura ocidental tem dado um bom exemplo neurótico: as mulheres não aceitam mais as suas formas físicas e querem assumir as formas idealizadas para feminino, na tentativa de superarem um complexo de inferioridade. Não basta ser mulher: é preciso ser 'uma deusa'; somente assim ela sentirá que tem algum valor para si mesma e para o homem interno que, contudo, continuará desprezando-a e mostrando um defeito atrás do outro até que ela morra em uma mesa de cirurgia plástica ou deforme completamente seu corpo.

Pode acontecer, igualmente, que a mulher possuída por um Animus não trabalhado acabe subjugada por homens que a desprezem, que a usem ou que simplesmente não a valorizem. Ela duvida de sua própria capacidade em quaisquer dos casos, mas se for patologicamente tímida, insegura e frágil ao extremo poderá se colocar sob o domínio de homens de carne e osso que abusem dela. Encontramos aqui as mulheres subjugadas social e culturalmente simplesmente por serem mulheres: aquelas que aceitam o que vem do masculino sem questionar, sem reclamar e proclamando 'ser este o seu papel'.

Vimos que a possessão tanto do Animus, quanto da Anima, pode adquirir um caráter passivo e um caráter ativo. No caráter passivo, a personalidade fica frágil pelas condições que lhe são impostas pelo arquétipo; no caráter ativo, a consciência se alia ao arquétipo e começa a dançar pela música que ele toca: se for mulher, irá 'disfarçar-se' de um homem que não tem essas 'frescuras' de mulher; se for homem, irá se 'disfarçar' de uma mulher que não 'suporta a rudeza' masculina. Nem um, nem outra estarão dando verdadeira solução para o desvio do fluxo da energia e apenas estarão perpetuando sua própria confusão e adiando, talvez para outra encarnação, o verdadeiro confronto consigo e com sua contraparte.

f) O Casamento Sagrado

Uma das inúmeras contribuições de Jung à ampliação da compreensão dos processos psíquicos mais profundos reside nos seus trabalhos de interpretação de textos alquímicos e na correlação que ele traçou entre estes textos e os estágios de desenvolvimento da psique. Para Jung, o trabalho de ampliação dos limites da consciência, e especificamente o trabalho psicanalítico, teria uma metáfora perfeita no "*opus alquímico*", ou *Obra Alquímica*.

Esta “Obra”, regida por Mercúrio/Hermes, inicia-se tendo por base a matéria suja, negra, ou seja, a Sombra e o seu objetivo é transformar esta matéria em um ouro indestrutível. Neste nosso trabalho não abordaremos diretamente a alquimia, pois o que nos interessa agora é saber que, dentro do processo, existe um estágio em que Masculino e Feminino se unem e geram uma Criança Divina, uma vida nova.

Em termos internos, a psique faz sucessivas uniões entre masculino e feminino, sem que a consciência tome contato ou mesmo ciência disto: este casamento acontece toda vez que é gerada uma ‘vida nova’, seja esta vida nova uma forma diferente de ver o mundo ou alguma realidade específica, seja ela uma transformação radical ou mesmo a exacerbação de um processo criativo. Quando é feito sob absoluto controle do inconsciente, o Casamento Sagrado só se torna perceptível para a consciência de duas maneiras: pelo produto onírico que pode provocar e pelo seu resultado inesperado.

Em relação ao produto onírico, o Casamento Sagrado irá acontecer na forma de uma relação sexual entre o sonhador e uma outra pessoa do sexo oposto; mas pode acontecer que o sonhador se veja ‘fora da cena’ e apenas observe um casal se relacionando sexualmente, ou apenas veja um símbolo masculino se unindo a um símbolo feminino, como uma lança sendo colocada dentro de uma bainha, ou uma faca dentro de uma taça. Nestes últimos casos, entendemos que as mudanças estão ocorrendo em uma área muito distante da consciência e serão percebidas por ela apenas como um ‘elemento estranho’; enquanto no primeiro caso, a participação da consciência acontece, mas não foi ela quem buscou este processo e sim foi ‘buscada’ por ele.

Em quaisquer dos casos, o resultado de um Casamento Sagrado tem por hábito surgir às vistas da consciência no período exato de uma gestação humana – e Jung já se referia ao fato de que o inconsciente tem um mecanismo de mudança temporal que corresponde a aproximadamente nove meses, como se uma criança tivesse sido gerada fisicamente – e este resultado tanto poderá ser uma obra artística, um novo estilo de vida, uma nova maneira de encarar os fatos cotidianos ou mesmo uma nova maneira de lidar consigo e com os outros que surge, inesperadamente, nove meses após a ‘fecundação da idéia’ no inconsciente.

Em termos práticos, é possível que uma mulher se veja dando à luz uma menina, ou a consciência, masculina ou feminina, se veja às voltas com um recém-nascido. Quando um analisando, homem ou mulher, reporta um sonho onde aparece um filho ou uma filha, respectivamente, que não existem na matéria ou que na matéria têm uma idade diferente da reportada no sonho, costumamos fazer as contas e perguntar o que acontecia no período em que aquela criança deveria estar sendo gerada: usualmente encontramos alguma crise ou momento crucial, no qual decisões ou experiências de vida teriam levado a um reposicionamento do inconsciente e, posteriormente, da consciência.

Quando é feito com a participação da consciência, o que normalmente ocorre quando se está em um processo de análise ou em um processo transcendente, como o processo alquímico, o Casamento Sagrado tem a capacidade de trazer

esta 'Criança Sagrada', ou Self, para mais próximo da consciência, re-aliando esta última com a própria Centelha. A união harmônica dos opostos dá ao Ser um sentimento de plenitude que pode transcender o simples 'estado de espírito' e se manifestar em mudanças efetivas no próprio eixo consciência-Self e o que surge daí é 'ouro puro', um 'ouro indestrutível' que se traduz na capacidade da consciência de seguir de boa-vontade os desígnios de sua Alma.

Em termos reencarnacionistas, o Casamento Sagrado realizado com a participação efetiva da consciência simboliza o alcançar de um estágio no qual começamos a verdadeiramente assumir como nossos todos os processos pelos quais passa nossa psique. Ele é, desta forma, um excelente símbolo para reintegração das parcelas complementares do ser que até então vinham sendo vividas como contrários ou contrapartes e é por isto que sentimos um estado de plenitude que não se pode explicar e que, paralelamente, se manifesta no mundo físico em uma serenidade e alegria que não têm nada a ver com euforia, mas com equilíbrio psíquico.

g) Relacionando-se com o Animus e a Anima

Em muitos de seus trabalhos, Jung chama especial atenção para o fato de que não conseguimos vivenciar uma energia arquetípica em nível ideal sem que ela, em dado momento, 'baixe para a matéria' através do processo tantas vezes referendado de projeção e transferência. Isto é válido para a Sombra e também o é para a figura do Animus e da Anima.

Ainda que o Casamento Sagrado seja um processo inteiramente psíquico e que na matéria não exista o 'casamento perfeito' ou 'casamento ideal', e ainda que as pessoas de carne e osso não possam, sob nenhuma hipótese ou circunstância, materializar para nós o padrão arquetípico do companheiro idealizado, ou da alma-gêmea, o fato concreto é que muitas das energias deste arquetipo acabam sendo projetadas ou transferidas, para o bem ou para o mal, nos indivíduos do sexo oposto com os quais nos relacionamos ao longo da vida.

O conhecimento de si mesmo, nestas circunstâncias, só se dá através do outro, pois o que há de mais oculto para nós, mais escondido nos recônditos profundos da psique, aparece diuturnamente projetado na realidade externa para que tenhamos oportunidade de lidar com aquela energia até então escondida, porém presente em nossa psique. Lembremos sempre que o processo de projeção segue o mecanismo interno de 'escolha' e que o outro não necessariamente tem as características que projetamos sobre ele, mas pode assumi-las para nós diante de nossos olhos.

Neste sentido, a projeção é mais propriamente entendida como um mecanismo neurótico que não vê a realidade interna e/ou externa do outro como ela é, mas como nosso inconsciente a molda diante de nós. Estão nesta categoria as 'paixões

avassaladoras' – e também as aversões exacerbadas – que surgem da noite para o dia entre pessoas que mal se conheciam e que ainda não se conhecem ou conhecerão até que a neurose possa ser suficientemente curada para dar espaço a uma observação real do outro.

Algumas linhas da teoria reencarnacionista explicam tanto estas 'paixões' quanto estas 'aversões' como resultados da identificação inconsciente de um afeto ou desafeto de outra encarnação. Não descartamos esta hipótese, mas enfatizamos que mesmo quando ela é verdadeira, ainda se trata de não ver o outro como ele é hoje, exatamente como se apresenta diante de nossos olhos, mas como uma 'imagem antiga' que precisaria ser referendada ou refutada para sair da característica de neurose.

O processo de paixão neurótica tem, no entanto, algumas características evolutivas importantes, pois como vimos no Modelo Piramidal do Inconsciente, ainda que o ego esteja alheio aos motivos pelos quais realmente se apaixonou por esta pessoa específica e não por qualquer outra, o inconsciente realizou a 'escolha' por motivos que ficam bastante claros durante uma análise. Tenhamos em mente que nossos inconscientes pessoais estão em contato direto com todos os inconscientes das outras pessoas com as quais cruzamos e a via para este contato é a via do Inconsciente Coletivo. Pesquisas recentes no campo da psicologia têm demonstrado que após sermos apresentados a uma pessoa, levamos apenas cinco segundos para sabermos exatamente tudo sobre o outro em nível inconsciente. O problema é que depois disto podemos levar às vezes a vida inteira para assumirmos este conhecimento em nível consciente.

Em outro sentido pode acontecer que nossa própria energia psíquica desperte no outro sua energia e ele pode realmente começar a agir e reagir de acordo com o nosso modelo. Isto contudo, não é uma regra fundamental e não raro a projeção, principalmente sobre pessoas que não nos são íntimas até então, é completamente baseada em nossos conteúdos internos. Citemos um exemplo de um e de outro caso: no primeiro, suponhamos uma mulher que seja apresentada a um novo colega de trabalho e comece, algum tempo depois, a imaginar que ele é a mais cativante e sensível das criaturas. Ela fantasia e se apaixonou perdidamente por ele em questão de dias ou semanas. No entanto, continuando a estória, ao começarem uma relação, ela repetidamente pode vê-lo tomar para com ela e para com outras pessoas uma atitude de frieza e insensibilidade e, a partir deste momento, escolherá automaticamente entre dois outros caminhos igualmente neuróticos: ou ela se afasta magoada, sentindo-se enganada; ou ela se aferra em sua crença de que ele é 'especial' e agrega a esta crença a idéia de que 'ele apenas não sabe ou não descobriu isto ainda'. Infelizmente esta atitude é a mais comum nos relacionamentos e leva tanto homens quanto mulheres a alimentarem o desejo secreto de 'salvar o outro de si mesmo' ou 'modificar-lhe a estrutura psíquica'.

É desnecessário reafirmar o quanto de sofrimento advém desta atitude, pois por tudo o que foi dito, o elemento 'salvador' está em verdade querendo salvar-se a si mesmo e ao invés de focar em sua própria psique a energia necessária para este

resgate, perde tempo e energia focando em outra pessoa que, diga-se de passagem, nunca pediu para ser modificado. Em um outro caso, agora de ativação de um elemento inconsciente no parceiro, suponhamos que uma mulher, com um Animus indiferenciado e completamente agressivo, comece a se relacionar com um homem que seus amigos informam ser a mais dócil das criaturas. Meses depois, a projeção do Animus desta mulher poderá ativar no companheiro um comportamento agressivo e ele poderá não se reconhecer diante dos próprios olhos. Finda a relação, ele volta a ser o mesmo homem 'pacífico' de antes.

O que acontece aqui é que ele já possuía esta agressividade latente em sua psique, mas a relação com a mulher específica trouxe para a superfície esta agressividade. Lembremos que muitas vezes afirmamos que a psique pode ser comparada a uma equação química e um relacionamento entre duas pessoas é, obviamente, a interação entre duas 'fórmulas químicas' e, todos sabemos, que quando um agente químico entra em contato com outro, ambos sofrerão modificações em sua estrutura. Outra metáfora que explica isto é dada pela idéia de que cada um de nós é um 'número': se alguém é o número 'um' e se relaciona por adição com o número 'dois', o resultado desta relação será 'três'; mas se o 'dois' se relaciona com o 'quatro', o resultado será 'seis'. Jung afirmava que quando duas pessoas efetivamente se relacionam, as duas acabam se modificando e, por este motivo, acreditamos que a metáfora de elementos químicos que se modificam pelo contato é um motivo bastante adequado para explicar o processo de relação.

Mas há ainda o caso onde a projeção não tem qualquer base, como vimos acima. Numa segunda vertente para este caso, encontram-se as paixões platônicas ou as idealizações à distância que uma pessoa faz de outra sem ter sobre ela qualquer conhecimento pessoal. Nesta vertente, o indivíduo não está de forma alguma em relação com o outro, nem mesmo de forma indireta, mas apenas e tão somente com a parcela de sua psique que projeta indistintamente sobre o objeto idealizado: ele está, assim, em relação consigo mesmo. Este último processo, contudo, tem a característica adicional de que se for levado à análise e explorado em toda a sua amplitude pode proporcionar mais facilmente as transformações da psique do 'apaixonado', pois o fato de não estar em relação com o objeto facilita o resgate desta projeção e o reconhecimento de que o conteúdo projetado é próprio e pessoal. Em quaisquer dos casos, contudo, é justamente este reconhecimento da projeção que tem o potencial de ampliar a consciência e de aumentar o nível de responsabilidade do indivíduo sobre suas energias e sobre si mesmo, dando-lhe maior liberdade futura sobre suas escolhas amorosas e seu destino objetivo.

Voltando ao "Casamento Sagrado", a projeção da contraparte participa do processo de integração da psique e, virtualmente falando, todos aqueles que têm o sexo oposto ao nosso e com os quais nos relacionamos, em quaisquer níveis, têm o potencial e a capacidade de revelar para nós parcelas do Animus ou da Anima. Estas projeções serão mais fortes sobre as pessoas de nossa intimidade e começam na infância, quando projetamos os conteúdos psíquicos trazidos de

outras encarnações em nossos pais, irmãos, parentes, amigos e, finalmente, para nossos companheiros e filhos. E não há qualquer possibilidade de um indivíduo normal não fazer qualquer tipo de projeção de conteúdos intrapsíquicos no nosso atual estágio de desenvolvimento humano.

Contudo, aqueles que não conseguem separar o Arquétipo ou os conteúdos pessoais das pessoas de carne e osso com as quais convivem estão fadados a uma profunda insatisfação pessoal, pois não existe igualmente a menor possibilidade de que um indivíduo, por mais 'perfeito' que ele possa nos parecer, conseguir ser a imagem fiel do que idealizamos como um companheiro ou companheira. E isto também é válido para a transferência negativa, como já foi visto na análise do processo de Sombra. Repetamos que preso em sua projeção, não é raro que o indivíduo tente modificar o outro e 'moldá-lo' dentro dos parâmetros de perfeição que carrega em si e que pertencem ao seu próprio inconsciente. E é somente através do processo de resgate sistemático desta energia e de assunção de responsabilidade sobre o conteúdo projetado é que ele se torna capaz de abrir campo para que uma relação real ocorra entre duas pessoas e não apenas entre um Animus e uma Anima respectivamente projetados no homem e na mulher de carne e osso.

Este processo, tanto quando o processo de resgate da Sombra, é contínuo e interminável, o que significa dizer que por mais conteúdos que resgatemos e assumamos como nossos, sempre haverá uma 'novidade', um outro 'ponto cego', que até então não havíamos percebido e que só nos damos conta quando analisamos as bases de nossas relações. E este é o motivo pelo qual Jung afirma que o Processo de Individuação, que consiste na busca do Si-Mesmo e passa pelo resgate da Sombra e pelo resgate do(a) Animus/Anima, não pode ser realizado em completo isolamento, pois o isolamento fecha os olhos do indivíduo para aquilo que ele não reconhece em si mesmo e lhe retira a oportunidade de ampliar o conhecimento de sua psique profunda.

Quanto mais distante um conteúdo da consciência, e já vimos que Animus/Anima são energias que estão em contraposição em relação ao ego, maior a necessidade de buscar 'lá fora' o conhecimento da verdadeira 'face' desta energia. Assim sendo, o Casamento Sagrado se dá em nível interno, mas é validado nas relações externas e na vida objetiva.

7) O Self

Muito já falamos a respeito do Self e suas implicações energético-espirituais. Resta-nos, apenas condensar alguns dos conceitos acima dispersos. Dissemos capítulos acima que compreendemos o Self como a Centelha Cósmica, a Alma ou o Centro Diretor da Consciência e o definimos como a parcela Divina que cada criatura tem em si e cujo objetivo primeiro está em reintegrar o Ser à sua

Fonte. Origem e fim do giro de consciência, no primeiro nível da evolução, a Centelha Cósmica é ainda totalmente imersa nas Consciências Diretora e de Grupo sendo, desta forma, indiferenciada em nível individual. Gradativamente, destaca-se desta Fonte, como o peixe destaca-se do cardume, sem, contudo, separar-se da mesma, ou seja, sem perder sua condição de 'peixe'.

A ligação perene entre a Centelha e a Fonte Divina da qual emana possibilita à primeira manter uma Sabedoria Cósmica que transcende as diversas formas nas quais imerge a fim de desenvolver sua personalidade individual. A finalidade da criação de sucessivas consciências transitórias, e de sua imersão em níveis de energia mais densos, é adquirir a maior quantidade de experiências possíveis que levem a personalidade primitiva a ampliar o conhecimento tanto de si mesma, quanto dos meios e das energias a partir das quais é criada. Isto a possibilitará ir gradativamente aproximando-se mais e mais da forma e do conteúdo que o Self possui em essência.

Dito de outra forma: as Energias Primordiais ou Arquétipos que formam as Centelhas deste Universo são Seres já plenamente desenvolvidos e, por isso mesmo, as Centelhas formadas por eles têm em forma latente toda a sabedoria e conhecimento destes Seres. Contudo, a individualidade aqui criada não possui desde o princípio a 'experiência' e a plena consciência de si mesma que estes Seres adquiriram em universos já extintos, sendo, portanto, necessário que esta Centelha interaja com todas as formas de energia, das mais densas às mais sutis, a fim de conseguir alcançar o estágio de plena integração com o Cosmo. Compreendemos bem isto através de uma metáfora simplificada: imaginemo-nos filhos de um dono de empresa que, antes de nos passar o seu cargo diretor, fizesse com que exercêssemos todas as funções dentro da empresa, de faxineiro a guarda noturno, passando em seguida pelas diferentes gerências, até finalmente atingirmos o conhecimento prático necessário para chegarmos na diretoria.

O tema do Self é, seguramente, o mais 'transcendental' da psicanálise reencarnacionista, pois exige que consigamos manter em mente que uma Fonte perfeita parte de um estágio latente e, ao longo dos milênios, retorna à si mesma, agora plena de experiências. Se quisermos entender este princípio em termos religiosos, basta nos lembrarmos que as tradições apregoam que fomos feitos à imagem e semelhança do Criador e saímos pela Eternidade à fora adquirindo experiências e vivências que nos levam a retornar a Ele. E, para que este retorno seja feito de forma consciente, faz-se necessário que, em dado momento, formemos uma individualidade que nos dá em princípio a ilusão de que estamos desconectados de nossa Origem. Esta parcela, esta Centelha, contudo, direciona nosso desenvolvimento até que voltemos novamente a termos plena consciência de que sempre estivemos e estaremos ligados a Quem nos criou.

Dentro deste raciocínio, e qualquer que seja a terminologia que utilizemos, o fato empírico é que somos muito mais do que um simples corpo e nossas vidas objetivas e subjetivas têm metas mais amplas que o simples nascer, crescer, procriar e degenerar até a morte. E estas metas incluem tanto as dores quanto os

prazeres que podem, ao longo dos milênios, nos levar à participação consciente na Criação e à aproximação, ou realinhamento, do ego com o próprio Self.

A consciência, como de resto toda Criação objetiva, evolui, desde o princípio, pelo atrito com as forças da matéria, seja ela matéria física, emocional ou mental. Estes atritos possibilitam o quantum de experiência necessária para que, em dado momento, comecemos a exercer escolhas e, a partir delas, adquiramos verdadeiramente um livre-arbítrio. É isto, como já foi dito, pressupõe uma consciência e um domínio de si mesmo que incluem a participação cooperativa com os planos dos mundos objetivo e subjetivo, participação esta que só é atingida quando não nos deixamos levar passivamente pelas ondas de energia instintiva e arquetípica.

Assim sendo, nossas 'dores' e 'prazeres transitórios' nada mais são que desafios a serem ultrapassados a fim de que continuemos nosso processo de evolução enquanto indivíduos e enquanto humanidade, pois tudo o que afeta indivíduos de forma privada repercute amplamente em todo o conjunto humano, conforme visto no Modelo Piramidal do Inconsciente.

O Self, enquanto Diretor da Consciência, tudo faz para nos lembrar e retificar nossas condutas, alinhando-nos com seus objetivos evolutivos. Contudo, ainda é da natureza do ego ou consciência objetiva, manter um certo isolamento e distância deste Centro Diretor, o que provoca uma tensão entre opostos que é, justamente esta, responsável pela gradativa ampliação da mesma consciência. Lembremos que o ego nas formas primitivas não está ainda diferenciado e tudo o que podemos ver é um 'oceano' de energia. Em dado momento, começa a se formar neste 'oceano' uma 'ilha', que aqui estamos chamando consciência. Esta 'ilha' precisa lutar para não ser novamente engolida pelo mar na qual está imersa e cria mecanismos de defesa que possibilitam a manutenção de sua frágil diferenciação.

Quando a 'ilha' não consegue manter estes mecanismos ativos, como acontece, por exemplo nas patologias psiquiátricas, o ego pode ser tragado pelas energias do 'oceano', perdendo a consciência de si mesmo. Por outro lado, é exatamente a ilusão de completo desligamento do 'oceano' que faz com que a ilha fique sujeita a ser invadida por ele. Em níveis ideais, portanto, a situação exige que a consciência mantenha uma 'proximidade segura': deve procurar alinhar-se com os objetivos da Centelha, mas não pode se deixar tragar pelas poderosas energias que circulam no inconsciente e que a formam, sob pena de perder sua individualidade e regredir temporariamente à fase de completa imersão no Inconsciente Coletivo.

Em sua estratégia de comunicação com o consciente, o Self utiliza amplamente de meios simbólicos, pois esta é a linguagem arquetípica, universal e, por isto mesmo, independente do tempo, do espaço ou da cultura a qual pertença a consciência. Nesses meios estão incluídos os sonhos, as sincronicidades, as fantasias, os insights, as projeções, as transferências, dentre outros. De acordo com Jung, o Self, que ele chamou também de Si-Mesmo, aparece em sonhos, mitos e contos de fadas, na figura de "personalidades superiores" como reis,

heróis, profetas, salvadores etc. ou na figura de símbolos de totalidade como o círculo, o quadrilátero, a *quadratura circuli* (quadratura do círculo), a cruz etc. Enquanto representa uma união dos opostos, também pode manifestar-se como dualidade unificada, como, por exemplo, no Tao, onde concorrem o Yang e o Yin. Mas também pode se apresentar neste caso como irmãos em litígio ou como o herói e seu rival, seja este um dragão ou um irmão-inimigo. Empiricamente, portanto, o Si-Mesmo aparece como um jogo de luz e sombra, ainda que seja entendido como totalidade e, por isso, como Unidade na qual convivem todos os opostos.

Quando compreendemos o sentido de totalidade, percebemos com clareza que o Self engloba todos os conteúdos do consciente e do inconsciente e se aproveita tanto das energias de um quanto de outro para sua manifestação objetiva. Enquanto este aproveitamento permanece 'invisível' para a consciência, ela usualmente caminha sem ouvir quaisquer outras razões que não sejam as estabelecidas pelo seu relacionamento objetivo e subjetivo. Contudo, em sua trajetória evolutiva, a consciência deverá, a partir de um determinado nível de experiências, assumir um estado de parceria com o Self. Esta parceria significa que a consciência deve se alinhar de boa-vontade aos objetivos do Self, aproveitando ao máximo cada oportunidade que este lhe colocar com a finalidade de sua evolução. E este alinhamento só é possível se aquela souber o que a Centelha verdadeiramente deseja. O conhecimento desses objetivos é conseguido quando o ego analisa e avalia o significado das mensagens que recebe e toma para com elas as responsabilidades e providências cabíveis.

Como já foi dito acima, quando a consciência permanece no que Goethe chamou de 'ineficiência permanente' o Self ativa, então, os arquétipos do inconsciente pessoal, familiar ou coletivo que sejam 'contrários' aos objetivos da consciência. A função desta ativação é levar ao realinhamento de propósitos, mas até que este realinhamento seja conseguido a consciência entra em um processo de sofrimento. Começam a se acumular as frustrações, as dores de cabeça, as oportunidades perdidas, as ansiedades, as angústias, os medos etc. e instalam-se as neuroses, as histerias, os transtornos de personalidade etc. que fazem com que a tensão interna aumente a cada dia.

Lembremos que em muitos momentos atribuímos a gênese destes transtornos ao bloqueio de energias naturais da psique que, do inconsciente, pressionam para sua realização. Analisando esta questão apenas do ponto de vista da Centelha, entendemos que a Ela interessa controlar, compreender e deixar fluir através de si a maior quantidade de Energia Impulsionante possível. Este fluxo, contudo, está sujeito às leis inerentes a cada plano de consciência no qual ela se encontra e, portanto, graduado pelo nível de energia no qual a consciência atua. Para atingir seus objetivos, o Self estará constantemente fazendo 'experimentos' aos quais nós, na matéria, chamamos de encarnações. Cada encarnação tem um projeto específico e, por isto mesmo, inclui um número limitado de atividades que são restritas a determinada encarnação. Dito de outra forma, a cada nova encarnação a consciência recebe um novo 'projeto' que inclui a expansão de

determinadas energias e o bloqueio de outras. E é exatamente este 'projeto' que justifica a encarnação de uma nova consciência.

Na visão reencarnacionista acreditamos que a Centelha não está isolada na elaboração deste projeto e em acordo com ela há guias e seres de elevada constituição espiritual que corroboram para o detalhamento de cada encarnação, ainda que o ego ou consciência objetiva, mesmo desencarnada, não tenha a menor percepção do quadro geral. E esta falta de percepção pode levar à personalidade a tomar um caminho que não é somente antagônico ao projeto estipulado, mas o compromete frontalmente. É o caso, por exemplo, do indivíduo que nasceu para ser um professor universitário e que na adolescência compromete toda sua estrutura neuronal através do consumo de drogas ou álcool tornando-se completamente incapaz de exercer a atividade programada. Nestes casos extremos o Self ou Centelha pode providenciar o cancelamento de uma encarnação, pois ela não atenderá mais a seus propósitos evolutivos. Neste sentido, Jung é bastante enfático para provar, através de exemplos, que o Self pode sim 'decretar' a extinção do ego, seja pela fragmentação da consciência, seja pela morte física. Com a sabedoria do tempo infinito, a Centelha não se apega à 'ilha' e pode fazê-la submergir novamente no mar a fim de recriá-la adiante. Em qualquer circunstância, inclusive no fracasso temporário do ego, estará de toda forma ampliando o cabedal de suas experiências.

Da perspectiva do Ego, com o passar dos anos, o quadro de tensão e sofrimento imposto pelo atrito entre as energias inconscientes e os propósitos da consciência se transforma em um verdadeiro martírio e o desequilíbrio acumulado na mente e no emocional vai, de forma progressiva, chegando ao corpo físico na figura de depressões, enxaquecas, infecções recorrentes, alergias, enrijecimento das juntas ou mesmo acidentes de trânsito ou trabalho, fracassos emocionais ou profissionais etc., que têm o propósito de fazer o ser encarnado voltar-se para dentro de si mesmo e reavaliar os propósitos de sua existência.

Algumas pessoas argumentam que essa teoria só se aplica aos adultos e não há como dizer que um bebê, vítima de uma doença congênita ou um acidente em tenra idade, esteja 'fora das diretrizes de sua alma'. Nesse sentido restrito, realmente não está, pois não teve tempo ainda para fazer por si qualquer coisa. Contudo, devemos nos lembrar que o Self ou Centelha Cósmica está além do corpo físico e não teríamos como julgar ou mesmo avaliar a função de uma doença ou limitação para uma criança pequena se perdêssemos de vista esta peculiaridade transcendente do Self. Certamente o Centro Diretor da Vida estabeleceu essas condições limitantes como elementos para a formação de uma consciência espiritual mais ampla e elas são uma espécie de desafio que deverá fortalecê-la e restabelecer pelo sofrimento o equilíbrio anteriormente perdido. Se virmos a criança como vítima do destino e ignorarmos que há algo de Eterno e Transcendente naquele diminuto corpo, não estaremos fazendo-lhe nenhum favor, pois o papel de vítima exclui, de pronto, todo e qualquer esforço para superação dos próprios limites.

a) Símbolos do Self

Vimos, acima, que Jung coloca dois níveis de representação simbólica para o Self, detectados empiricamente através dos produtos do inconsciente, quais sejam os sonhos, as fantasias, os mitos, os contos de fadas etc. Estes níveis de representação são: o nível das figuras humanas e o nível transcendente ao humano, cujo representante é puramente simbólico. Compreendemos que um símbolo é sempre um produto de natureza altamente complexa, pois se compõe de dados de todas as funções psíquicas, não pertencendo exclusivamente nem a natureza racional e a natureza irracional. Sendo assim, a carga de pressentimento e de significado contida no símbolo afeta tanto o pensamento quanto o sentimento, e a plasticidade que lhe é peculiar, quando apresentada de modo perceptível aos sentidos, mexe com a sensação e a intuição.

Disto se conclui que é inteiramente impossível conseguir dissecar um símbolo vivo a ponto de podermos ter diante de nossos olhos todos os seus elementos e, desta forma, o que caracteriza um símbolo é exatamente a capacidade que ele tem de manter parte de seu significado fora do alcance da definição consciente por transcendê-la em muito. Compreendemos que o símbolo é uma representação cuja origem remonta aos Arquétipos e, como já o dissemos tantas vezes, não há como a mente humana explicar um arquétipo. Para apreender-lhe parte do significado, faz-se necessário a utilização de recursos que beiram à pura meditação e, ainda assim, muito de sua energia ficará fora de nosso alcance cognitivo.

No nível de representação ligado ao humano, quais sejam as “personalidades superiores”, os símbolos do Self fazem relação direta com a sabedoria, a experiência e a capacidade de utilização de poderes que transcendem os limites da consciência. Contudo ele também pode aparecer neste nível como um ser humano antagônico à consciência com poder e força para destruí-la, como por exemplo um rei mau ou uma bruxa abjeta que perseguem o ego. E o que irá nos capacitar para diferenciar uma representação do Self de uma representação da Sombra é a idade ou ‘superioridade’ do símbolo escolhido por ele para se apresentar. Compreendemos que seu aparecimento nos produtos do inconsciente individual indica que o conteúdo por ele representado está parcialmente humanizado e que seu surgimento mostra uma potencialidade maior para que a consciência interaja de forma definida com estes conteúdos psíquicos. Neste nível, é possível à consciência interpretar com maior facilidade os objetivos e mensagens que o Self transmite, pois a leitura do símbolo constelado usualmente indica a energia que se torna disponível para utilização.

No nível puramente simbólico, quais sejam a cruz, as mandalas, o Tao etc., a consciência limita-se a uma atitude de contemplação e receptividade, pois a energia disponível nestes símbolos não pode ser explicada ou melhor compreendida, sob pena de querer reduzir o símbolo a uma coisa morta, ou mesmo aplicada de maneira ‘meramente racional’ pela consciência. A energia

subjacente à contemplação do símbolo atua de forma direta apenas nas funções da intuição e da sensação, não sendo passível que a transferência de seu significado para as funções do pensamento e do sentimento ocorra pela vontade do ego, mas somente como subproduto da contemplação intuitiva/sensitiva.

Em quaisquer dos casos onde haja o aparecimento de um símbolo do Self nos produtos espontâneos do inconsciente, a consciência deve colocar-se em uma atitude de humildade, pois nenhum de seus esforços para abarcar toda a amplitude do símbolo constelado terá sucesso absoluto. Mas quando o símbolo ultrapassa o nível da representação humana, esta atitude humilde deverá ser levada ao extremo, pois torna-se então a única que possibilitará algum contato real com a energia viva que o Self está procurando transmitir para a consciência.

O surgimento destes símbolos usualmente acompanha um novo estágio no desenvolvimento e tem como consequência direta uma reorganização da consciência. O poder dos símbolos do Self pode ser empiricamente comprovado pela elaboração consciente das mandalas ou pelo produto resultante de seu aparecimento espontâneo nos sonhos. Quando a consciência se encontra em um nível de confusão ou desconexão com o Self, ou quando se inicia um novo estágio em seu desenvolvimento, é fácil que encontremos um ou mais sonhos significativos nos quais os símbolos do Self se constelam exatamente com esta função organizadora. É como se o Self viesse em seu socorro e o aparecimento onírico disponibilizasse para a consciência exatamente a energia que ela precisa naquele dado momento.

8) Processo de Individuação

Jung define a individuação como um processo de formação e particularização do Ser individual. A ênfase é o desenvolvimento do indivíduo como Ser distinto do conjunto e do coletivo. Contudo ele adverte que “uma vez que o indivíduo não é um ser único mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também o processo de individuação não leva ao *isolamento*, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e abrangente.”¹¹

Por norma coletiva entendemos o conjunto de regras implícitas e explícitas que determinam o comportamento social do Ser e o colocam em relação de paridade com o outro. A norma, contudo, tem a capacidade de planificar o comportamento, aparando as arestas individuais em benefício do conjunto, seja este conjunto uma família, um grupo ou toda uma comunidade. A individuação, desta forma, procura resgatar o que há de único e individual na consciência, destacando-a da ‘norma’.

¹¹ Jung, Oc, volume VI, parágrafo 853.

Ela não está, contudo, orientada 'contra a norma', ou seja, ela não tem o objetivo de destruir a validade da norma para o conjunto da coletividade, o que apenas uma outra norma poderia fazer; seu objetivo é trazer um 'outro modo' de se portar e se relacionar com os mundos objetivo e subjetivo, modo este que transcende a maneira usual de relacionamento por incluir a totalidade das funções da consciência.

Dito de outra forma, a individuação é um processo pelo qual a consciência procura atingir formas de percepção que estavam até então ocultas de sua observação e indisponíveis em seu inconsciente. Pela ordem natural, este processo sucede-se ao processo de adaptação ao mínimo necessário de normas coletivas, ou seja, antes de romper com o padrão estabelecido e ir além deste padrão, o indivíduo deve procurar enraizar-se nele a fim de ter uma base sólida sobre a qual possa construir os novos 'andares' de sua consciência.

Em termos práticos isto significa que a consciência deve estar plenamente adaptada ao mundo objetivo e subjetivo antes de partir para uma viagem que reveja os elementos desta adaptação em níveis individuais; e este é o motivo pelo qual Jung estabelecia o início do processo de individuação deveria se dar preferencialmente a partir da meia idade, pois supõe-se que, na média, a consciência esteja suficientemente enraizada no mundo e referenciada na encarnação por volta da meia idade. Em termos psicológicos, este conceito deixa claro que a consciência deve exercitar-se ao máximo na função escolhida como a principal, antes de procurar integrar em si as formas de atitude disponíveis pela função oposta à consciência.

Esta integração, contudo, ser-lhe-á pedida em algum momento de sua encarnação, pois, como vimos, a excessiva dependência da função dominante é a garantia para que as funções descartadas provoquem o abalo da primeira a fim de levá-la a considerar que existem outras maneiras de atitude, todas válidas.